

LÍVIA CONSTANCIO DE SIQUEIRA

**FLORÍSTICA E ETNOBOTÂNICA DE LEGUMINOSAE ADANS. NA
SERRA DO BRIGADEIRO, MINAS GERAIS, BRASIL**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do Programa de Pós-
Graduação em Botânica, para obtenção do título de
Doctor Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS- BRASIL
2015

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S618f
2015 Siqueira, Lívia Constancio de, 1982-
Florística e etnobotânica de Leguminosae Adans. na
Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brasil / Lívia Constancio
de Siqueira. - Viçosa, MG, 2015.
xv, 155f. : il. ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador : Flávia Cristina Pinto Garcia.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Fabaceae. 2. Biodiversidade. 3. Mata Atlântica.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Biologia Vegetal. Programa de Pós-graduação em Botânica.
II. Título.

CDD 22. ed. 583.74

LÍVIA CONSTANCIO DE SIQUEIRA

**FLORÍSTICA E ETNOBOTÂNICA DE LEGUMINOSAE ADANS. NA
SERRA DO BRIGADEIRO, MINAS GERAIS, BRASIL**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do Programa de Pós-
Graduação em Botânica, para obtenção do título de
Doctor Scientiae.

APROVADA: 23 de fevereiro de 2015.

France Maria Gontijo Coelho

João Paulo Viana Leite

Valquíria Ferreira Dutra

Irene Maria Cardoso
(Coorientadora)

Flávia Cristina Pinto Garcia
(Orientadora)

A minha tão amada família, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa pela infraestrutura e por minha capacitação profissional.

Ao Departamento de Pós-Graduação em Biologia Vegetal e ao Programa de Pós-Graduação em Botânica pela oportunidade da realização deste curso e obtenção do título de doutora.

Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da bolsa de doutorado através do projeto “Padrões de Diversidade de Leguminosas nos Biomas Brasileiros: ligando taxonomia e moléculas para o entendimento da evolução da biota do Brasil” por meio do Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES/FNDCT, Ação Transversal/FAPs Nº 47/2010, Sistema Nacional de Pesquisa em Biodiversidade (SISBIOTA BRASIL), sob a coordenação do professor Luciano Paganucci de Queiroz, da Universidade Estadual de Feira de Santana.

À professora Flávia Cristina P. Garcia pela orientação e ensinamentos durante a minha formação como pesquisadora.

Às professoras, coorientadoras, Irene Maria Cardoso e Maria Christina de Mello Amorozo por confiarem em mim e pela colaboração na realização deste trabalho.

À banca examinadora pelas correções e sugestões para a finalização desse trabalho.

Ao Instituto Estadual de Florestas (IEF) pela concessão da licença de campo.

Ao gerente do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), José Roberto Mendes de Oliveira e toda a sua equipe por todo apoio durante os trabalhos de campo.

Ao Sr. Jair Ferreira Daloz que esteve presente durante todo o trabalho etnobotânico. Por me ensinar sobre a vida, sobre as plantas, sobre o entorno, sobre os caminhos e os atalhos para se chegar a cada residência, cachoeiras e montanhas do PESB. Um grande motorista e um grande amigo!

Aos informantes da pesquisa etnobotânica e todos os moradores do entorno do PESB por compartilhar comigo informações, conhecimentos, momentos, cafés, almoços e caronas.

Aos meus estagiários, Lucas, Arthur, Cecília, Laura e Jordana que me acompanharam durante os trabalhos de campo e processaram o material vegetal no Herbário VIC.

Aos colegas da Pós-Graduação por todos os momentos que compartilhamos na salinha da pós. Ronaldo, Crístielle, Daniele, Alaísma, Evandro, Marcelo, Prímula e Nayarinha, muito obrigada!

Ao Adriano Valentin por toda a ajuda durante o processo de formatação da tese e principalmente pelo ombro amigo e palavras de apoio. Valentin, grande amigo!

Aos leguminólogos, José Martins Fernandes e Vanessa Terra por me mostrarem através do profissionalismo e dedicação o quanto a “nossa família” é fantástica.

Ao curador do Herbário Guido Pabst, Lúcio S. Leoni, pelo auxílio no trabalho de identificação botânica.

Aos funcionários do Herbário VIC, Ecologia e secretária da Pós-Graduação em Botânica pelo apoio e auxílio nos momentos em que precisei. Em especial ao Celso Antônio pelos ensinamentos diários e pelos conselhos de um pai.

Aos amigos do grupo Vips, Baiana, Gutierrez, Marta, Marina, Bruno, Renata, Alisson, Gilsão, Júnior Caiafa, João Paulo, Doce, Nana e família pelos momentos de descontração e alegria. Foram os melhores momentos!

Às amigas, Sol e Keila por torcerem sempre por mim. Obrigada pelas orações, meninas!

À minha querida amiga e professora, Beatriz Brasileiro, pelos conselhos e incentivo.

Á Glauzinha pela amizade e por ser uma grande parceira em qualquer situação.

Às minhas queridas amigas da república “As marmotas” por compartilharem comigo momentos do dia-a-dia. Fomos uma família muito “marmota”!

Ao Ely pelo apoio e por tornar a reta final desse trabalho bem mais leve. Foi bem mais fácil com a sua presença!

Á minha família que sempre me apoiou e incentivou aos estudos. Por todo amor dedicado a mim.

À Deus por me amparar nos momentos difíceis e me dar força interior para superar as dificuldades.

E enfim a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

BIOGRAFIA

Lívia Constancio de Siqueira, filha de Paulo Constancio de Siqueira e Miriam Reinoso Nogueira Constancio, nasceu em Mantena, Minas Gerais.

Ingressou no curso de Ciências Biológicas Bacharelado na Universidade do Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, Minas Gerais, graduando-se em 2004.

Em 2005, concluiu o curso de Ciências Biológicas Licenciatura na mesma instituição.

No ano de 2006, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Federal de Viçosa (UFV), defendendo a dissertação em abril de 2008.

Em 2008, foi professora de ecologia na Escola Técnica de Viçosa (ETEV), Minas Gerais.

Em 2009, foi professora de Etnobotânica, Evolução e Legislação Ambiental para o curso de Ciências Biológicas Licenciatura na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campus Carangola, Minas Gerais.

Em 2010, ingressou no mesmo programa de Pós-Graduação, defendendo a tese de doutorado em 2015.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	1
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	4
CAPÍTULO I: LEGUMINOSAE ADANS. NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO, ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL.....	7
RESUMO	8
ABSTRACT	8
1 INTRODUÇÃO	9
2 MATERIAL E MÉTODOS	10
1.2.1 Área de estudo	10
1.2.2 Estudo Florístico	12
1.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
1.3.1 Chave para identificação das subfamílias de Leguminosae do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.....	19
1.3.2 Tratamento Taxonômico.....	19
1.3.2.1 Caesalpinioideae	19
1.3.2.1.1 Chave para identificação dos gêneros de Caesalpinioideae no PESB.....	19
I Cassia L.	20
I.1 Cassia ferruginea (Schrad.) Schrad. ex DC.	20
II Chamaecrista Moench.	21
II.1 Chamaecrista desvauxii var. latistipula (Benth.) G.P. Lewis	21
II.2 Chamaecrista nictitans subsp. disadena (Steud.) H.S.Irwin & Barneby	22
II.3 Chamaecrista rotundifolia (Pers.) Greene var. rotundifolia. Mem.	23
III Senna Mill.	24
III.1 Senna cernua (Balb.) H.S. Irwin & Barneby	25
III.2 Senna hirsuta (L.) H.S. Irwin & Barneby	26
III.3 Senna macranthera var. micans (Nees) H.S. Irwin & Barneby	26
III.4 Senna macranthera var. nervosa (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	27
III.5 Senna multijuga (Rich.) H.S. Irwin & Barneby subsp. multijuga	28

III.6 <i>Senna multijuga</i> subsp. <i>lindleyana</i> (Gardner) H.S. Irwin & Barneby	28
III.7 <i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	29
III.8 <i>Senna pendula</i> var. <i>glabrata</i> (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	32
III.9 <i>Senna quinquangulata</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	32
IV Tachigali Aubl.	33
IV.1 <i>Tachigali paratyensis</i> (Vell.) H.C. Lima	34
1.3.2.2 Mimosoideae	35
1.3.2.2.1 Chave para identificação dos gêneros de Mimosoideae no PESB.....	35
1.3.2.2.2. Gêneros e espécies de Mimosoideae encontrados no PESB	36
I Abarema Pittier	36
I.1 <i>Abarema langsdorffii</i> (Benth.) Barneby & J.W. Grimes	36
II Albizia Durazz	37
II.1 <i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip ex Record.	37
III Calliandra Benth.	38
III.1 <i>Calliandra brevipes</i> Benth.	38
III.2 <i>Calliandra parviflora</i> (Hook. & Arn.) Speg.	39
IV Inga Mill.	39
IV.1 <i>Inga edulis</i> Mart.	41
IV.2 <i>Inga marginata</i> Willd.	42
IV.3 <i>Inga platyptera</i> Benth.	42
IV.4 <i>Inga schinifolia</i> Benth.	43
IV.5 <i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	43
IV.6 <i>Inga striata</i> Benth.	44
IV.7 <i>Inga subnuda</i> subsp. <i>luschnathiana</i> (Benth.) T.D.Penn.	45
IV.8 <i>Inga vulpina</i> Mart. ex Benth.	45
V Leucaena Benth.	48
V.1 <i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit.	48
VI Mimosa L.	48
VI.1 <i>Mimosa debilis</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	49
VI.2 <i>Mimosa diplotricha</i> C.Wright ex Sauvalle	49
VI.3 <i>Mimosa pigra</i> L.	50
VI.4 <i>Mimosa velloziana</i> Mart.	51

VII Piptadenia Benth.	51
VII.1 <i>Piptadenia adiantoides</i> (Spreng.) J.F. Macbr.	52
VII.2 <i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F. Macbr.	53
VII.3 <i>Piptadenia micracantha</i> Benth.	53
VII.4 <i>Piptadenia paniculata</i> Benth.	54
VIII Pseudopiptadenia Rauschert.	54
V.1 <i>Pseudopiptadenia contorta</i> (DC.) G.P. Lewis & M.P.Lima	55
IX Senegalia Raf.	55
IX.1 <i>Senegalia grandistipula</i> (Benth.) Seigler & Ebinger	56
IX.2 <i>Senegalia martiusiana</i> (Steud.) Seigler & Ebinger	56
IX.3 <i>Senegalia tenuifolia</i> (L.) Britton & Rose	57
X Stryphnodendron Mart.	58
X.1 <i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.	58
1.3.2.3 Papilionoideae	60
1.3.2.3.1 Chave para identificação de Papilionoideae no PESB.....	60
1.3.2.3.2. Gêneros e espécies de Papilionoideae encontrados no PESB.....	61
I Aeschynomene L.	61
I.1 <i>Aeschynomene falcata</i> (Poir.) DC.	61
II Ateleia (Moc. & Sessé ex DC.) Benth.	62
II.1 <i>Ateleia glazioveana</i> Baill.	62
III Bionia Mart. ex Benth.	62
III.1 <i>Bionia bella</i> Mart. ex Benth.	63
IV Cajanus Adans.	63
IV.1 <i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth.	64
V Calopogonium Desv.	64
V.1 <i>Calopogonium mucunoides</i> Desv.	65
V.2 <i>Calopogonium</i> sp.	65
VI Cleobulia Mart. ex Benth.	66
VI.1 <i>Cleobulia multiflora</i> Mart. ex Benth.	66
VII Clitoria L.	67
VII.1 <i>Clitoria falcata</i> Lam.	67

VIII Crotalaria L.	67
VIII.1 <i>Crotalaria breviflora</i> DC.	68
VIII.2 <i>Crotalaria incana</i> L.	69
VIII.3 <i>Crotalaria micans</i> Link.	69
VIII.4 <i>Crotalaria spectabilis</i> Röth.	70
IX Dalbergia L.f.	70
IX.1 <i>Dalbergia brasiliensis</i> Vogel	71
IX.2 <i>Dalbergia foliolosa</i> Benth.	71
IX.3 <i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton var. <i>frutescens</i>	72
IX.4 <i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth.	72
X Desmodium Desv.	75
X.1 <i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	75
X.2 <i>Desmodium affine</i> Schltdl.	76
X.3 <i>Desmodium incanum</i> DC.	76
X.4 <i>Desmodium leiocarpum</i> (Spreng.) G.Don.	77
X.5 <i>Desmodium uncinatum</i> (Jacq.) DC.	77
XI Erythrina L.	78
XI.1 <i>Erythrina falcata</i> Benth.	78
XI.2 <i>Erythrina speciosa</i> Andrews	79
XII Indigofera L.	79
XII.1 <i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	79
XIII Lablab Adans.	80
XIII.1 <i>Lablab purpureus</i> (L.) Sweet.	80
XIV Machaerium Pers.	81
XIV.1 <i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	81
XIV.2 <i>Machaerium brasiliense</i> Vogel	82
XIV.3 <i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.	83
XIV.4 <i>Machaerium stipitatum</i> Vogel	84
XIV.5 <i>Machaerium uncinatum</i> (Vell.) Benth.	84
XIV.6 <i>Machaerium villosum</i> Vogel	85

XV Ormosia Jacks.	85
XV.1 <i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms.	85
XVI Stylosanthes Sw.	86
XVI.1 <i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	86
XVI.2 <i>Stylosanthes</i> sp.	87
XVII Swartzia Schreb.	89
XVII.1 <i>Swartzia pilulifera</i> Benth.	89
XVIII Vigna Savi	90
XVIII.1 <i>Vigna adenantha</i> (G.Mey.) Maréchal	90
XVIII.2 <i>Vigna speciosa</i> (Kunth) Verdc.	91
XIX Zornia J.F.Gmel.	91
XIX.1 <i>Zornia curvata</i> Mohlenbr.	92
XIX.2 <i>Zornia latifolia</i> Sm.	92
CONCLUSÕES.	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

CAPÍTULO II: ETNOBOTÂNICA DE LEGUMINOSAE ADANS. NA SERRA DO BRIGADEIRO, ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL	100
RESUMO	101
ABSTRACT	102
INTRODUÇÃO	103
MATERIAL E MÉTODOS	105
1. Área de Estudo	105
2. História e caracterização do município de Araponga	107
3. História e caracterização do município de Fervedouro	108
4. Coleta de dados	109
RESULTADOS E DISCUSSÃO	112
1. Perfil do Informante	112
2. Aspectos Econômicos	113
3. Delimitação das Categorias de Uso	114
4. Estudo Etnobotânico de Leguminosae Adans.	117
5. Categorias de Uso	121

5.1 Alimento para o Homem	121
5.2 Alimento para animais	123
5.3 Cerca	124
5.4 Cerca viva	124
5.5 Construção	125
5.6 Grudar	126
5.7 Lenha	126
5.8 Medicinal	129
5.9 Místico	130
5.10 Mobiliário	131
5.11 Ornamental	132
5.12 Outros Usos	133
5.13 Sem Uso	135
5.14 Tecnologia	136
6. Importância Relativa das Espécies	137
CONCLUSÕES	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
APÊNDICES	148
A: Levantamento bibliográfico sobre o uso de Leguminosae	149
B: Ficha de cadastro dos entrevistados	151
C: Ficha de levantamento das espécies	152
D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	153
CONCLUSÕES GERAIS	154

RESUMO

SIQUEIRA, Livia Constâncio, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2015. **Florística e etnobotânica de Leguminosae Adans. na Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brasil.** Orientadora: Flávia Cristina Pinto Garcia. Coorientadoras: Irene Maria Cardoso e Maria Christina de Mello Amorozo.

Leguminosae Adans. é a terceira maior família entre as angiospermas, apresenta distribuição cosmopolita, com centro de diversidade nos trópicos. Conta com aproximadamente 19.325 espécies e está subdividida em três subfamílias: Caesalpinioideae, Mimosoideae e Papilionoideae. No Brasil, ocorrem 2.753 espécies, destas, 964 ocorrem na Floresta Atlântica, sendo 11 endêmicas deste domínio e 528 em Minas Gerais. A família é de grande importância econômica sendo utilizada como alimentação, madeira, sombra, ornamental, lenha, medicinal e adubo, além de outros usos. O trabalho consiste no levantamento florístico e etnobotânico das espécies de Leguminosae ocorrentes no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB). O Parque está localizado na Zona da Mata Mineira, nas latitudes 21° e 20°21'S e longitudes 42°20' e 42°40'W, e detém grandes áreas dos remanescentes da Floresta Atlântica. Este estudo está apresentado em dois capítulos. No primeiro objetivou-se conhecer a composição florística das Leguminosae ocorrentes nas diferentes fitofisionomias do PESB, bem como, a elaboração de chave para identificação, ilustrações botânicas, comentários com caracteres diagnósticos, de distribuição geográfica, hábito, períodos de floração e frutificação das espécies. No segundo foi realizado o levantamento etnobotânico das espécies de Leguminosae utilizadas por comunidades rurais localizadas próximas às portarias da Sede do Parque, nos municípios de Araçuaia e Fervedouro, entorno do PESB, identificando as categorias de uso estabelecidas pelos informantes e analisando a importância relativa dessas espécies. No primeiro capítulo foram realizadas coletas mensais de material botânico no período de junho de 2011 a março de 2014. Para cada indivíduo amostrado, foram coletados ramos férteis submetidos à herborização de acordo com técnicas em botânica e depositados no acervo do Herbário VIC. A identificação taxonômica foi realizada com base na análise dos caracteres morfológicos, consultas à literatura especializada, comparação com material de herbário e envio a especialistas quando necessário. Foram identificadas 79 espécies, distribuídas em 33 gêneros e 12 tribos. Papilionoideae foi a subfamília mais representativa, com 39 táxons específicos e infra-específicos, seguida por Mimosoideae (26 táxons) e Caesalpinioideae (14 táxons). Os táxons arbóreos predominaram no PESB representando 41% das espécies,

seguido das lianas e trepadeiras (21%), subarbustos (15%), arbustos (11,5%) e ervas (10%). Das espécies levantadas no estudo taxonômico, 34 foram mencionadas no estudo etnobotânico (Capítulo II) para algum tipo de utilidade pelas comunidades do entorno do PESB. As informações etnobotânicas foram obtidas através de 23 entrevistas semi-estruturadas e abertas nas quais os informantes foram escolhidos através do método bola de neve. As entrevistas ocorreram sob a forma de turnê guiada. Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. No total foram citadas 56 espécies de Leguminosae agrupadas em 14 categorias de usos. Papilionoideae foi a mais citada com 27 espécies úteis (12 gêneros), seguida de Mimosoideae com 17 espécies (9 gêneros) e Caesalpinioideae com 10 espécies (7 gêneros). Foram estabelecidas 14 categorias de uso, das quais oito são êmicas (alimento para o homem, alimento para animais, lenha, cerca, móveis para casa, cerca viva, grudar e medicinal) e seis éticas (sem uso, construção, místico, tecnologia, ornamental e outros usos). “Alimento para o homem” e “Construção” foram as categorias que mais se destacaram em relação às outras, com 16 espécies citadas para cada. No total, “alimento para o homem” se destacou com 78 citações. Foram citadas 11 espécies de Leguminosae com maior importância de uso, destacando-se Mimosoideae com cinco espécies, Papilionoideae com quatro espécies e Caesalpinioideae com apenas duas espécies. Jacaré (*Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.) foi à espécie com maior concordância de uso (71,4%), sendo a mais reconhecida pelos informantes com um total de 21 citações. Devido à diversidade de Leguminosae utilizadas por comunidades rurais de Araponga e Fervedouro, pode-se concluir que a preservação dessas espécies é de grande importância para a manutenção das atividades diárias destes povos e para a conservação da biodiversidade da flora do PESB e seu entorno, bem como a valorização do conhecimento tradicional a respeito do uso das plantas. Leguminosae mostrou-se importante nas mais diversas categorias de uso e os informantes envolvidos no estudo possuem conhecimento sobre a vegetação, contribuindo para o saber tradicional.

ABSTRACT

SIQUEIRA, Livia Constância, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February 2015. **Floristics and ethnobotany of Leguminosae Adans. at Serra do Brigadeiro, Minas Gerais state, Brazil.** Adviser: Flávia Cristina Pinto Garcia. Co-advisers: Irene Maria Cardoso and Maria Christina de Mello Amorozo.

Leguminosae Adans. is the third largest angiosperm family. It has a cosmopolitan distribution, its center of diversity being located in the tropics. It has ca. 19,325 species and is subdivided in three subfamilies: Caesalpinioideae, Mimosoideae and Papilionoideae. In Brazil, there are 2,741 species, 957 of which occur in the Atlantic Rainforest, 11 of them being endemic to this domain, and 528 in Minas Gerais. The family has a high economic importance, being used as food, wood, shade, ornamental, firewood, medicinal and fertilizer, among others. This work consists of the florist and ethnobotanical study of the Leguminosae species occurring at Serra do Brigadeiro State Park (SBSP). The park is located at the Zona da Mata Mineira (Forest Region of Minas Gerais state), between latitudes 21° and 20°21'S and longitudes 42°20' and 42°40'W, and encompasses large areas of Atlantic Rainforest remnants. This study is divided into two chapters. The first one aimed to assess the floristic composition of the Leguminosae occurring across the SBSP phytophysionomies, as well as to elaborate an identification key, botanical illustrations, and comments with diagnostic characters, geographical distribution, habit, and flowering and fructification periods of the species. The second chapter aimed to perform the ethnobotanical study of the Leguminosae species used by rural communities located near the park entrance, at Araponga and Fervedouro municipalities, on the SBSP surroundings, identifying the categories of use reported by the informants and analyzing the relative importance of these species. For the study reported in the first chapter, collections of botanical material were made on a monthly basis from June 2011 through March 2014. From each sampled individual, fertile branches were collected and herborized according to usual botanical techniques and deposited in the VIC Herbarium collection. Taxonomic identification was made based on the analysis of morphological characters, review of specialized literature, comparison with herbaria material and assistance of specialists, whenever necessary. A total of 79 species were identified, distributed among 33 genera and 12 tribes. The Papilionoideae was the most representative subfamily, with 39 specific and infra-specific taxons, followed by Mimosoideae (26 taxons) and Caesalpinioideae (14 taxons). The tree taxons were predominant at SBSP, representing

41% of the species, followed by lianas and vines (21%), subshrubs (15%), shrubs (11.5%) and herbs (10%). Thirty-four species sampled in the taxonomic study were mentioned in the ethnobotanical one (Chapter II). The ethnobotanical data were obtained through 23 open semi-structured interviews, the informants of which were chosen through the snowball method. The interviews were made in the form of guided tours. Data was analyzed both quantitatively and qualitatively. Overall, 56 Leguminosae species were reported, which were grouped in 14 categories of use. The Papilionoideae was the most cited subfamily, with 27 useful species (12 genera), followed by the Mimosoideae, with 17 species (9 genera) and the Caesalpinioideae, with 10 species (7 genera). Fourteen categories of use were established, eight of which are emic (human food, animal food, firewood, fence, furniture, hedge, binding and medicinal) and six of which are ethical (no use, construction, mystical, technology, ornamental and other uses). “Human food” and “construction” were the largest categories, with 16 species reported to each. Overall, the former had 78 citations. Eleven Leguminosae species with the highest importance of use were cited: five Mimosoideae, four Papilionoideae and two Caesalpinioideae. “Jacaré” (*Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.) was the species with the highest concordance of use (71.4%), being the most reported one by the informants, with a total of 21 citations. In view of the diversity of the Leguminosae used by rural communities from Araponga and Fervedouro municipalities, the preservation of these species is greatly important to the maintenance of the daily activities of these peoples and to the conservation of the flora biodiversity on SBSP and its surroundings, as well as to the valorization of traditional knowledge regarding plant use. Leguminosae was revealed to be important in several categories of use. The informants involved in the study have knowledge on the local vegetation that contributes to their traditional knowledge.

INTRODUÇÃO GERAL

Leguminosae Adans. é a terceira maior família entre as angiospermas, conta com aproximadamente 19.325 espécies, reunidas em 730 gêneros e está, tradicionalmente, subdividida em três subfamílias: Caesalpinioideae, Mimosoideae e Papilionoideae (Lewis et al. 2005). A família apresenta distribuição cosmopolita, com centro de diversidade nos trópicos, sendo considerada uma das principais famílias em número de espécies, se destacando entre os diferentes tipos de vegetação (Polhill et al. 1981).

No Brasil, existem 2.727 espécies reunidas em 212 gêneros (Lima et al. 2014). No Domínio Atlântico é a segunda família mais diversa, onde ocorrem 961 espécies reunidas em 153 gêneros. Na Floresta Atlântica do estado de Minas Gerais foram reportadas 528 espécies e 122 gêneros, sendo 11 espécies endêmicas para o estado e para esse domínio fitogeográfico (Lima et al. 2014).

Morfologicamente, Leguminosae é caracterizada por apresentar folhas compostas, alternas, com pulvinos, presença de uma pétala adaxial diferenciada, ovário monocarpelar (Chappill 1995), e fruto do tipo legume com suas variações nucóide, samaróide e bacóide (Barroso et al. 1999).

A Serra do Brigadeiro está localizada na Zona da Mata Mineira, nas latitudes 21° e 20°21'S e longitudes 42°20' e 42°40'W (IEF 2007). Faz parte do complexo da Mantiqueira que, juntamente com a Serra do Mar, detêm grandes áreas de remanescentes da Floresta Atlântica (Couto & Dietz 1980; Lagos & Muller 2007). Considerado uma das reservas naturais mais importantes do estado de Minas Gerais, possui espécies raras, algumas em extinção e muitas ainda não catalogadas (Drummond et al. 2005). Sua área é caracterizada por apresentar Floresta Ombrófila Densa (Montana & Altomontana) e Campos de Altitude (IEF 2007).

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) desempenha um importante papel no que se refere à conservação in situ de espécies vegetais e animais da Floresta Atlântica (Bonfim et al. 2003; Leoni & Tinte 2004) e devido ao seu elevado número de espécies, é considerado de alto valor biológico (Drummond et al. 2005).

Estudos taxonômicos e florísticos realizados no PESB e seu entorno, mostram uma alta diversidade de espécies para Leguminosae. Ribeiro (2003) amostrou cinco espécies de

Leguminosae em Floresta Ombrófila Densa Altomontana no interior do parque; Soares et al. (2006) em Floresta Estacional Semidecidual Montana, no entorno do PESB, obteve 11 espécies de Leguminosae sendo uma das famílias mais representativas na área estudada; Saporetti-Junior (2005) amostrou 14 espécies em um trecho de Floresta Atlântica de Altitude no entorno do Parque, foi a família que apresentou maior riqueza de espécies; Silva et al. (2006) amostraram seis espécies de Leguminosae, duas identificadas apenas em nível de gênero, em Floresta Ombrófila Densa Montana; 48 espécies de Leguminosae, sendo 21 arbustivas, subarbustivas e trepadeiras foram amostradas em dois fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual localizados no entorno do PESB (Fernandes & Garcia 2008; Fernandes et al. 2011). O que mostra maior riqueza de espécies de Leguminosae para trabalhos que avaliaram apenas a família.

Algumas áreas do entorno do PESB são consideradas como Áreas de Proteção Ambiental (APA), nas quais os moradores podem cultivar e utilizar os recursos naturais de forma manejada e sustentável, através do conhecimento adquirido no campo, associado ao uso de tecnologias diferenciadas, como a utilização de sistemas agrofloretais, no intuito de minimizar os danos aos recursos ali disponíveis (Engevix 1995; IEF 2007).

Amorozo (1996) define a etnobotânica como sendo o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas. Para Hamilton et al. (2003) a etnobotânica constitui uma ponte entre o saber popular e o científico estimulando o resgate do conhecimento tradicional, a conservação dos recursos vegetais e o desenvolvimento sustentável.

São poucos os trabalhos sobre etnobotânica realizados no PESB e seu entorno. Siqueira (2008) realizou o estudo de árvores em Fragmentos Florestais e Sistemas Agrofloretais (SAFs) do entorno, porém não levantou dados sobre Leguminosae. Leite e colaboradores (2008) em um estudo sobre plantas medicinais em comunidades de Araponga e Fervedouro, entorno do Parque, amostrou 69 espécies, destas, apenas quatro são Leguminosae, sendo duas nativas do Brasil. O trabalho mais representativo sobre etnobotânica de Leguminosae na região foi o de Fernandes et al. (2014) que identificou 37 espécies em Fragmentos Florestais e 38 em SAFs, totalizando 59 espécies. Neste mesmo

trabalho os autores estabeleceram 12 categorias de usos para as Leguminosae utilizadas por agricultores agroecológicos de Araponga, MG.

Além da diversidade de espécies, Leguminosae apresenta grande importância econômica, pois suas espécies são utilizadas principalmente na alimentação do homem e animais por serem ricas em proteína (Lewis & Owen 1989). São utilizadas também no forrageamento, como madeira, sombra, ornamental, lenha, medicinal, pesticida, corante, goma e óleo essencial (Guarim-Neto & Morais 2003; Fonseca-Kruel & Peixoto 2004; Pinto et al. 2006; Florentino et al. 2007; Monteles & Pinheiro 2007). Em Sistemas Agroflorestais, Leguminosae, além de outras categorias de uso, foi citada como adubo, cobertura do solo, melífera e tecnologia (Fernandes et al. 2014).

As comunidades podem ser bons modelos, sobre os quais o saber científico, historicamente construído, pode se basear (Albuquerque & Andrade 2002). A investigação etnobotânica pode desempenhar funções de grande importância como reunir informações acerca de todos os possíveis usos de plantas (Caballero 1983) e contribuir para o reconhecimento da diversidade da flora.

A realização desse estudo originou-se da necessidade de se conhecer a diversidade de Leguminosae no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, uma vez que, não há nenhum outro levantamento florístico específico da família, incluindo informações sobre habitats preferenciais e formações vegetacionais das espécies ocorrentes em todo o território do parque. São poucos os trabalhos que abordam Leguminosae, visto que, a região do PESB apresenta grande extensão territorial de Floresta Atlântica.

Nas áreas do entorno do parque habitam moradores que utilizam recursos da vegetação local em suas atividades diárias, assim, faz-se necessário o resgate do conhecimento popular a respeito do uso de plantas por moradores do entorno do PESB, pois só se pode preservar o que é conhecido e proveitoso.

Este estudo poderá contribuir para a atualização do plano de manejo do PESB e para a conscientização da importância biológica e cultural de seu entorno, além de fornecer informações taxonômicas, ecológicas, período de floração e frutificação das espécies de Leguminosae.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, U.P. de. & Andrade, L. de H.C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16: 273-285.
- Amorozo, M.C.M. 1996. A abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. In: Di Stasi, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciência, Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, p.47-68.
- Barroso, G.M.; Morim, M.P.; Peixoto, A.L. & Ichasso, C.L.F. 1999. **Frutos e sementes: morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas**. Imprensa Universitária. Viçosa, MG. 443p.
- Bonfim, V.R.; Ribeiro, G.A.; Silva, E. & Braga, G.M. 2003. Diagnostico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG. R. **Árvore** 27: 87-94.
- Caballero, J. 1983. Perspectiva para o el que hacer etnobotânico em México. In: BARRERA, A. (Ed.). **La etnobotânica: três pontos de vista e una perspectiva**. Xalapa: Inst. Nac. de Investigaciones sobre recursos bióticos, 25-28p.
- Chappil, J.A. 1995. **Cladistic analysis of the Leguminosae: the development of an explicit phylogenetic hypothesis**. In: M. Crisp & J.J. Doyle (eds.). *Advances in Legume Systematic 7: Phylogeny*. Royal Botanic Gardens, Kew, 1-9p.
- Couto, E.A. & Dietz, J.M. 1980. **Sugestões para a criação do Parque Nacional da Serra do Brigadeiro**. Imprensa Universitária, Viçosa. 26p.
- Drummond, G.M.; Martins, C.S.; Machado, A.B.M.; Sebaio, F.A. & Antonini, Y. 2005. **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversas, 222p.
- Engevix. 1995. **Caracterização do meio físico da área autorizada para criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – Relatório técnico final dos estudos – 8296-RE-H4-003/94 “VER. 1”**. Instituto Estadual da Floresta, BIRD/PRÓ-FLORESTA/SEPLAN, 34p.
- Fernandes, J.M. 2007. **Taxonomia e etnobotânica de Leguminosas Adans. em fragmentos florestais e sistemas agroflorestais na Zona da Mata Mineira**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 223f.
- Fernandes, J.M. & Garcia, F.C.P. 2008. Leguminosae em dois fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual em Araponga, Minas Gerais, Brasil: arbustos, subarbustos e trepadeiras. **Rodriguésia** 59: 525-546.
- Fernandes, J.M.; Garcia, F.C.P.; Siqueira, L.C. & Marotta, C.P.B. 2011. Leguminosae em Fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual, Araponga, MG: árvores e lianas. **Hoehnea** 38: 9-29.

- Fernandes, J.M.; Garcia, F.C.P.; Amorozo, M.C. de M.; Siqueira, L.C.; Marotta, C.P.B. & Cardoso, I.M. 2014. Etnobotânica de Leguminosae entre agricultores agroecológicos na Floresta Atlântica, Araponga, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia** 65: 539-554.
- Florentino, A.T.N; Araújo, E. de L. & Albuquerque, U.P. de. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 21: 37-47.
- Fonseca-Kruel, V.S. & Peixoto, A.L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18: 177-190.
- Guarim-Neto, G. & Morais, R.G. de. 2003. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: Um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica** 17: 561-584.
- Hamilton, A.C.; Shengji, J.P.; Kessy, J.; Khan, A.A.; Lagos-Witte, S. & Shinwari, Z.K. 2003. **The purposes and teaching of applied ethnobotany**. People and plants Working Paper 11. WWF, Godalming, UK. 72p.
- IEF. 2007. **Plano de manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Instituto Estadual de Florestas. Relatório Técnico. 112p.
- Lagos, A.R. & Muller, B. de L.A. 2007. Hotspot Brasileiro: Mata Atlântica. Duque de Caxias. **Saúde & Ambiente em Revista** 2: 35-45.
- Leite, J.P.V.; Fernandes, J.M.; Favaro, L.B.; Gontijo, D.C.; Marotta, C.P.B.; Siqueira, L.C.; Maia, R.T. & Garcia, F.C.P. 2008. Plantas medicinais no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. **MG Biota** 1: 16-34.
- Leoni, L.S. & Tinte, V.A. 2004. **Flora do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Estado de Minas Gerais, Brasil: Caracterização da vegetação e lista preliminar das espécies**. Carangola. MG. Gráfica São José, v.1. 91p.
- Lewis, G.P. & Owen, P.E. 1989. **Legumes of the Ilha de Maracá**. Royal Botanic Gardens, Kew. 99p.
- Lewis, G.P., Schrire, B.D., Mackinder, B.A. & Lock, J.M. 2005. **Leguminosae of the World**. Royal Botanic Gardens, Kew. 577 p.
- Lima, H.C. de, Queiroz, L.P., Morim, M.P., Souza, V.C., Dutra, V.F., Bortoluzzi, R.L.C., Iganci, J.R.V., Fortunato, R.H., Vaz, A.M.S.F., Souza, E.R. de, Filardi, F.L.R., Valls, J.F.M., Garcia, F.C.P., Fernandes, J.M., Martins-da-Silva, R.C.V., Perez, A.P.F., Mansano, V.F., Miotto, S.T.S., Tozzi, A.M.G.A., Meireles, J.E., Lima, L.C.P. , Oliveira, M.L.A.A., Flores, A.S., Torke, B.M., Pinto, R.B., Lewis, G.P., Barros, M.J.F., Schütz, R., Pennington, T., Klitgaard, B.B., Rando, J.G., Scaloni, V.R., Cardoso, D.B.O.S., Costa, L.C. da, Silva, M.J. da, Moura, T.M., Barros, L.A.V. de, Silva, M.C.R., Queiroz, R.T., Sartori, A.L.B. & Camargo, R. 2014. Fabaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do

Rio de Janeiro (Disponível em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000115>). Acesso em maio de 2014.

- Monteles, R & Pinheiro, C.U.B. 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra** 7: 43-51.
- Pinto, E. de P.P; Amorozo, M.C. de M. & Furlan, A. 2006. A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica. Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 751-762.
- Polhill, R.M., Raven, P.H. & Stirton, C.H. 1981. Evolution and Systematics of the Leguminosae. In: R. M. Polhill & P. H. Raven (eds.). **Advances in Legume Systematics, part 1**. Royal Botanic Gardens, Kew. 1-26p.
- Ribeiro, C.A. do N. 2003. **Florística e fitossociologia de um trecho de Floresta Atlântica de Altitude na Fazenda da Neblina, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 52f.
- Saporetto-Junior, A.W. 2005. **Composição florística e estrutura do componente arbóreo em um remanescente de Floresta Atlântica Montana, Araponga, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. MG. 84p.
- Silva, A.F.; Ferreira Júnior, W.G.; Dias, A.S.; Ribeiro, A.S. de S. & Tinte, B.V. 2006. **Relatório da Flora: Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Ambiente Brasil Centro de Estudos, Viçosa. 54p.
- Siqueira, L.C. 2008. **Levantamento florístico e etnobotânico do estrato arbóreo em sistemas naturais e agroflorestais, Araponga, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. MG. 118p.
- Soares, M.P.; Saporetto-Junior, A.W.; Neto, J.A.A.M.; Silva, A.F. da & Souza, A.L. 2006. Composição florística do estrato arbóreo de Floresta Atlântica interiorana em Araponga, Minas Gerais. **Revista Árvore** 30: 859-870.

CAPÍTULO I

LIVIA CONSTANCIO DE SIQUEIRA & FLÁVIA CRISTINA PINTO GARCIA

**LEGUMINOSAE ADANS. NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO,
ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL**

Leguminosae Adans. no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Zona da Mata de Minas Gerais, Brasil ¹

Leguminosae Adans. in the Parque Estadual the Serra of Brigadeiro, Zona the Mata of Minas Gerais, Brazil

Lívia Constâncio de Siqueira^{2,3} & Flávia Cristina Pinto Garcia²

¹Parte da tese de Doutorado da primeira autora, Universidade Federal de Viçosa

²Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Federal de Viçosa, Campus Viçosa.

Departamento de Biologia Vegetal, Av. P.H. Rolfs s.n., 36570-000, Viçosa, MG, Brasil

³Autor para correspondência: Lívia Constâncio de Siqueira, liviaconstancio@hotmail.com

Resumo

Leguminosae Adans. é a terceira maior família entre as angiospermas. Apresenta distribuição cosmopolita, com centro de diversidade nos trópicos. Conta com aproximadamente 19.325 espécies no mundo, 2.753 espécies no Brasil, 964 na Floresta Atlântica e 528 em Minas Gerais, sendo 11 endêmicas para o Estado. Este trabalho teve como objetivo realizar o estudo florístico das espécies de Leguminosae ocorrentes no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), localizado na Zona da Mata Mineira, nas latitudes 21° e 20°21'S e longitudes 42°20' e 42°40'W. Foram realizadas coletas entre junho/2011 a março/2014. As Leguminosae foram representadas por 33 gêneros e 79 espécies. Papilionoideae apresentou maior número de gêneros e espécies (19 e 39, respectivamente), seguida de Mimosoideae (10 gêneros e 26 espécies) e Caesalpinioideae (4 gêneros e 14 espécies). Entre as espécies estudadas na área, 41% são árvores, seguido de lianas e trepadeiras (21%), subarbustos (15%), arbustos (11,5%) e ervas (10%). Os gêneros com maior diversidade de espécies no PESB foram: *Senna* Mill. (9), *Inga* Mill. (8), *Machaerium* Pers. (6), *Desmodium* Desv. (5), *Mimosa* L., *Piptadenia* Benth., *Crotalaria* L. e *Dalbergia* L.f. (4 cada). *Senna macranthera* var. *micans* (Nees) H.S. Irwin & Barneby, *Senna quinquangulata* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby, *Stryphnodendron polyphyllum* Mart. e *Ateleia glazioviana* Baill. representam novas ocorrências para o estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: diversidade, florística, Fabaceae Floresta Atlântica e Floresta Estacional.

Abstract

Leguminosae Adans. is the third largest angiosperm family. It has a cosmopolitan distribution, its center of diversity being located in the tropics. It has ca. 19,325 species distributed around the world, 2,753 species in Brazil, 964 in the Atlantic Rainforest and 528 in Minas Gerais, 11 of them being endemic to this state. This work aimed to perform the floristic study of the Leguminosae species occurring at Serra do Brigadeiro State Park (SBSP), located at the Zona da Mata Mineira (Forest Region of Minas Gerais state), between latitudes 21° and 20°21'S and longitudes 42°20' and 42°40'W. Collections were made from June 2011 through March 2014. The Leguminosae was represented by 33 genera and 79 species. Papilionoideae showed the highest number of genera and species (19 and 39, respectively), followed by Mimosoideae (10 genera and 26 species) and Caesalpinioideae (4 genera and 14 species). Among the studied species, 41% are trees, followed by lianas and vines (21%), subshrubs (15%), shrubs (11.5%) and herbs (10%). The genera with the highest specific diversity at SBSP were: *Senna* Mill. (9), *Inga* Mill. (8), *Machaerium* Pers. (6), *Desmodium* Desv. (5), *Mimosa* L., *Piptadenia* Benth., *Crotalaria* L. and *Dalbergia* L.f. (4, each). *Senna macranthera* var. *micans* (Nees) H.S. Irwin & Barneby, *Senna quinquangulata* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby, *Stryphnodendron polyphyllum* Mart. and *Ateleia glazioviana* Baill. represent new occurrences to Minas Gerais state.

Keywords: Atlantic Rainforest, diversity, Fabaceae, floristics, Seasonal Forest

1.1 Introdução

Leguminosae Adans. é a terceira maior família entre as angiospermas, conta com aproximadamente 19.325 espécies, reunidas em 730 gêneros e, embora Caesalpinioideae seja parafilética com Mimosoideae, está subdividida em três subfamílias: Caesalpinioideae, Mimosoideae e Papilionoideae (Lewis et al. 2005). Suas espécies podem ser reconhecidas, morfológicamente, por apresentar folhas compostas, alternas, com pulvinos, presença de uma pétala adaxial diferenciada, ovário monocarpelar (Chappill 1995), e fruto do tipo legume com suas variações nucóide, samaróide e bacóide (Barroso et al. 1999).

A família apresenta distribuição cosmopolita, com centro de diversidade nos trópicos, sendo considerada uma das principais famílias em número de espécies, se destacando entre os diferentes tipos de vegetação (Polhill et al. 1981).

No Brasil, existem 2.753 espécies reunidas em 213 gêneros (Lima et al. 2014). No Domínio Atlântico é a segunda família mais diversa, onde ocorrem 964 espécies reunidas em 153 gêneros. Para o estado de Minas Gerais, 528 espécies e 122 gêneros ocorrem na Floresta Atlântica, sendo que 11 espécies são endêmicas para o estado e para esse domínio fitogeográfico (Lima et al. 2014).

A Serra do Brigadeiro está localizada na Zona da Mata Mineira, nas latitudes 21° e 20°21'S e longitudes 42°20' e 42°40'W (IEF 2007). Faz parte do complexo da Mantiqueira que, juntamente com a Serra do Mar, detêm grandes áreas dos remanescentes da Mata Atlântica (Couto & Dietz 1980; Lagos & Muller 2007). Considerado uma das reservas naturais mais importantes do estado de Minas Gerais, possui espécies raras, algumas em extinção e muitas ainda não catalogadas (Drummond et al. 2005). Sua área é caracterizada por apresentar Floresta Ombrófila Densa (Montana e Altomontana) e Campos de Altitude (IEF 2007).

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) desempenha um importante papel no que se refere à conservação in situ de espécies vegetais e animais da Floresta Atlântica (Bonfim et al. 2003; Leoni & Tinte 2004) e devido ao seu elevado número de espécies, é considerado de alto valor biológico (Drummond et al. 2005).

Estudos taxonômicos e florísticos realizados no PESB e seu entorno, mostraram uma grande diversidade de espécies para Leguminosae, sendo que, até o momento, foram

amostradas 77 espécies, destas, nove não apresentam material testemunho depositado. Ribeiro (2003) amostrou cinco espécies de Leguminosae em Floresta Ombrófila Densa Altomontana no interior do parque; Soares et al. (2006) em Floresta Estacional Semidecidual Montana, no entorno do PESB, inventariaram 11 espécies de Leguminosae, sendo uma das famílias mais representativas na área estudada; Saporetti-Junior (2005) amostrou 14 espécies de Leguminosae em um trecho de Floresta Atlântica de Altitude no entorno do Parque, e foi a família com maior riqueza específica; Silva et al. (2006) amostraram seis espécies de Leguminosae, duas identificadas apenas em nível de gênero, em Floresta Ombrófila Densa Montana, em dois fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual do entorno foram amostradas 48 espécies de Leguminosae sendo 21 para os hábitos arbustivos, subarbustivos e trepadeiras (Fernandes & Garcia 2008; Fernandes et al. 2011).

O presente trabalho fornece uma lista das espécies, bem como chaves para identificação, comentários sobre caracteres diagnósticos e ilustrações que auxiliam na identificação das espécies ocorrentes no PESB. São apresentados ainda dados sobre a distribuição geográfica, preferência por hábitat e período de floração e frutificação destas espécies.

1.2 Material e Métodos

1.2.1 Área de estudo

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) é uma das reservas naturais mais importantes do estado de Minas Gerais. Abrange um território de 14.984 hectares e ocupa parte dos municípios de Araponga, Divino, Ervália, Fervedouro, Miradouro, Muriaé, Pedra Bonita e Sericita (Figura 1). O Parque encontra-se inserido na Zona da Mata Mineira, nas latitudes 21° e 20°21'S e longitudes 42°20' e 42°40'W, ocupando o extremo norte da Serra da Mantiqueira, que, juntamente com a Serra do Mar, detém grandes remanescentes da Mata Atlântica (Engevix 1995; Dean 1996; IEF 2007).

A vegetação existente no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro é composta por Floresta Ombrófila Densa Montana, Floresta Ombrófila Densa Altomontana e por Complexos de Campos de Altitude (IEF 2007). Estas fitofisionomias estão sob o Domínio da Floresta Atlântica (Velloso et al. 1991; Rizzini 1997).

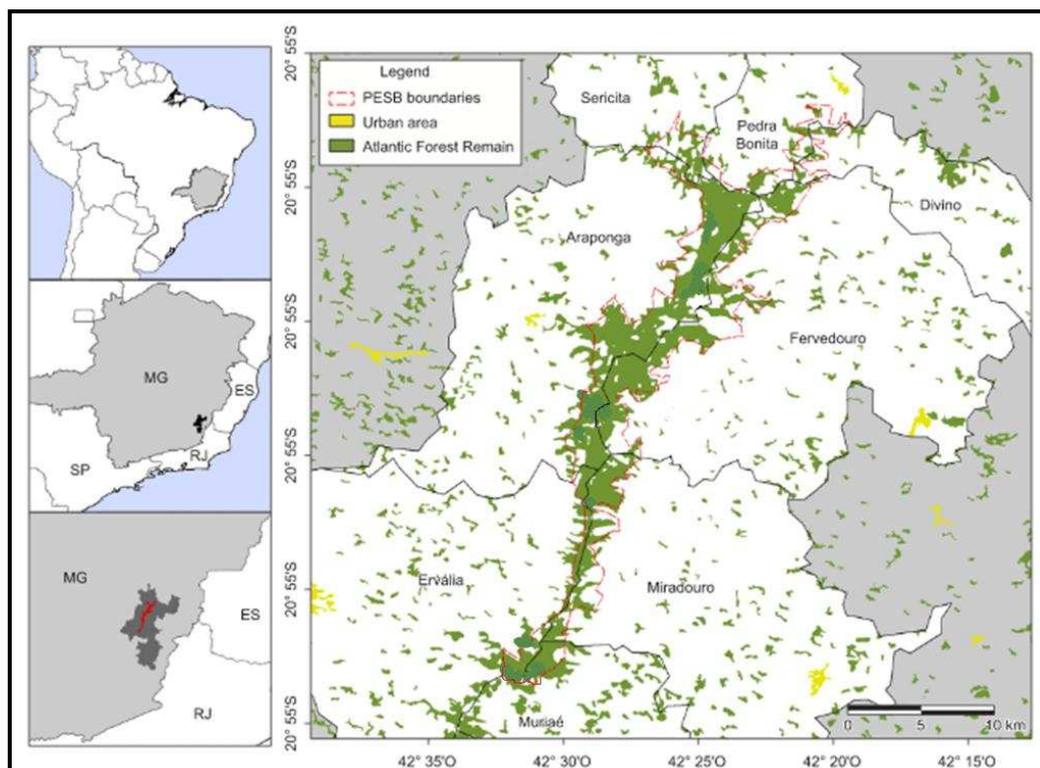


Figura 1: Localização do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brasil. (<http://www.redeambiente.org.br/planodemanejo>)

Quanto ao grau de conservação das florestas, cerca de 80% apresentam-se em estágio secundário, sendo que os 20% em estágio primário localizam-se em áreas de difícil acesso, acima de 1.500 m de altitude (Paula 1998; IEF 2007). Segundo Heidegger (2000), as áreas de florestas são, em sua grande maioria secundárias, provenientes da regeneração posterior ao grande desmatamento promovido nos anos 70.

Na classificação de Köppen, o clima da região é caracterizado como de Cw_b a Cw_a (mesotérmico) caracterizado por verões brandos a quentes e úmidos (Ribeiro 2003; IEF 2007). A temperatura média anual é de 18°C, no inverno em média de 10°C, e no verão 23°C (Engevix 1995; Rolim & Ribeiro 2001; IEF 2007).

A altitude exerce importante influência nas características climáticas do Parque, diminuindo as temperaturas e criando um microclima tipicamente serrano nas regiões mais elevadas, onde se pode notar a presença, em quase todo o ano, de neblinas cobrindo a serra (IEF 2007).

A precipitação anual varia de 1.200 a 1.800 mm (Golfari 1975; Rolim & Ribeiro 2001; IEF 2007), com período chuvoso, durante os meses de novembro a março, que é o mais quente, e por um período seco, de abril a outubro (IEF 2007).

O relevo é montanhoso com declividade variando de 20 a 45% nas encostas, com altitude média de 1.000 metros. A classe predominante de solo é o Latossolo: são solos profundos, bem drenados, ácidos e com baixa disponibilidade de nutrientes, em especial fósforo (Golfari 1975; IEF 2007).

1.2.2 Estudo Florístico

O estudo florístico consistiu de coletas mensais, da identificação científica do material coletado, da observação no campo do hábito, da elaboração de comentários sobre os caracteres diagnósticos das espécies, do levantamento na literatura sobre a distribuição geográfica, preferência por hábitat e períodos de floração e frutificação das espécies, ilustrações e elaboração de chaves para identificação das mesmas.

Foram realizadas 83 expedições para coleta de amostras de Leguminosae no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, durante o período de junho de 2011 a março de 2014. As coletas foram realizadas ao longo de trilhas e estradas pré-estabelecidas abrangendo toda a variação fitofisionômica encontrada nas formações vegetais existentes no Parque. As trilhas percorridas foram: Pico do Grama, Trilha da Lajinha, Trilha do Encontro, Trilha do Muriqui, Trilha do Moinho, Pedra do Pato, Serra das Cabeças, Trilha do Carvão, Trilha Pico do Boné, Pico do Cruzeiro, Careço, Região da Sede do Parque, Região da Fazenda do Brigadeiro, Estrada Portaria Araponga e Estrada Portaria Fervedouro.

As amostras coletadas foram compostas por cinco ramos férteis (presença de folhas, flores e/ou frutos) de cada indivíduo. No momento da coleta foram realizadas observações quanto à floração, frutificação, reconhecimento dos hábitos e das fitofisionomias em que as espécies ocorrem, bem como a sua documentação fotográfica. Os materiais coletados foram herborizados de acordo com as técnicas usuais em botânica (Bridson & Forman 1999).

A identificação a nível de espécie das amostras coletadas foi realizada com base na análise detalhada dos caracteres morfológicos, vegetativos e reprodutivos, com auxílio de estereomicroscópio, através de chaves analíticas para identificação, comparação com

diagnoses, descrições, ilustrações presentes na literatura taxonômica dos gêneros amostrados, consulta às coleções depositadas no Herbário VIC, da Universidade Federal de Viçosa, e Herbário Guido Pabst, da Faculdade Redentor do Rio de Janeiro, e confirmada por especialistas.

A classificação adotada para família, subfamílias, tribos e gêneros está de acordo com a proposta por Lewis et al. (2005). Após a identificação e confecção das exsicatas, o material foi registrado e depositado no acervo do Herbário VIC.

Foram fornecidos nomes populares para as espécies, obtidos no Capítulo II e na literatura.

As diagnoses dos gêneros e espécies foram elaborados com base na análise morfológica das amostras observadas e nas revisões taxonômicas dos gêneros estudados. A terminologia adotada foi baseada em Radford et al. (1974) e, os termos específicos foram obtidos nas revisões taxonômicas dos gêneros, exceto para o tipo de hábito, que foi caracterizado seguindo a classificação de Guedes-Bruni et al. (2002) e para os tipos de frutos, onde foi utilizada a classificação de Barroso et al. (1999).

Os dados sobre a distribuição geográfica dos táxons foram obtidos nas revisões taxonômicas e/ou estudos florísticos, informações contidas nas etiquetas das exsicatas das coleções consultadas e na Lista de Espécies da Flora do Brasil (2014).

As ilustrações dos caracteres diagnósticos das espécies foram realizadas com o auxílio de uma câmara clara acoplada a estereomicroscópio Olympus SZ2-ILST, utilizando material reidratado e conservado em álcool 70%.

As chaves para identificação dos gêneros e espécies amostradas no PESB foram elaboradas com base em caracteres morfológicos, vegetativos e reprodutivos, observados nos materiais examinados e informações de revisões taxonômicas.

1.3 Resultados e Discussão

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), Leguminosae está representada por 79 espécies, reunidas em 33 gêneros (Tabela 1) e 12 tribos (Tabela 2). Papilionoideae foi a subfamília que apresentou maior riqueza de gêneros e espécies (19 e 39, respectivamente), seguida por Mimosoideae (10 gêneros e 26 espécies) e Caesalpinioideae (4 gêneros e 14

espécies). Phaseoleae foi à tribo mais diversa em número de gêneros (8), seguida de Dalbergieae e Mimoseae (5) (Tabela 2). Os gêneros mais diversos em espécies no PESB foram: Senna (7 spp.), Inga (8 spp.), Machaerium (6 spp.), Desmodium (5 spp.), Mimosa, Piptadenia, Crotalaria e Dalbergia (4 spp. cada).

Tabela 1: Leguminosae no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Zona da Mata, MG, Brasil. H = hábito*: ar = arbóreo, ab = arbustivo, sb = subarbustivo, li = liana, tp = trepador, er = erva; O = Origem**: nt = nativa, nz = naturalizada; End = endemismo no Brasil: e = endêmica, n = não endêmica; Uso: C = espécie citada no Capítulo II, Nc = espécie não citada no Capítulo II.

Subfamílias/Espécies	H	O	End	Uso
Caesalpinioideae				
Cassia ferruginea (Schrad.) Schrad. ex DC.	ar	nt	n	C
Chamaecrista desvauxii var. latistipula (Benth.) G.P. Lewis	sb	nt	e	Nc
Chamaecrista nictitans subsp. disadena (Steud.) H.S.Irwin & Barneby	sb	nt	n	Nc
Chamaecrista rotundifolia (Pers.) Greene var. rotundifolia. Mem	er	nt	n	Nc
Senna cernua (Balb.) H.S. Irwin & Barneby	sb	nt	n	C
Senna hirsuta (L.) H.S. Irwin & Barneby	sb	nt	n	Nc
Senna macranthera var. micans (Nees) H.S. Irwin & Barneby***	ar	nt	e	Nc
Senna macranthera var. nervosa (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	ar	nt	e	C
Senna multijuga (Rich.) H.S. Irwin & Barneby subsp. multijuga	ar	nt	n	C
Senna multijuga subsp. lindleyana (Gardner) H.S. Irwin & Barneby	ab	nt	n	Nc
Senna obtusifolia (L.) H.S. Irwin & Barneby	sb	nt	n	Nc
Senna pendula var. glabrata (Vogel) H.S.Irwin & Barneby	ab	nt	n	C
Senna quinquangulata (Rich.) H.S. Irwin & Barneby***	li	nt	n	Nc
Tachigali paratyensis (Vell.) H.C. Lima	ar	nt	e	Nc
Mimosoideae				
Abarema langsdorffii (Benth.) Barneby & J.W. Grimes	ar	nt	e	Nc
Albizia polycephala (Benth.) Killip ex Record.	ar	nt	e	Nc
Calliandra brevipes Benth	ab	nt	n	C
Calliandra parviflora (Hook. & Arn.) Speg.	ar	nt	n	Nc
Inga edulis Mart.	ar	nt	n	C
Inga marginata Willd.	ar	nt	n	C
Inga platyptera Benth.	ar	nt	e	Nc

Subfamílias/Espécies	H	O	End	Uso
<i>Inga schinifolia</i> Benth.	ab	nt	e	Nc
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	ar	nt	e	C
<i>Inga striata</i> Benth.	ar	nt	n	C
<i>Inga subnuda</i> subsp. <i>luschnathiana</i> (Benth.) T.D.Penn.	ar	nt	e	Nc
<i>Inga vulpina</i> Mart. ex Benth.	ar	nt	e	C
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	ar	nz	n	C
<i>Mimosa debilis</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	er	nt	n	Nc
<i>Mimosa diplotricha</i> C.Wright ex Sauvalle	er	nt	n	C
<i>Mimosa pigra</i> L.	ab	nt	n	Nc
<i>Mimosa velloziana</i> Mart.	ab	nt	n	C
<i>Piptadenia adiantoides</i> (Spreng.) J.F. Macbr.	li	nt	e	Nc
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F. Macbr.	ar	nt	n	C
<i>Piptadenia micracantha</i> Benth	li	nt	e	Nc
<i>Piptadenia paniculata</i> Benth	ar	nt	e	Nc
<i>Pseudopiptadenia contorta</i> (DC.) G.P. Lewis & M.P.Lima	ar	nt	e	C
<i>Senegalia grandistipula</i> (Benth.) Seigler & Ebinger	li	nt	e	C
<i>Senegalia martiusiana</i> (Steud.) Seigler & Ebinger	li	nt	e	C
<i>Senegalia tenuifolia</i> (L.) Britton & Rose	li	nt	e	Nc
<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.	ar	nt	e	C
Papilionoideae				
<i>Aeschynomene falcata</i> (Poir.) DC.	sb	nt	n	Nc
<i>Ateleia glazioveana</i> Baill.***	ar	nt	n	Nc
<i>Bionia bella</i> Mart. ex Benth.	li	nt	e	Nc
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	ab	nz	n	C
<i>Calopogonium mucunoides</i> Desv.	tp	nt	n	Nc
<i>Calopogonium</i> sp.	tp	-	-	-
<i>Cleobulia multiflora</i> Mart. ex Benth.	li	nt	e	Nc
<i>Clitoria falcata</i> Lam.	tp	nt	n	Nc
<i>Crotalaria breviflora</i> DC.	sb	nt	e	C
<i>Crotalaria incana</i> L.	sb	nt	n	Nc
<i>Crotalaria micans</i> Link	ab	nt	n	C
<i>Crotalaria spectabilis</i> Röth	sb	nz	n	C
<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vogel	ar	nt	e	Nc
<i>Dalbergia foliolosa</i> Benth.	ar	nt	e	C

Subfamílias/Espécies	H	O	End	Uso
<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton var. <i>frutescens</i>	li	nt	n	C
<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth.	ar	nt	e	C
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	er	nz	n	C
<i>Desmodium affine</i> Schltl.	sb	nt	n	C
<i>Desmodium incanum</i> DC.	sb	nz	n	C
<i>Desmodium leiocarpum</i> (Spreng.) G. Don	sb	nt	n	Nc
<i>Desmodium uncinatum</i> (Jacq.) DC.	sb	nt	n	Nc
<i>Erythrina falcata</i> Benth.	ar	nt	n	C
<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	ar	nt	e	C
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	ab	nt	n	C
<i>Lablab purpureus</i> (L.) Sweet	li	nz	n	C
<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	ar	nt	n	Nc
<i>Machaerium brasiliense</i> Vogel	ar	nt	n	Nc
<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.	ar	nt	n	C
<i>Machaerium villosum</i> Vogel	ar	nt	n	Nc
<i>Machaerium stipitatum</i> Vogel	ar	nt	n	Nc
<i>Machaerium uncinatum</i> (Vell.) Benth.	li	nt	e	Nc
<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms.	ar	nt	e	Nc
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	er	nt	n	Nc
<i>Stylosanthes</i> sp.	er	-	-	-
<i>Swartzia pilulifera</i> Benth.	ar	nt	e	Nc
<i>Vigna adenantha</i> (G. Mey.) Maréchal	li	nt	e	Nc
<i>Vigna speciosa</i> (Kunth) Verdc.	li	nt	n	Nc
<i>Zornia curvata</i> Mohlenbr.	er	nt	n	Nc
<i>Zornia latifolia</i> Sm	er	nt	n	Nc

*Classificação de Guedes-Bruni et al. (2002).

**Fonte: Sprent (2001).

*** Nova ocorrência para o estado de Minas Gerais.

Tabela 2: Classificação dos gêneros de Leguminosae do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, em tribos de acordo com Lewis et al. (2005) exceto para a tribo Acacieae, conforme Orchard & Maslin 2003. Números entre parênteses correspondem ao número de táxons amostrados para gênero.

1. CAESALPINIOIDEAE	3. PAPILIONOIDEAE
Tribo Caesalpinieae Tachigali (1)	Tribo Crotalarieae Crotalaria (4)
Tribo Cassieae Cassia (1) Chamaecrista (3) Senna (9)	Tribo Dalbergieae Aeschynomene (1) Dalbergia (4) Machaerium (6) Stylosanthes (2) Zornia (2)
2. MIMOSOIDEAE	Tribo Desmodieae Desmodium (5)
Tribo Acacieae Senegalia (3)	Tribo Indigofereae Indigofera (1)
Tribo Ingeae Abarema (1) Albizia (1) Calliandra (2) Inga (8)	Tribo Phaseoleae Bionia (1) Cajanus (1) Calopogonium (2) Cleobulia (1) Clitoria (1) Erythrina (2) Lablab (1) Vigna (2)
Tribo Mimoseae Leucaena (1) Mimosa (4) Piptadenia (4) Pseudopiptadenia (1) Stryphnodendron (1)	Tribo Sophoreae Ormosia (1)
	Tribo Swartzieae Ateleia (1) Swartzia (1)

Os táxons arbóreos predominaram no PESB (Tabela 1) representando 41% das espécies, seguido das lianas e trepadeiras (21%), subarbustos (15%), arbustos (11,5%) e ervas (10%). Na listagem florística deste estudo (Tabela 1) foram identificadas seis espécies

introduzidas e naturalizadas no Brasil: *Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit, *Cajanus cajan* (L.) Huth, *Crotalaria spectabilis* Röth, *Desmodium adscendens* (Sw.) DC., *Desmodium incanum* DC. e *Lablab purpureus* (L.) Sweet. Duas espécies foram identificadas apenas em nível de gênero: *Calopogonium* (1sp.) e *Stylosanthes* (1 sp.) por falta de material vegetal completo (flor e fruto).

Das 79 espécies levantadas durante o trabalho taxonômico, 34 foram mencionadas no estudo etnobotânico (Capítulo II) para algum tipo de utilidade pelas comunidades do entorno do PESB (Tabela 1).

O presente estudo demonstrou uma maior riqueza de espécies (79 spp.) de Leguminosae quando comparado com outros trabalhos florísticos e taxonômicos realizados no PESB e seu entorno (Tabela 3). Esta elevada riqueza pode ser o resultado de um grande esforço amostral em campo, uma vez que foram realizadas 83 expedições botânicas na qual o foco do trabalho foi exclusivamente a família Leguminosae, enquanto a maioria dos trabalhos referidos na Tabela 3 é sobre levantamentos fitossociológicos que contemplam apenas o estrato arbóreo.

Tabela 3: Riqueza de espécies de Leguminosae em diferentes formações vegetacionais no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais. C = Caesalpinioideae; M = Mimosoideae; P = Papilionoideae; T = Total.

Referências	Vegetação	C	M	P	T
Este estudo (2014)*	Fl. Ombrófila e Campos de Altitude	14	26	39	79
Caiafa & Silva (2002)	Campo de Altitude	0	0	0	0
Ribeiro (2003)	Floresta Atlântica de Altitude	2	2	1	5
Leoni & Tinte (2004)	Fl. Ombrófila e Campos de Altitude	5	7	13	25
Saporetti-Júnior (2005)	Floresta Estacional Semidecidual	2	6	6	14
Soares et al., (2006)	Floresta Estacional Semidecidual	2	6	3	11
Plano de manejo PESB (2007)	Fl. Ombrófila e Campos de Altitude	0	3	3	6
Fernandes (2007)*	Floresta Estacional Semidecidual	11	11	26	48

*Exclusivo para Leguminosae

A área amostral do levantamento florístico deste trabalho foi o parque como um todo, com 15 mil hectares, o que abrange as três fitofisionomias: Campos de Altitude,

Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana, o que favoreceu a amostragem em tipos vegetacionais diferentes, possibilitando uma amostragem mais diversa, além do trabalho incluir o registro de espécimes de hábitos variados.

Em geral, a flora de Leguminosae resultante dos demais trabalhos botânicos realizados no PESB e seu entorno somam 77 espécies, destas 11 não foram amostradas neste trabalho. Estas espécies foram listadas nos trabalhos de Ribeiro (2003), Saporetti-Júnior (2005) e Soares et al. (2006) que não apresentam material testemunho depositado em Herbários, por isso, não foi possível checar as identificações para verificar se realmente são outras espécies ou engano na identificação.

1.3.1 Chave para identificação das subfamílias de Leguminosae do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (Adaptada de Polhill & Raven 1981)

- 1 Flores zigomorfas e sementes sem pleurograma.
 - 2 Cinco pétalas livres, sépalas geralmente livres entre si.....**Caesalpinioideae**
 - 2' Cinco pétalas, sendo as duas abaxiais parcialmente fundidas em forma de quilha, cálice gamossépalo.....**Papilionoideae**
- 1' Flores actinomorfas e sementes com pleurograma em forma de "U".....**Mimosoideae**

1.3.2 Tratamento Taxonômico

1.3.2.1 Caesalpinioideae

1.3.2.1.1 Chave para identificação dos gêneros de Caesalpinioideae no PESB

- 1 Nectário foliar sempre ausente.
 - 2 Estaminódios presentes; frutos legume..... Cassia
 - 2' Estaminódios ausentes; frutos criptossâmara..... Tachigali
- 1' Nectário foliar presente.
 - 3 Pedicelo com duas bractéolas; androceu actinomorfo; as vezes estaminódios presentes; legumes elasticamente deiscente..... Chamaecrista
 - 3' Pedicelo sem bractéolas; androceu zigomorfo; legumes indeiscentes ou quando deiscentes não elásticos.....Senna

1.3.2.1.2. Gêneros e espécies de Caesalpinioideae encontrados no PESB

I Cassia L., Sp. Pl. 1: 376. 1753.

Árvore; nectário foliar ausente; presença de duas brácteas no pedicelo; flor 3 estames abaxiais, filete sigmoide, curvo; fruto legume, indeiscente.

Apresenta cerca de 30 espécies distribuídas através dos trópicos e 12-13 espécies nativas das Américas (Lewis et al. 2005). O Brasil possui cerca de 11 espécies e seis variedades (Souza & Bortoluzzi 2014).

O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro exceto Piauí, Rio Grande do Norte e Espírito Santo. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Souza & Bortoluzzi 2014).

Os principais centros de diversidade são a Floresta Ombrófila Densa Amazônica e a Floresta Ombrófila Densa Atlântica, sendo encontrada também em áreas de Florestas Estacionais, Savana Estépica e Savana (Lima & Mansano 2011).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

I. 1. Cassia ferruginea (Schrad.) Schrad. ex DC., Prodr. 2: 489. 1825.

Nome popular: pira-coiana, canafrista (Lorenzi 2000a), marimari (Silva et al. 2004), chuva-de-ouro (Rando et al. 2013), canafista (Capítulo II).

Figura: 2 A-B.

Árvore; folíolos 14-46, oblongos; inflorescência racemosa, axilar, pendente; excessivamente aromática; fruto lomento drupáceo.

Ocorre nos estados de Tocantins, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná (Souza & Bortoluzzi 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Irwin & Barneby 1982; Souza & Bortoluzzi 2014).

No PESB ocorreu em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana em altitudes que variam de 800 a 1.000 m. Ocorre tanto no interior da floresta quanto na borda, sendo também encontrada ao longo das estradas. Floresceu e frutificou em outubro.

Material examinado: PESB, 21-X-2012, fl. e fr, L. C. Siqueira & F. Marcolino 757 (VIC);

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga, Fragmento da Lurdinha, 28-X-2006, fl., J.M. Fernandes 390 (VIC).

II *Chamaecrista* Moench., Methodus: 272. 1794.

Árvore, arbusto, subarbusto, erva (ereta ou prostada) ou liana (volúvel e trepadeira); folha composta paripinada, um a muitos pares de folíolos; nectário foliar côncavo; flor com duas bractéolas no pedicelo, sépala livre; fruto legume, elasticamente deiscente.

Espécies de *Chamaecrista* florescem e frutificam durante os períodos mais quentes do ano, concentrando-se durante o verão (Camargo & Miotto 2004). As flores lembram as de espécies dos gêneros *Cassia* e *Senna* (Queiroz 2009).

Apresenta cerca de 330 espécies no mundo. É um gênero pantropical com o centro de diversidade na América Tropical (Lewis et al. 2005). O Brasil possui cerca de 252 espécies, sendo 212 endêmicas (Souza & Bortoluzzi 2014).

Está distribuído por todo o território brasileiro e encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Souza & Bortoluzzi 2014). A Bahia é o centro de radiação deste gênero (Lima & Mansano 2011).

Algumas espécies de *Chamaecrista* podem ser confundidas, quando estéreis, com representantes de *Aeschynomene* devido ao tamanho das folhas e formato dos folíolos.

No PESB foram encontradas três espécies em áreas abertas, de pastagens, beira de estradas e clareiras de florestas.

Chave para identificação dos táxons de *Chamaecrista* Moench. no PESB

1 Nectário foliar presente; folíolos 2-23 pares.

2 Nectário foliar sésil, côncavo; folíolos 2 pares.....*C. desvauxii* var. *latistipula*

2' Nectário foliar estipitado; caliciforme; folíolos 17-23 pares.....*C. nictitans* subsp. *disadena*

1' Nectário foliar ausente; folíolos 1 par.....*C. rotundifolia* var. *rotundifolia*

II. 1. *Chamaecrista desvauxii* var. *latistipula* (Benth.) H.S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard. 35: 873. 1982.

Nome popular: prateada (Silva et al. 2004), mata-pasto, empenada (Lorenzi 2008).

Figura: 2 C.

Erva, subarbusto ou arbusto; estípula obovada, persistente; folíolos 2 pares; nectário foliar sésil, côncavo; fruto legume, plano-compresso.

Ocorre na Argentina, Brasil e Paraguai (Irwin & Barneby 1982). No Brasil é uma espécie endêmica e está distribuída por todos os estados da região Sudeste e Centro-Oeste, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Paraná, Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Souza & Bortoluzzi 2014).

Em Santa Catarina ocorre intensa produção de flores e de frutos no verão, sendo uma planta que ocorre em áreas degradadas de restinga, beira de estradas e de rodovias, principalmente, em ambientes ruderais (Bortoluzzi et al. 2007). A variedade *latistipula* é uma das doze variedades dentro de *C. desvauxii* que ocorrem no Brasil (Souza & Bortoluzzi 2014).

No PESB foi encontrada em áreas antropizadas, áreas abertas com muita luminosidade, porém, alguns espécimes, estavam em ambientes sombreados em beira de estradas. Floresceu e frutificou de dezembro a março.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 16-XII-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 786 (VIC).

II.2. *Chamaecrista nictitans* subsp. *disadena* (Steud.) H. S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard. 35: 826. 1982.

Nome popular: malícia-amarela (Silva et al.2004).

Figura: 2 D.

Subarbusto ou erva; estípula lanceolada, pubescente, persistente; folíolos 17-23 pares; nectário foliar estipitado; caliciforme; fruto legume, plano-compresso.

A subespécie ocorre no México, Panamá, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Guiana, Suriname e Brasil (Irwin & Barneby 1982). No Brasil, está distribuída por quase todo o território nacional, exceto nos estados do Mato Grosso, Rondônia, Tocantins, Distrito Federal, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro (Souza & Bortoluzzi 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Souza & Bortoluzzi 2014).

No PESB apresentou hábito subarbusivo e ocorreu em Floresta Ombrófila Densa Montana, em áreas abertas e antropizadas como beiras de estradas e bordas de trilhas. Floresceu e frutificou praticamente durante o ano todo com pico de floração e frutificação nos meses de fevereiro a outubro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 15-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 771 (VIC); 20-V-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 824 (VIC); 11-VI-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 846 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira & A.A. Silva 637 (VIC); 06-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 672 (VIC); 16-X-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 756 (VIC); 30-VII-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 866 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga, Fragmento da Eva, 25-II-2006, fl. e fr., J.M. Fernandes et al. 189 (VIC); SAF do Sr. Ângelo, 13-III-2006, fl. e fr., J.M. Fernandes 194 (VIC); SAF do Sr. João dos Santos, 14-III-2006, fl. e fr., J.M. Fernandes 204 (VIC); SAF da Rita, 04-IV-2006, fr., J.M. Fernandes 246 (VIC); Divino, 16-XII-2005, fl. e fr., J.M. Fernandes 125 (VIC).

II.3. Chamaecrista rotundifolia (Pers.) Greene var. **rotundifolia**. Mem. New York Bot. Gard., v. 35, n. 2, p. 731. 1982.

Nome popular: pasto-rasteiro (Silva et al. 2004), coração, alfafa-nativa, mata-pasto, acácia-rasteira, fedegoso (Lorenzi 2008), erva-do-coração (Queiroz 2009).

Figura: 2 E.

Subarbusto ou erva prostrada; estípula oval a lanceolada; folíolos 1 par; nectário foliar ausente; fruto legume, oblongo.

Apresenta ampla distribuição desde o oeste dos Estados Unidos e México, através da América Central, e América do Sul da Venezuela até o Uruguai (Rando et al. 2013). No Brasil ocorre em todos os estados da região Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, Rondônia, Tocantins, Paraná e Rio Grande do Sul (Souza & Bortoluzzi 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal (Souza & Bortoluzzi 2014). Na Caatinga ocorre como planta invasora em habitats degradados, entre 400 e 600 m de altitude. (Queiroz 2009).

No PESB foi encontrada em Floresta Ombófila Densa Altomontana em áreas abertas de clareiras, pastagens, beira de estradas e áreas antropizadas próximo a Sede do PESB. Floresceu e frutificou entre os meses de março a julho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro; Araponga; Estrada Portaria Araponga, 20-V-2013, fl. e fr., L. C. Siqueira 825 (VIC); Heliponto, 05-III-2012, fl. e fr., L. C. Siqueira 659 (VIC); 15-III-2012, fl. e fr., L. C. Siqueira 681 (VIC); Moinho do Zeca, 27-VII-2011, fl. e fr., L.C. Siqueira & J. Bessa 597 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga; Fragmento da Eva, 25-II-2006, fl. e fr., J. M. Fernandes 172 (VIC).

III *Senna* Mill., Gard. Dict. Abr. (ed.4) no. 3. 1754.

Árvore, arbusto, subarbusto, erva ou liana (volúvel e trepadeira); folha paripinada, folíolos opostos (2 a muitos pares); nectários foliares conexos, presentes na maioria das espécies; bractéolas ausentes; flor pentâmera, sépala livre, filetes dos estames maiores retos, com até duas vezes o comprimento das anteras, antera basifixa; fruto legume, deiscente ou raramente indeiscente, deiscência não elástica.

Gênero pantropical com cerca de 300 espécies, mais diverso nas Américas, porém, bem representado na África e Austrália, pobremente na Ásia e Oceania (Lima & Mansano 2011). No Brasil são encontradas 80 espécies, sendo 26 endêmicas (Souza & Bortoluzzi 2014).

O gênero está distribuído por todo o território brasileiro e encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Souza & Bortoluzzi 2014).

No PESB foram encontradas sete espécies, sendo uma delas representada por duas variedades.

Chave para identificação dos táxons de *Senna* Mill. no PESB

- 1 Árvore, arvoreta, arbusto ou subarbusto.
 - 2 Folíolos 2-9 pares.
 - 3 Nectários somente na base do pecíolo..... *S. hirsuta*
 - 3' Nectários entre os folíolos de cada par.
 - 4 Legume plano compresso.
 - 5 Estípula lanceolada.....*S. cernua*
 - 5' Estípula linear ou subulada.....*S. obtusifolia*
 - 4' Legume cilíndrico.
 - 6 Folíolos 2 pares.
 - 7 Nectário extrafloral fusiforme; folíolo face adaxial glabrescente e face abaxial tomentosa.....*S. macranthera* var. *micans*
 - 7' Nectário extrafloral piriforme; folíolo face adaxial esparso-serícea e face abaxial densamente pilosa.....*S. macranthera* var. *nervosa*
 - 6' Folíolos 5-6 pares.....*S. pendula* var. *glabrata*

- 2' Folíolos 15-35 pares.
- 8 Nectário extrafloral estipitado no pecíolo..... S. multijuga subsp. multijuga
- 8' Nectário extrafloral fusiforme, entre os folíolos do par basal..... S. multijuga subsp. lindleyana
- 1' Liana.....*S. quinquangulata*

III.1. *Senna cernua* (Balb.) H. S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard. 35: 419. 1982.

Nome popular: fedegoso-roxo.

Figura: 2 F.

Arbusto ou subarbusto; ramo jovem esparso-seríceo, estípula lanceolada, esparso-seríceo, decídua; nectário extrafloral cônico; folíolos 5-9; inflorescência racemosa; fruto legume, plano compresso, estreito, esparso seríceo; semente elíptica, enegrecida.

Está presente no Paraguai (Irwin & Barneby 1982). No Brasil, ocorre em todos os estados do Sudeste, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Paraná (Souza & Bortoluzzi 2014) e Mato Grosso (Irwin & Barneby 1982).

Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Floresta Atlântica e Cerrado (Souza & Bortoluzzi 2014), sendo comumente encontrada em Floresta de Encosta, ao longo de estradas, pastagens e em lugares cultivados (Irwin & Barneby 1982).

No PESB *Senna cernua* foi encontrada em estradas, áreas próximas à plantação de eucaliptos e em uma clareira na entrada da trilha da Pedra do Pato a uma elevação de 1.191 m, em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Apresenta odor intensamente desagradável. Flores de coloração amarelo-ouro intensa. Presença de muitas formigas na região do nectário. É reconhecida na área pelo pecíolo e pelos folíolos longos (3-8,9 x 1,5-3,4 cm), característica que a difere nas demais espécies encontradas na área estudada. Floresceu de dezembro a março.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro; Araçuaia; Estrada Portaria Araçuaia, 15-XII-2012, fl., L. C. Siqueira 775 (VIC); Fervedouro; Pedra do Pato, 06-III-2012, fl., L. C. Siqueira 665 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araçuaia; Fragmento da Lurdinha, 27-I-2006, fl. e fr., J. M. Fernandes 136 (VIC); 27-I-2006, fl. e fr., J. M. Fernandes 137 (VIC); SAF da Rita, 04-IV-2006, fl., J. M. Fernandes 248 (VIC).

III.2. *Senna hirsuta* (L.)H.S.Irwin & Barneby, *Phytologia* 44 (7): 499. 1979.

Nome popular: erva-de-bicho, fedegoso, fedegoso-peludo, feijão-bravo-amarelo, mata-preta, pajamarioba, pamarioba (Silva et al. 2004).

Figura: 2 G.

Arbusto ou subarbusto; ramo pubescente; estípula linear-lanceolada; folíolos 3-6 pares; nectário extrafloral na base do pecíolo, ovóide ou globoso, sésil; racemo axilar e/ou panícula terminal; fruto legume, comprimido, cilindróide; semente 1-seriada, oval, castanha.

Nativa, porém, não endêmica do Brasil (Souza & Bortoluzzi 2014). Está amplamente distribuída no Continente Americano, desde os Estados Unidos até a Argentina e Brasil (Irwin & Barneby 1982).

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste do Brasil, exceto Espírito Santo, e também no Acre, Pará, Roraima, Bahia, Ceará, Maranhão, Distrito Federal e Goiás. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Floresta Amazônica, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Souza & Bortoluzzi 2014). Cresce em campos arbustivos e em vegetação secundária (Rodrigues et al. 2005).

A espécie está pouco representada no PESB. Encontrou-se apenas um indivíduo de *S. hirsuta* em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a 1.354 m de altitude. Floresceu em agosto e frutificou em novembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro; Araponga; Sede do PESB, 03-IX-2012, fr., L. C. Siqueira & L.G. Pacheco 722 (VIC); 11-VI-2013, fr., L. C. Siqueira 849 (VIC).

III.3. *Senna macranthera* var. *micans* (Nees) H. S. Irwin & Barneby, *Mem. New York Bot. Gard.* 35: 185. 1982.

Figura: 2 J.

Árvore ou arbusto; ramo joven tomentoso; estípula caduca; folíolos 2 pares, distais com base assimétrica, glabrescente na face adaxial, tomentosa na face abaxial, nervuras com indumento amarelo; nectário foliar estipitado, fusiforme; fruto legume, cilíndrico, carnosos.

Espécie nativa e endêmica do Brasil (Souza & Bortoluzzi 2014). *Senna macranthera* var. *micans* era citada para os estados do Ceará, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte (Irwin & Barneby 1982; Souza & Bortoluzzi 2014), apresentando-se até o presente trabalho como uma variedade exclusiva da Caatinga, sendo esta uma nova ocorrência para o estado de Minas Gerais e para o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Souza & Bortoluzzi 2014).

Apresenta semelhança com *S. macranthera* var. *nervosa*, da qual difere especialmente pelo tamanho menor dos folíolos e frutos, número inferior de óvulos e menor porte (Silva et al. 2007).

No PESB foram amostrados indivíduos em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana e em bordas de fragmentos. Floresceu em março e frutificou em agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro; Araponga; Ermida, 14-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 762 (VIC); Fazenda da Neblina, 19-V-1991, fl., L.S. Leoni (GFJP 1571); 31-III-1995, fl., L.S. Leoni 2879 (GFJP); Serra da Araponga, 24-II-1994, fl., L.S. Leoni 2458 (GFJP); Trilha do Muriqui, 01-V-2013, fr., L.C. Siqueira 809 (VIC).

III.4. *Senna macranthera* var. *nervosa* (Vogel) H. S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard.35: 184. 1982.

Nome popular: manduirana, pau-fava, aleluia, cabo-verde, mamangá, ibixuna e tararaçu (Lorenzi 2000a); canjão, canjoão, fedegoso-bravo, São-João (Silva et al. 2004) e fedegoso (Fernandes et al. 2014).

Figura: 2 H-I.

Árvore; folíolos dois pares; nectário foliar piriforme entre os folíolos; fruto legume, longo, 30-40 cm comp. A variedade *nervosa* é reconhecida pelo cálice menor que 7 mm de comprimento e folíolos densamente-pilosos na face abaxial.

A espécie ocorre no Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. No Brasil, *S. macranthera* var. *nervosa*, está distribuída nos estados da Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo (Irwin & Barneby 1982), Distrito Federal e Mato Grosso. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Silva et al. 2007; Souza & Bortoluzzi 2014).

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro a espécie está bem representada, ocorrendo em áreas do entorno da floresta. Foi observada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana, maior altitude encontrada foi de 1.335 m. Floresceu de dezembro a março e frutificou em agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 16-III-2012, fl., L.C. Siqueira 685 (VIC); Sede, 14-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 765 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fl., L.C. Siqueira & A.A. Silva 634 (VIC); 27-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira 708 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais: Araponga, Entorno do PESB, 14-II-2006, fl., J.M. Fernandes 158 (VIC); Fragmento da Lurdinha, 14-II-2006, fl., J.M. Fernandes 184 (VIC); 26-III-2006, fl., J.M. Fernandes 244 (VIC); Fervedouro; Próximo a Serra da Araponga, 25-III-1993, fl., L.S. Leoni 2167 (GFJP).

III.5. *Senna multijuga* (Rich.) H. S. Irwin & Barneby subsp. **multijuga**, Mem. New York Bot. Gard. 35: 492. 1982.

Nome popular: canjiquinha, farinha-seca.

Figura: 2 K-L.

Árvore; folha composta paripinada; nectário foliar estipitado; estípula linear; inflorescência em panícula; fruto legume, deiscente.

No Brasil ocorre em todos os estados da região Sudeste, Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Bahia, Maranhão, Rio Grande do Norte, Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Souza & Bortoluzzi 2014). É uma espécie nativa do Brasil, porém, não é endêmica (Souza & Bortoluzzi 2014).

No PESB esta espécie ocorre em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana, bordas de fragmentos, em áreas abertas do entorno e alguns espécimes estavam próximos de cursos d'água. Bastante encontrada nas estradas que cortam a região do entorno do PESB. Floresceu de dezembro a abril e frutificou em fevereiro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estêvão Araújo, 21-IV-2012, fl., L.C. Siqueira 693 (VIC); Estrada Portaria Araponga, 14-II-2012, fr., L.C. Siqueira & A.A. Silva 640 (VIC); 15-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 773 (VIC); Serra da Gramma, 21-XII-1993, fl., L.S. Leoni 2425 (GFJP); Trilha Pico do Boné, 10-XII-2011, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 704 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fl., L.C. Siqueira & A.A. Silva 629 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais: Araponga, Fragmento da Lurdinha, 14-II-2006, fl., J.M. Fernandes 183 (VIC); 26-III-2006, fl., J.M. Fernandes 240 (VIC); 26-III-2006, fr., J.M. Fernandes 243 (VIC); 28-VI-2006, fr., J.M. Fernandes 303 (VIC); 16-XII-2006, fl., J.M. Fernandes 410 (VIC);

III.6. *Senna multijuga* subsp. **lindleyana** (Gardner) H. S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard. 35: 497. 1982.

Nome popular: caquera, aleluia (Lorenzi 1998); pau-cigarra (Silva et al. 2004).

Figura: 2 M-N.

Arvoreta; ramo tomentoso, lenticelado; estípula septiforme; folíolos 15–35 pares; raque tomentosa; nectário foliar fusiforme no par de folíolos basais e nos demais pares projeções rudimentares similares; folíolo oblongo, oblongo-elíptico; fruto legume, oblongo, plano-compresso, cartáceo, estipitado.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste do Brasil e na Bahia, Distrito Federal e Goiás. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica

(Souza & Bortoluzzi 2014). Em Floresta Atlântica comporta-se como uma planta de porte médio, decídua no inverno, heliófita, indiferente às condições físicas do solo e característica de vegetação secundária em estágio inicial de sucessão (Lorenzi 1998).

No PESB foi registrada em áreas de transição de floresta para Campos de Altitude e apresentou uma elevada abundância para esta fitofisionomia. Foi coletada em altitudes entre 1.115 m a 1.479 m. Floresceu em abril e frutificou em agosto e setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Lajinha, 03-IX-2012, fr., L.C. Siqueira 720 (VIC); 30-IV-2013, fl., L.C. Siqueira 800 (VIC); 30-IV-2013, fl., L.C. Siqueira 798 (VIC); 30-IV-2013, fl., L.C. Siqueira 799 (VIC); Pico do Gramma, 16-VIII-2011, fr., L.C. Siqueira & Bruno Tinti 907 (VIC); 29-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira 714 (VIC); 29-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira 715 (VIC); 29-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira 713 (VIC); 01-V-2013, fl., L.C. Siqueira 806 (VIC); Serra das Cabeças, 13-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & C.V. Miranda 735 (VIC); 13-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & C.V. Miranda 737 (VIC).

III.7. *Senna obtusifolia* (L.) H. S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard. 35: 252. 1982.

Nome popular: casca-puré, cássia-mata-pasto, fedegoso-grande, fedegoso-verdadeiro, mangerioba, mata-pasto-do-miúdo, mata-pasto-pequeno, mata-pasto-verdadeiro (Silva et al. 2004), mata-pasto, mata-pasto-liso, fedegoso, fedegoso-branco (Lorenzi 2008; Queiroz 2009)

Figura: 2 O.

Arbusto ou subarbusto; ramo glabrescente; estípula linear ou subulada; folíolos 2-3 pares; nectário foliar fusiforme, curto-estipitados ou sésseis, entre os folíolos do primeiro par, algumas vezes, também do segundo par; folíolo obovado, oblongo-elíptico ou suborbicular; racemo axilar; fruto legume, plano-compresso, quadrangular; semente irregularmente rômica, castanha.

Senna obtusifolia está distribuída do México até a Argentina, mas também é espontânea na África e Ásia tropicais (Irwin & Barneby 1982). Ocorre em todo o território brasileiro exceto no Amapá, Sergipe, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Souza & Bortoluzzi 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Pantanal (Souza & Bortoluzzi 2014).

No PESB foi encontrada em ambiente antropizado em uma elevação de 869 m de altitude. Esta planta apresenta um odor forte e repugnante. Foi realizada apenas uma coleta desta espécie, pois não foram encontrados outros indivíduos.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 11-VI-2013, fr., L.C. Siqueira & J.F. Daloz 850 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 11-VI-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 869 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais: Araponga, SAF da Rita, 04-IV-2006, fr., J.M. Fernandes 247 (VIC).

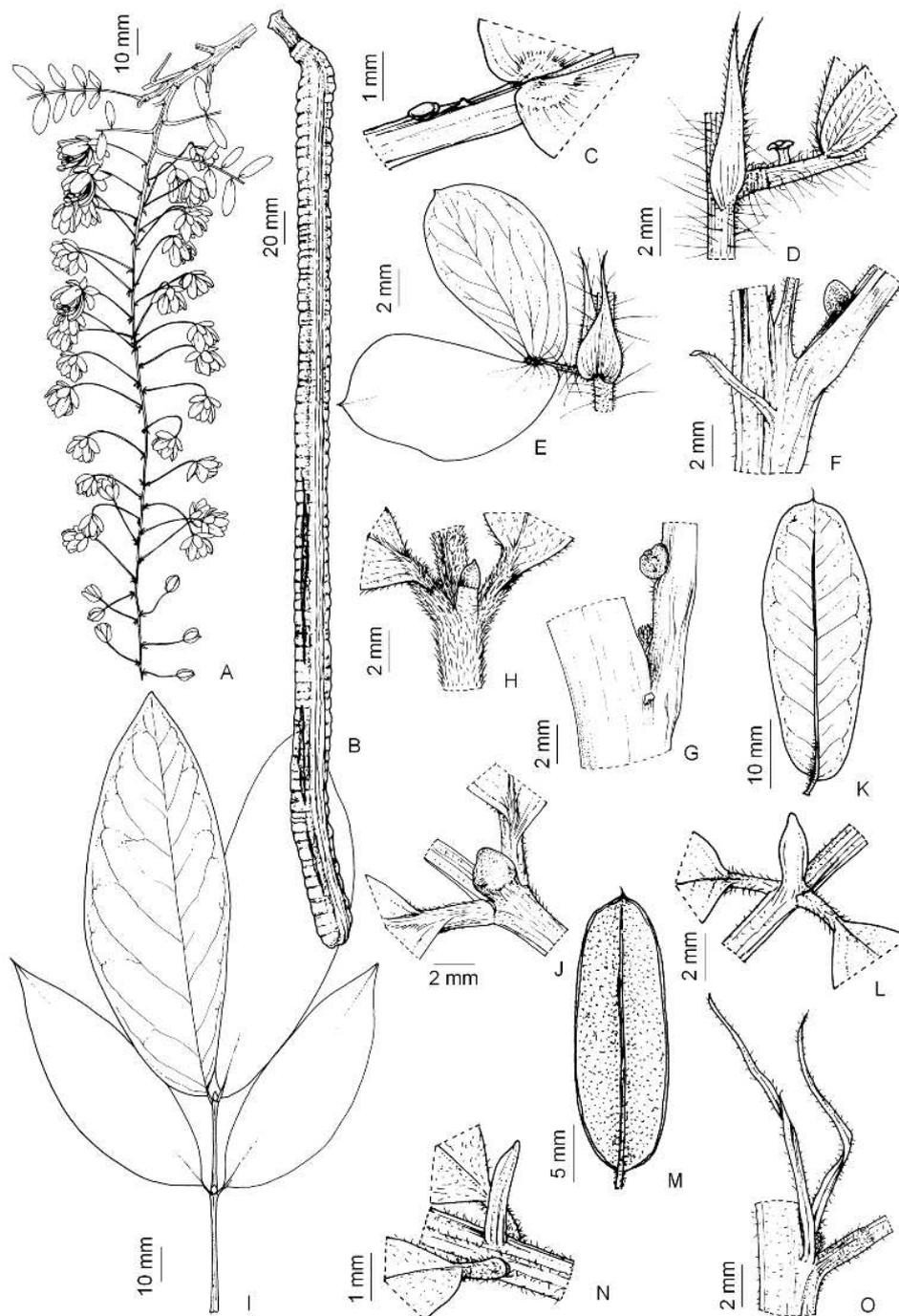


Figura 2. *Cassia ferruginea*: A, inflorescência; B, fruto (Siqueira et al. 757). *Chamaecrista desvauxii* var. *latistipula*: C, nectário (Siqueira 786). *Chamaecrista nictitans* subsp. *disadena*: D, nectário e estípula (Siqueira et al.637). *Chamaecrista rotundifolia* var. *rotundifolia*: E, folha e estípula (Siqueira 597). *Senna cernua*: F, estípula e nectário (Siqueira 775). *Senna hirsuta*: G, nectário (Siqueira et al.722). *Senna macranthera* var. *nervosa*: H, nectário; I, folha (Siqueira 685). *Senna macranthera* var. *micans*: J, nectário (Siqueira 891). *Senna multijuga* subsp. *multijuga*: K, folíolo; L, nectário (Siqueira et al.640). *Senna multijuga* subsp. *lindleyana*: M, folíolo; N, nectário (Siqueira 798). *Senna obtusifolia*: O, estípula (Siqueira et al.850).

III.8. *Senna pendula* var. *glabrata* (Vogel) H. S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard. 35: 382. 1982.

Nome popular: fedegoso (Rodrigues et al. 2005), canudo-de-pito (Fernandes et al. 2014), fedegoso-do-brejo, fedegoso-miúdo.

Figura: 3 A-B.

Arbusto; ramo jovem pubescente; estípula linear; raque canaliculada, pubescente; nectário foliar claviforme, entre o primeiro par de folíolos; folíolos 5 pares, obovados; inflorescência racemosa, terminal; fruto legume, bacóide, subcilíndrico, glabro; semente bisseriada, oblonga, enegrecida.

Espécie nativa do Brasil, porém, não endêmica (Lima 2014). Ocorre em todos os estados da região Centro-Oeste do Brasil e também, nos estados do Pará, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima 2014).

No PESB a espécie é abundante e está bem representada, sendo observada até 1.555 m de altitude no Pico do Grama. Está distribuída pelas mais diferentes áreas do PESB, como por exemplo, próximo de cursos d'água, beiras de estradas, bordas e interior de florestas, áreas de transição e grandes populações em Campos de Altitude, Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana. Floresceu de dezembro a junho e frutificou de julho a setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Lajinha, 03-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & L.G. Pacheco 719 (VIC); 30-IV-2013, fl., L.C. Siqueira 796 (VIC); 30-IV-2013, fl., L.C. Siqueira 797 (VIC); Pico do Grama, 01-V-2013, fl., L.C. Siqueira 804 (VIC); Sede, 23-VII-2013, fr., L.C. Siqueira 862 (VIC); Serra das Cabeças; 13-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & C.V. Miranda 736 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 27-VII-2011, fr., L.C. Siqueira & J. Bessa 603 (VIC); 27-VII-2011, fr., L.C. Siqueira & J. Bessa 604 (VIC); 27-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira & R.H. de Souza 711(VIC); Ervália; Careço, 19-XI-2011, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 702 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga; Fragmento da Eva, 28-IV-2006, fl., J.M. Fernandes 263 (VIC); 28-IV-2006, fl., J.M. Fernandes 270 (VIC); Fragmento da Lurdinha, 10-VIII-2006, fr., J.M. Fernandes 352 (VIC).

III.9. *Senna quinquangulata* (Rich.) H. S. Irwin & Barneby, Mem. New York Bot. Gard. 35: 153. 1982.

Nome popular: fedegoso-do-Rio-de-Janeiro, fedegoso-grande, lava-prato, mamangá (Silva et al. 2004), ingá-de-morcego (Souza & Bortoluzzi 2014), fedegoso.

Figura: 3 C-D.

Liana; folíolos 2 pares; nectário foliar entre os folíolos de cada par; androceu com sete estames férteis de tamanho semelhante.

Ocorre em todos os estados da região Norte do Brasil e nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso e Rio de Janeiro (Souza & Bortoluzzi 2014). Neste trabalho a ocorrência de *Senna quinquangulata* está sendo ampliada para Minas Gerais. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga e Floresta Atlântica (Souza & Bortoluzzi 2014). É encontrada na Floresta Ombrófila Densa Amazônica e em áreas de Floresta Ombrófila Densa Atlântica. Na Serra de Baturité, Ceará, foi encontrada em áreas a barlavento, principalmente nas bordas da floresta (Lima & Mansano 2011).

No PESB ocorre como liana em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana a uma elevação de 1.248 m de altitude. Floresceu em março, quando também apresentou frutos imaturos.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Pedra do Pato, 06-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 663 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais: Coronel Pacheco, 12-II-1941, fl., E. P. Heringer 541 (VIC).

IV Tachigali Aubl., Hist. Pl. Guiane 1: 372, pl. 143, f. 1. 1775.

Árvore; folha geralmente paripinada, às vezes portando pecíolo ou raque dilatada; inflorescência paniculada; flores numerosas, pétala espatulada a linear; estames subiguais a fortemente diferenciados; fruto criptossâmara, epicarpo deiscente, meso-endocarpo indescente.

O gênero possui distribuição neotropical e estima-se que 70% dos táxons ocorram no Brasil (Silva & Lima 2007). No Brasil são encontradas 56 espécies, sendo 24 espécies endêmicas do país (Lima 2014).

O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Floresta Amazônica, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima 2014).

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi encontrada uma única espécie.

IV.1. Tachigali paratyensis (Vell.) H.C.Lima. Acta Bot. Brasil. 9: 128. 1995.

Nome popular: caixeta, caxeta-preta, ingá-de-lavras (Oliveira & Pereira 1984).

Figura: 3 E.

Árvore; caule liso-esbranquiçado; ramo jovem esparso-tomentoso; estípula elíptica, glabrescente; pecíolo canaliculado, esparso-tomentoso; raque canaliculada, esparso-tomentosa; folíolos 14-17 pares, face adaxial e abaxial glabrescentes; fruto criptossâmara, plano compresso.

Espécie nativa e endêmica do Brasil, ocorre na região Sudeste do Brasil e nos estados da Bahia, Pernambuco e Paraná sob o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Lima 2004).

No PESB foi observada em área de Floresta Ombrófila Densa Montana. Foram observados poucos indivíduos férteis ao redor dos fragmentos de matas. Floresceu em abril e frutificou em setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Fazenda do Brigadeiro, 21-IV-2012, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 694 (VIC); Serra das Cabeças, 13-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & C.V. Miranda 734 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais: Araponga, Fragmento da Eva, 28-X-2006, fr., J.M. Fernandes 384 (VIC); 16-XII-2006, fl., J.M. Fernandes 403 (VIC).

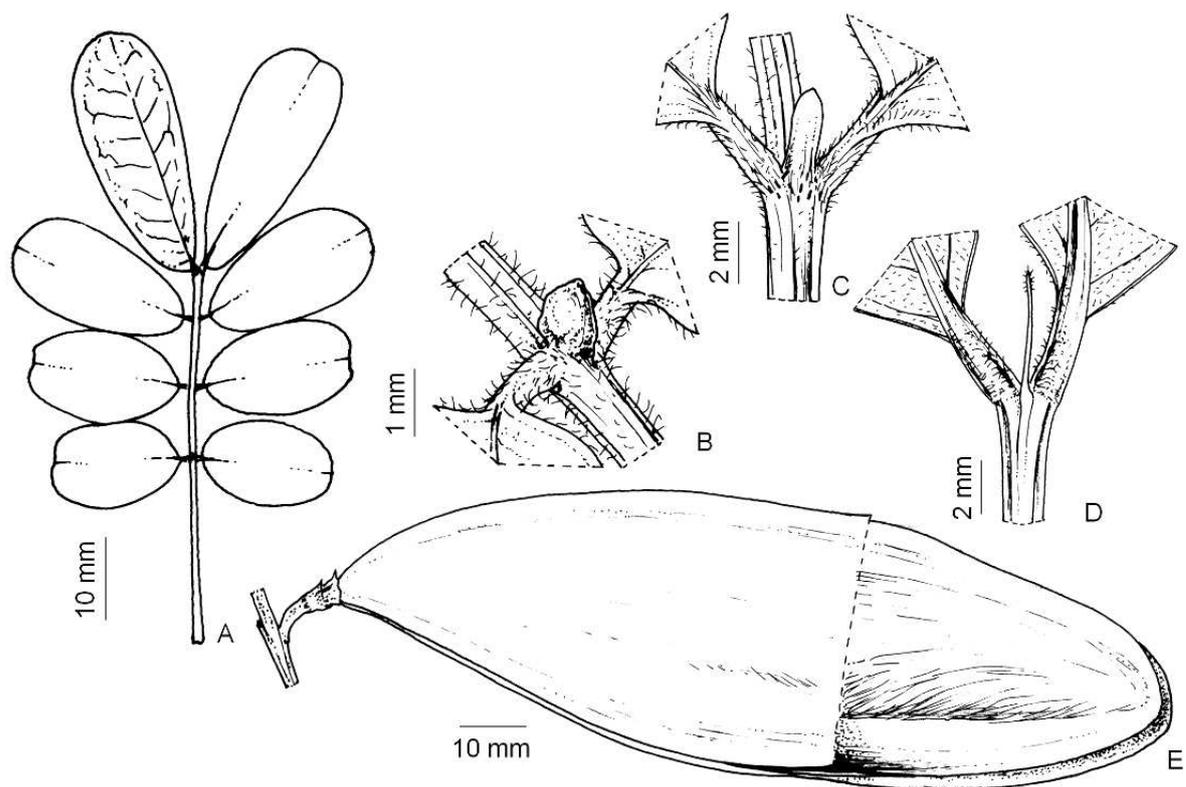


Figura 3. *Senna pendula* var. *glabrata*: A, folha; B, nectário (Siqueira 862). *Senna quinquangulata*: C, nectário; D, apêndice terminal do ramo (Siqueira 663). *Tachigali paratyensis*: E, fruto (Siqueira 734).

1.3.2.2 Mimosoideae

1.3.2.2.1 Chave para identificação dos gêneros de Mimosoideae no PESB

1 Nectário foliar presente .

2 Folhas pinadas.....Inga

2' Folhas bipinadas.

3 Inflorescências espiciformes.

4 Pinas alternas.....Stryphnodendron

4' Pinas opostas.

5 Ramos com espinhos ou acúleos.....Piptadenia

5' Ramos inermes.....Pseudopiptadenia

3' Inflorescências capituliformes.

6 Fruto lenhoso, valvas espiraladas após a deiscência.....Abarema

- 6' Fruto membranáceo, valvas planas.
 - 7 Legume plano ou cilíndrico; sementes elípticas, pleurograma presente.....Senegalia
 - 7' Legume plano-compresso; sementes orbiculares, pleurograma ausente.....Albizia
- 1' Nectário foliar ausente .
 - 8 Fruto legume.....Calliandra
 - 8' Fruto craspédio.....Mimosa

1.3.2.2.2. Gêneros e espécies de Mimosoideae encontrados no PESB

I **Abarema** Pittier, Arb. Legum.: 56. 1927.

Árvore ou arbusto; folha bipinada; numerosos estames com filetes unidos em tubo; fruto legume, na grande maioria, valvas espiraladas; endocarpo vermelho; semente bicolor.

Abarema tem cerca de 49 espécies Neotropicais (Lewis & Rico Arce 2005; Iganci & Morim 2009). O Brasil possui cerca de 24 espécies e 10 variedades, sendo 13 espécies endêmicas (Iganci & Morim 2014).

O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro exceto Piauí, Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul (Iganci & Morim 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica. Os principais centros de diversidade são a Floresta Amazônica e na Floresta Pluvial Atlântica (Barneby & Grimes 1996; Iganci & Morim 2009).

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi encontrada uma única espécie.

I.1. *Abarema langsdorffii* (Benth.) Barneby & J.W. Grimes, Mem. New York Bot. Gard.74(1): 95. 1996.

Figura: 4 A-B.

Árvore ou arbusto; ramo pubescente; estípula linear, decídua; pecíolo cilíndrico, pubescente; raque pubescente; pinas 5-10 pares; raque pubescente; foliólulos 9-28 pares; racemo laxo, homomórfico; raque pubescente; flor pedicelada a subséssil; corola campanulada, seríceas; fruto legume, valvas espiraladas, epicarpo reticulado; semente lentiforme a globosa.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste do Brasil e na Bahia, sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Iganci & Morim 2014).

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro ocorreu na Floresta Ombrófila Densa Altomontana, de 1.024 a 1.322 m. Alguns espécimes foram encontrados próximos de cursos d'água. Floresceu de fevereiro a março e frutificou de fevereiro a julho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Ermida, 26-II-2012, fl., L.C. Siqueira 652 (VIC); 06-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 662 (VIC); Fervedouro; Madeira, 14-II-1993, fl., L.S.Leoni, 2.106 (VIC) Portaria Fervedouro, 30-VII-2013, fr., L.C. Siqueira 868 (VIC); 15-II-2014, fl. e fr., L.C. Siqueira 897 (VIC).

II Albizia Durazz., Mag. Tosc. 3(4): 13-14. 1772.

Árvore ou arbusto; ramos inermes; folhas bipinadas, multijuga; estípula forma caduca; raque sem ala, folíolo oposto; nectário foliar presente; inflorescência capituliforme; estames fundidos em tubo; fruto legume, valvas planas; semente comprimida, bege, pleurograma presente.

O Brasil possui cerca de dez espécies e duas variedades, sendo três espécies endêmicas (Iganci 2014). O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto no Distrito Federal. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Iganci 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

II.1. Albizia polycephala (Benth.) Killip ex Record., Trop. Woods 63:6. 1940.

Nome popular: albizia, angico-branco, camunzé, camoenga, camuzé, faveira camuzé, monzê, piriquiteirinha (Silva et al. 2004).

Figura: 4 C.

Árvore; tronco acinzentado; ramo fissurado longitudinalmente, pubescente; folha bipinada, folíolos 13-21 pares; fruto legume, estreito-oblongo, plano compresso; semente orbicular.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste do Brasil e em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Goiás e Mato Grosso do Sul. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Iganci 2014).

No PESB foi observado um único indivíduo, estrada da fazenda do Brigadeiro, parte norte do Parque a uma elevação de 824 m de altitude. Floresceu em dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Fazenda do Brigadeiro, 18-XII-2012, fl., L.C. Siqueira & Sr. J. F. Daloz. 790 (VIC).

III Calliandra Benth., J. Bot. (Hooker) 2(11): 138–141. 1840.

Árvore, arbusto ou subarbusto inerme; folha bipinada; nectário ausente; inflorescência em glómulo ou umbela, axilar ou em sinflorescência geralmente terminal; fruto legume, deiscência elástica; semente livre, não carnosa, geralmente marrom, pleurograma presente ou não.

Apresenta cerca de 135 espécies, distribuídas desde o sudoeste dos Estados Unidos até a Argentina (Lewis et al. 2005). O Brasil possui cerca de 74 espécies e 21 variedades, sendo 59 endêmicas (Souza 2014).

O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro exceto, Amapá, Rio Grande do Norte e Sergipe. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa. No estado de Minas Gerais são encontradas 19 espécies, destas, 4 ocorrem na Floresta Atlântica (Souza 2014).

No PESB foram encontradas duas espécies.

Chave para identificação das espécies de Calliandra Benth. no PESB

- 1 Pinas 1 par; legume estreito-oblongo.....C. brevipes
1' Pinas 5-9 pares; legume linear.....C. parvifolia

III.1. Calliandra brevipes Benth., J. Bot. (Hooker) 2(11): 140–141. 1840.

Nome popular: esponja, esponjinha, quebra-foice, manduruvá, sarandi, umari-bravo (Silva et al. 2004).

Figura: 4 D.

Arbusto; ramo fissurado longitudinalmente, pulverulento; foliólulos 21-32 pares; inflorescência em umbela; fruto legume, estreito-oblongo, marrom avermelhado.

Ocorre em todos os estados da região Sul do Brasil e Bahia, Maranhão, Paraíba, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da

Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Souza 2014). Não é uma espécie endêmica do Brasil.

No PESB esta espécie foi observada em locais onde existiam moradias que foram desocupadas e em beiras de cercas. É uma planta utilizada pelos moradores do entorno como ornamental.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Ervália, 19-XI-2011, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 701 (VIC).

III.2. *Calliandra parvifolia* (Hook. & Arn.) Speg., Revista Argent. Bot. 1: 193. 1926.

Nome popular: flor-de-seda, flor-do-céu, quebra-foice (Silva et al. 2004).

Figura: 4 E.

Arbusto ou subarbusto, ereto ou semi-escandente; ramo acinzentado, lenticelado, fissurado longitudinalmente, glabrescente; foliólulos 28-39 pares; inflorescência em umbela; fruto legume, linear, marrom claro, piloso.

Ocorre em todos os estados da região Sul do Brasil e Pará, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Souza 2014).

No PESB foi observado um único indivíduo próximo de curso d'água. Floresceu em abril.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Ervália; Comunidade de Jequeri, 22-IV-2012, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 698 (VIC).

IV *Inga* Mill., Gard. Dict. Abr. ed. 4. 1754.

Árvore, arbusto ou subarbusto; ramo inerme; folha pinada, paripinada, raque geralmente alada; inflorescência pluriflora, racemosa, espiciforme ou umbeliforme; fruto legume, legume nucóide ou folículo, plano comprimido, cilíndrico ou quadrangular, margem estreita ou espessa, estriada longitudinalmente; semente com sarcotesta carnosa, adocicada, comestível.

Apresenta distribuição exclusivamente neotropical, de um extremo a outro da zona tropical úmida, desde o México, até o Uruguai, com representantes nas Antilhas Maiores e Menores (Pennington 1997).

O Brasil possui 131 espécies e dez subespécies, sendo 51 endêmicas. O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto Rio Grande do Norte. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB foram encontradas sete espécies.

Chave para identificação das espécies de *Inga* do PESB

1 Árvores com até 5 m de altura.

2 Folíolos de 5-15 pares; estípula filiforme, persistente; nectário extrafloral estipitado cilíndrico.....I. schinifolia

2' Folíolos de 2-5 pares; estípula ovada a oblonga, caduca; nectário extrafloral sésstil a estipitado.....I. vulpina

1' Árvores maiores que 5 m de altura podendo chegar a 12 m.

3 Fruto do tipo legume cilíndrico ou retangular.

4 Legume 22-96 cm; sésseis, coriáceos, tomentosos; folíolos 3-5 pares; nectários extrafloral reniformesI. edulis

4' Legume 9-16 cm; sésseis, fortemente coriáceo, tomentoso, linear ou levemente curvado, seção transversal cilíndrica ou retangular; folíolos 3-5 pares; nectário extrafloral cupuliforme elevado em até 1 mm ou sésseis.....I. subnuda subsp. luschnathiana

3' Fruto do tipo legume plano.

5 Legume 5-15 cm; sésseis, coriáceos, lineares; folíolos 2-3 pares; nectários foliares sésseis, cilíndricos.....I. marginata

5' Legume 10-22 cm; sésseis, lenhosos, tomentosos a denso-velutino, forte a levemente curvados; folíolos 5-5 pares; nectários foliares cupuliforme-compressos.....I. sessilis

5'' Legume 5-21 cm, tetragonal, reto a levemente curvado; margem expandida, reta, estriado transversalmente; folíolos 4-5 pares; nectários

foliares

pateliformes.....I. striata

IV.1. *Inga edulis* Mart., Flora 20(2): Beibl. 113–114. 1837.

Nome popular: ingá, ingá-cipó, ingá-da-beirada, ingá-da-praia, ingá-macarrão, ingá-de-metro, ingá-verdadeira, ingá-verdadeiro (Silva et al. 2004), ingá-doce, ingá-vermelho, ingá-timbó, ingá-rabo-de-mico (Garcia & Fernandes 2015).

Figura: 4 F-G.

Árvore; ramo anguloso; folíolos 3-5 pares; nectário foliar sésstil, reniformes, comprimidos transversalmente; inflorescência espiciforme; flor sésstil, ca. 11-20 por inflorescência; fruto legume, 22-96 cm, sésstil, coriáceo, tomentosos, marrons quando maduros, lineares ou torcidos longitudinalmente, seção transversal cilíndrica, margens longitudinalmente sulcadas, contínuas ou constrictas entre as sementes; sementes nigrescentes.

A espécie ocorre na Colômbia, América do Sul tropical, leste dos Andes, estendendo-se até o noroeste da Argentina (Pennington 1997). Ocorre em todos os estados do Norte e Sudeste do Brasil, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB a espécie foi encontrada em clareiras próximas de cursos d'água. O indivíduo de maior porte apresentou 11 m de altura e foi registrado a 934 m de altitude em Floresta Ombrófila Densa Montana. Apresentou final de floração em abril e presença de muitos frutos imaturos em setembro. Flores extremamente aromáticas.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Pedra Redonda, 20-IV-2012, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 691 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 20-IX-2012, fr., L.C. Siqueira, Laura Rabelo & Cecília Miranda 747 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais: Araponga, do Sr. Ângelo, 05-IX-2005, fl., J.M. Fernandes 10 (VIC); SAFs do João dos Santos, 27-I-2006, fl., J.M. Fernandes & L.C. Siqueira 146 (VIC); SAFs do Sr. Ângelo, 27-I-2006, fl., J.M. Fernandes & L.C. Siqueira 140 (VIC); SAFs do Sr. Geraldo, 13-III-2006, fl., J.M. Fernandes & L.C. Siqueira 198 (VIC); Divino, SAFs do Alexandre, 16-III-2006, fl., J.M. Fernandes & L.C. Siqueira 215 (VIC).

IV.2. *Inga marginata* Willd., Sp. Pl. (Ed. 4) 4(2): 1015. 1806.

Nome popular: ingá, ingá-colar, ingá-do-campo, ingá-feijão, ingai, ingá-mirim, ingá-turi (Silva et al. 2004).

Figura: 4 H-I.

Árvore; ramo cilíndrico a levemente anguloso; folíolos 2-3 pares; nectário foliar sésstil, cilíndrico; inflorescência espiciforme; flor sésstil ou curto-pedicelada, ca. 40-100 por inflorescência; fruto legume, 5-15 cm, sésstil, coriáceo, glabro, verde-amarelado quando maduros, linear, seção transversal elíptica, margem estreita levemente constricta entre as sementes; semente verde, quase circular, sarcotesta adocicada, comestível.

Ocorre em quase todo o território Nacional, exceto, Roraima, Tocantins, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (Garcia & Fernandes 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB *Inga marginata* está bem representada. Foi observada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana a uma altitude de 1.297 m. Ocorre em ambientes úmidos associados de cursos d'água. Em setembro e outubro ocorreu o início da floração, novembro e dezembro ocorreram o pico de floração e em março frutificou. As flores são aromáticas e foi observada presença de vespas como visitantes florais.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Fazenda do Brigadeiro, 05-IX-2012, fl., L.C. Siqueira & L.G. Pacheco 723 (VIC); Sede do Parque, 14-I-2009, fl. e fr., J.M. Fernandes 920 (VIC); 05-III-2012, fr., L.C. Siqueira 660 (VIC); 14-XII-2012, fr., L.C. Siqueira 766 (VIC); Moinho do Zéca, 29-VII-2011, fr., L.C. Siqueira 613 (VIC); Serra da Araponga, 24-XI-1993, fl., L.S. Leoni & B. Cosenza 2.370 (GFJP); Serra da Gramma, 01-V-1991, fl., L.S. Leoni (GFJP 1.556); Trilha do Estouro, 25-I-2006, fl., A.F. da Silva 2.410 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 14-III-2012, fr., L.C. Siqueira 678 (VIC); 16-X-2012, fl., L.C. Siqueira 751 (VIC).

IV.3. *Inga platyptera* Benth., London J. Bot. 4: 602. 1845.

Figura: 4 J-K.

Árvore; ramo jovem hirsuto; folíolos 2-4 pares; nectário foliar funiliforme, geralmente presente em todos os pares de folíolos; inflorescência racemosa; flor sésstil; fruto legume, reto, plano compresso, margem estreita, hirsuto; sementes oblonga, sarcotesta abundante.

É uma espécie endêmica do Brasil. Ocorre nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, sob o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB foi registrado um único indivíduo na região da Fazenda do Brigadeiro em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana a 1.302 m de altitude. Apresentou frutos imaturos em setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Trilha Matipó, 19-IX-2012, fr., L.C. Siqueira, C.V. Miranda, L.R. Sales & O.J. do Prado 743 (VIC).

IV.4. *Inga schinifolia* Benth., London J. Bot. 4: 584. 1845.

Figura: 4 L-M.

Árvore ou arbusto, ramo púberulo, lenticelado; folíolo 5-15 pares; nectário foliar estipitado, cilíndrico; inflorescência ramiflora, axilares, 1-2 por axilia, capitada a globosa; fruto legume, margem estreita e aberta; semente com pouca sarcotesta.

Espécie endêmica do Brasil ocorre nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, sob o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB a espécie foi observada apenas em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana abrangendo uma altitude entre 1.228 m a 1.701 m, no interior das matas. Flores aromáticas. Presença de botões florais em dezembro, floração em fevereiro e período de frutificação em julho. Foram encontrados frutos assincronico em setembro e outubro em indivíduos de locais de maior altitude.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Lajinha, 03-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & L.G. Pacheco 718 (VIC); Pico do Boné, 07-X-2012, fr., L.C. Siqueira et al. 748 (VIC); Pico do Grama, 29-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira & R.H. de Souza 716 (VIC); 17-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 789 (VIC); 17-II-2014, fl., L.C. Siqueira 903 (VIC); Fervedouro; Pedra do Pato, 26-VII-2011, fr., L.C. Siqueira et al. 607 (VIC); 28-VII-2011, fr., L.C. Siqueira & B.V Tinti 610 (VIC).

IV.5. *Inga sessilis* (Vell.) Mart., Flora 20(2): Beibl. 114. 1837.

Nome popular: ingá-carneiro (Pennington 1997); angá, ingá-açu-amarelo, ingá-arqueado, ingá-graúdo, ingá peluda, ingá peludo, ingazeira, ingazeiro (Silva et al. 2004), ingá-macaco (Rodrigues & Carvalho 2010), ingá-ferradura e ingá-de-macaco.

Figura: 4 N-O.

Árvore; ramo anguloso; folíolos 5-8 pares; nectário foliar, séssil, comprimido transversalmente; inflorescência racemosa, sem adensamento, 2-10 flores por inflorescência; fruto legume, 10-22 cm, séssil, lenhoso, tomentoso a denso-velutino, nigrescente, fortemente curvado, às vezes levemente curvado, margem estreita, nunca constricta entre as sementes; semente verdes, elíptica; sarcotesta bem desenvolvida, comestível.

É uma espécie endêmica do Brasil. Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste do Brasil, Pará e Bahia. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB está bem representada por numerosos indivíduos. Foi observada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana. Encontrada também em áreas de transição entre fitofisionomias e áreas de ação antrópica e beiras de estrada. Esta espécie floresceu e frutificou durante o ano todo.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Fazenda do Brigadeiro, 05-IX-2012, fl., L.C. Siqueira & L.G. Pacheco 725 (VIC); Lajinha, 03-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & L.G. Pacheco 721 (VIC); Parque, 14-I-2009, fr., J.M. Fernandes 921 (VIC); 15-IX-2009, fl. e fr., J.M. Fernandes 923 (VIC); Portaria Araponga, 16-VIII-2011, fl. e fr., L.C. Siqueira 615 (VIC); 16-VIII-2011, fr., L.C. Siqueira 618 (VIC); 26-II-2012, fr., L.C. Siqueira 653 (VIC); 26-II-2012, fl., L.C. Siqueira 654 (VIC); Pico do Grama, 14-III-2012, fr., L.C. Siqueira 674 (VIC); 29-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira & R.H. de Souza 717(VIC); Sede, 27-VII-2011, fr., L.C. Siqueira & J. Bessa 598 (VIC); 26-II-2012, fl., L.C. Siqueira 651 (VIC); Serra das Cabeças, 16-IX-2000, fr., G.E. Valente & A.P.C. Balduino 549 (VIC); 28-VI-2003, fr., G.E. Valente & M.L. Batista 1.372 (VIC); 13-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & C.V. Miranda 738 (VIC); Serra do Grama, 29-I-2003, fl., G.E. Valente & B.A.P. Cosenza 1.122 (VIC); Fervedouro; Pedra do Pato, 27-VII-2011, fl., L.C. Siqueira et al. 608 (VIC); 27-VII-2011, fr., L.C. Siqueira et al. 609 (VIC); Portaria Fervedouro, 15-III-2012, fr., L.C. Siqueira 677 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Fragmento da Lurdinha, 28-VI-2006, fr., J.M. Fernandes 304 (VIC); 16-XII-2006, fr., J.M. Fernandes 409 (VIC); SAFs do Sr. Romualdo, 12-IX-2006, fl., J.M. Fernandes 376 (VIC); 14-II-2006, fr., J.M. Fernandes 154 (VIC).

IV.6. *Inga striata* Benth., London J. Bot. 4: 608. 1845.

Nome popular: ingá, ingá-banana, ingá-branca, ingá-branco, ingá-de-quatro-quinas, ingá-sabar (Silva et al. 2004), ingá-caixão, ingá-facão (Garcia & Fernandes 2014).

Figura: 4 P-Q.

Árvore; ramo castanho-viloso; folíolos 4-5 pares; nectário pateliforme, séssil; inflorescência espiciforme congesta; flor séssil, pentâmeras; fruto legume, 5-21 cm, reto a levemente curvado, face plana, margem expandida, ferrugíneo-viloso.

Ocorre em todos os estados do Sul e Sudeste do Brasil, Acre, Pará, Rondônia, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Mato Grosso. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB foi registrada uma única coleta em área de Floresta Ombrófila Densa Montana, a 888 m de altirude. A floração não foi observada na área de estudo, porém frutificou em fevereiro. O indivíduo amostrado estava próximo de cursos d'água.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fr., L.C. Siqueira & A.A. Silva 627 (VIC).

IV.7. *Inga subnuda* subsp. *luschnathiana* (Benth.) T.D. Penn., Botany 753. 1997.

Nome popular: ingaçu, ingazeira, ingazeiro (Silva et al. 2004), ingá-da-várzea, ingá-quatroquinas (Garcia & Fernandes 2014).

Figura: 4 R-S.

Árvore; ramo anguloso; folíolos 3-5 pares; nectário foliar cupuliforme elevado em até 1 mm ou sésstil; inflorescência em espiga sem adensamento ou adensada; flor sésstil, ca. 3-12 por inflorescência; fruto legume, 9-16 cm, sésstil, fortemente coriáceo, tomentoso, marrom quando maduro, linear ou levemente curvado, seção transversal cilíndrica ou retangular, margem amplas até 3 cm larg., sulcadas ou apenas levemente sulcadas longitudinalmente, às vezes constrictas entre as sementes, faces planas, estreitas.

É uma espécie endêmica do Brasil. Ocorre nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB foi encontrado em áreas abertas de Floresta Ombrófila Densa Montana a uma altitude de 803 m, em beira de estradas. Foi registrado final de floração em setembro e frutificação em dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Encruzilhada dos Paula, 19-IX-2012, fl., L.C. Siqueira 744 (VIC); 18-XII-2012, fr., L.C. Siqueira 792 (VIC); Pedra redonda, 20-IV-2012, fr., L.C. Siqueira 692 (VIC).

IV.8. *Inga vulpina* Mart. ex Benth., Trans. Linn. Soc. London, 30(3): 625. 1875.

Nome popular: ingá-cabeludo, mimosa-carmesim (Silva et al. 2004), ingá-bugiu, ingá-banana (Garcia & Fernandes 2014).

Figura: 4 T-U.

Árvore; ramo hirsuto; folíolo 2-5 pares; nectário foliar sésil a estipitado; inflorescência espiciforme; estames rosados; fruto legume, plano, margem estreita, linear, faces abertas, coriáceos, hirsutos; ápice apiculado.

Espécie endêmica do Brasil ocorre em todos os estados da região Sudeste, Bahia, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Garcia & Fernandes 2014).

No PESB está representada por uma grande quantidade de indivíduos sendo encontradas várias populações ao longo do território do Parque. Foi observada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Flores extremamente vistosas que atraem beija-flores e borboletas. Presença de botões florais em julho, começo do período de floração em agosto e setembro e período de frutificação em outubro a dezembro. Flores amoráticas.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Parque, 14-I-2009, fr., J.M. Fernandes 919 (VIC); 04-X-2010, fl., J.M. Fernandes 1.331 (VIC); 04-X-2010, fl., J.M. Fernandes 1.332 (VIC); Pico do Gramma, 23-IX-2001, fl., L.S. Leoni et al. 4.748 (VIC); Portaria Araçuaia, 10-XII-2011, fr., L.C. Siqueira & M.L. Batista 699 (VIC); Serra do Gramma, 20-VIII-2008, fl., L.S. Leoni et al. 7.227 (GFJP); Serra das Cabeças, 13-IX-2012, fl., L.C. Siqueira & C.V. Miranda 739 (VIC); 23-VII-2013, fl., L.C. Siqueira & J. F. Daloz 859 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fr., L.C. Siqueira & A.A. Silva 639 (VIC); 15-III-2012, fr., L.C. Siqueira 680 (VIC); 27-VIII-2012, fl., L.C. Siqueira & R.H. de Souza 707 (VIC); 16-X-2012, fr., L.C. Siqueira 754 (VIC); 22-VII-2013, fl., L.C. Siqueira 854 (VIC); 31-VII-2013, fl., L.C. Siqueira & J. F. Daloz 871 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araçuaia: Estouro SAF da Dona Antônia, 25-VIII-2007, fl. e fr., J.M. Fernandes et al. 522 (VIC).

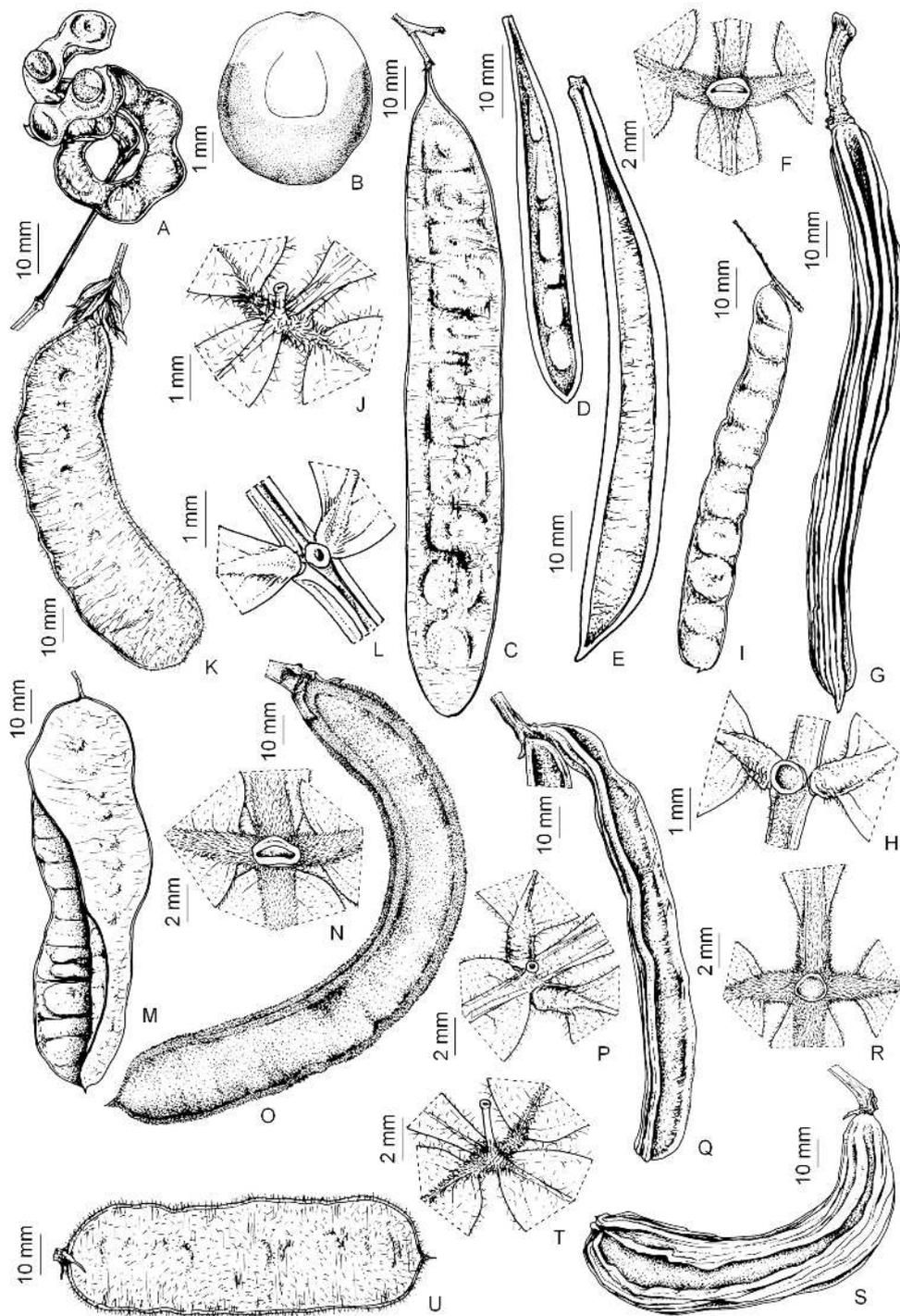


Figura 4. *Abarema langsdorffii*: A, fruto; B, semente (Siqueira 869). *Albizia polycephala*: C, fruto (J. M. Fenandes 1.327). *Calliandra brevipes*: D, fruto (Siqueira et al.701). *Calliandra parviflora*: E, fruto (L. C. P. Lima et al. 240). *Inga edulis*: F, nectário; G, fruto (Siqueira et al.691). *Inga marginata*: H, nectário; I, fruto (Siqueira 678). *Inga platyptera*: J, nectário; K, fruto (Siqueira 743). *Inga schinifolia*: L, nectário; M, fruto (Siqueira 748). *Inga sessilis*: N, nectário; O, fruto (Siqueira et al.598). *Inga striata*: P, nectário; Q, fruto (J. M. Fernandes 928). *Inga subnuda subsp. luschnathiana*: R, nectário; S, fruto (Siqueira 792). *Inga vulpina*: T, nectário; U, fruto (Siqueira 680).

V *Leucaena* Benth., J. Bot. 4: 416–417. 1842.

Árvore ou arbusto, inerme; folha bipinada; raque sem ala; folíolos opostos; inflorescência capituliforme, axilar; legume, glabro, deiscência simples.

O Brasil possui apenas uma espécie desse gênero. Está distribuído por todos os estados da região Sudeste do Brasil e nos estados da Amazônia, Acre, Mato Grosso, Distrito Federal, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Paraná. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Morim & Lima 2014).

V.1. *Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit., Taxon 10(2): 54. 1961.

Arbusto; folha bipinada; raque sem ala; folíolos opostos; inflorescência capituliforme, axilar; legume, glabro, deiscência simples, reto; sementes numerosas, ovóides, plano-compressa, marrom brilhante.

Está distribuído por todos os estados da região Sudeste do Brasil e nos estados da Amazônia, Acre, Mato Grosso, Distrito Federal, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Paraná. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica. Espécie naturalizada no Brasil (Morim & Lima 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas de Floresta Ombrófila Densa Montana. Floresceu e frutificou em dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Pico do Boné, 10-XII-2011, fl. e fr., L.C. Siqueira 703 (VIC).

VI *Mimosa* L., Sp. Pl. 1: 516. 1753.

Árvore, arbusto, trepadeira ou erva, inerme ou armada de acúleos ou espinhos; folha bipinada, muitas vezes sensitivas ao toque; estípula inconspícua ou, às vezes, espinescente; pecíolo em geral sem glândulas; inflorescência capituliforme, espiciforme ou raramente racemo, axilar, solitária ou agrupada em racemo ou panícula; fruto craspédio, sésil ou estipitado, linear, elíptico ou oblongo, membranáceo ou coriáceo, armado ou inerme; sementes plano-compressas, elipsóides, oblongóides ou ovóides.

O gênero está distribuído por todo o território brasileiro e encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal. O Brasil possui cerca de 360 espécies e 219 variedades, sendo 266 endêmicas (Dutra & Morim 2014).

No PESB foram encontradas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Mimosa* do PESB

1 Inflorescências capituliformes.

2 Foliólulos com 2 pares.

3 Foliólulos falcados ou obovados.....*M. debilis*

3' Foliólulos elípticos.....*M. velloziana*

2' Foliólulos 10-34 pares.....*M. diplotricha*

1' Inflorescências elipsoides..... *M. pigra*

VI.1. *Mimosa debilis* Humb. & Bonpl. ex Willd., Sp. Pl. 4(2): 1029. 1806.

Nome popular: malícia, sensitiva (Silva et al. 2004), dormideira, sensitiva-de-leite (Lorenzi 2008).

Figura: 5 A.

Arbusto, escandente ou ereto, subarbusto ou erva; ramo aculeado, acúleo retrorso; folha 1-pinada; estípula lanceolada ou oblongo-lanceolada, persistente; foliólulos 2 pares, falcados ou obovados; inflorescência capituliforme, axilar ou em pseudo-racemos terminais, 1-3 por nó; fruto craspédio 2-4-articulado, hispido; sementes obovadas, castanhas.

Espécie amplamente distribuída pela América Tropical, ocorre na Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai e Venezuela (Dutra 2009). No Brasil ocorre em todos os estados da região Centro-Oeste, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Pantanal (Dutra & Morrim 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas tanto em Floresta Ombrófila Densa Montana como na Altomontana com registro de maior altitude de 1.195 m. Floresceu em março e frutificou em maio.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Portaria Araçuaia, 02-V-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 810 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 06-III-2012, fl., L.C. Siqueira 671 (VIC).

VI.2. *Mimosa diplotricha* C.Wright ex Sauvalle, Anales Acad. Ci. Med. Habana 5: 405–406. 1869.

Nome popular: mimosa (Silva et al. 2004), maria-fecha-a-porta, arranha-gato (Dutra 2009)

Figura: 5 B.

Arbusto, subarbusto ou erva escandente; ramo hirsuto, glanduloso, glândula séssil, aculeado, acúleo retrorso, seriado; folha 3-14 pinada; estípula filiforme ou lanceolada; foliólulos 10-34 pares, oblongo; inflorescência capituliforme, axilar ou em pseudo-racemos terminais, 1-3 por nó; fruto craspédio 2-6-articulado, estrigoso, hípido, tomentoso; sementes obovadas ou rômbricas, castanhas.

Ocorre em todos os estados da região Centro-Oeste do Brasil, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Maranhão, Bahia, Amazonas e Pará. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica (Dutra & Morim 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas de beira de estradas. Floresceu em janeiro e fevereiro e frutificou em fevereiro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Casa do Pesquisador, 25-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 650 (VIC); Parque, 16-I-2009, fl., V. Terra 472 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fl., L.C. Siqueira 633 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Fragmento da Eva, 25-II-2005, fl., J.M. Fernandes 170 (VIC).

VI.3. Mimosa pigra L., Cent. Pl. I.: 13–14. 1755.

Nome popular: calumbi-da-lagoa, giquiri, jiquiri, juquin, juquiri, juquiri-arbustivo, juremapreta, malícia-grande (Silva et al. 2004), jiquiri-grande, unha-de-gato (Lorenzi 2008).

Figura: 5 C.

Arbusto; ramo estrigoso, aculeado; folha 7-13-pinada; estípula lanceolada, persistente; foliólulos 25-47 pares, oblongos; inflorescências elipsoides, axilares ou em pseudoracemos terminais, 1-3 por nó; fruto craspédio, 10-22-articulados, estrigosos, pubérulos ou não; sementes oblongas, castanhas ou oliváceas.

Apresenta distribuição restrita à América do Sul, podendo ser encontrada no Paraguai, Bolívia e Brasil (Dutra 2009). Ocorre em todos os estados da região Centro-Oeste do Brasil, Acre, Amazonas, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Dutra & Morim 2014).

No PESB foi encontrada a uma altitude de 1.039 m, em vegetação de Floresta Ombrófila Densa Montana. Coletada em área de clareira próxima de cursos d'água. Floresceu e frutificou em setembro e outubro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Serra das Cabeças, 13-IX-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira & C.V. Miranda 741 (VIC); 16-X-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 882 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Comunidade de Jequeri, 22-IV-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira & M.L. Batista 696 (VIC).

VI.4. Mimosa velloziana Mart., Flora 22 (1, Beibl. 1): 9. 1839.

Nome popular: unha-de-gato, sensitiva (Dutra 2009), arranha-gato (Capítulo II).

Figura: 5 D.

Arbusto ou trepadeira, prostrado; ramo glabro, glanduloso ou não; folha 1-pinada; estípula lanceolada, glandulosa; foliólulos 2 pares, elípticos; inflorescência capituliforme, axilar ou em pseudo-racemo terminal, 2-3 por nó; fruto craspédio, 3-4-articulado, aculeado.

Espécie de ampla distribuição, ocorre na Argentina, Venezuela e Brasil (Dutra 2009). No Brasil ocorre em todos os estados da região Sudeste, Paraná, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Amazonas, Pará e Roraima (Dutra & Morim 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Dutra & Morim 2014).

No PESB foi encontrada em áreas de clareiras, a uma altitude de 1.232 m. Floresceu de março a maio e frutificou de maio a agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Portaria Araponga, 20-V-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 819 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 15-III-2012, fl., L.C. Siqueira 679 (VIC); 27-VIII-2012, fr., L.C. Siqueira & R.H. de Souza 705 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Comunidade São Joaquim, 15-XI-2006, fl., J.M. Fernandes 394 (VIC); Fragmento da Lurdinha, 09-VI-2006, fr., J.M. Fernandes 289 (VIC).

VII Piptadenia Benth., J. Bot. (Hooker) 2(11): 135. 1840.

Árvore, arbusto ou liana; ramos com espinhos ou aculeados; folha bipinada; estípula caduca; pecíolo cilíndrico a canaliculado; raque desprovida de alas; nectário foliar presente no pecíolo e/ou entre os primeiros pares de pinas; inflorescência espiciforme, axilar ou terminal; flor pentâmera; cálice gamossépalo, campanulado; corola concrecida na base; androceu diplostêmone, filetes livres; ovário pluriiovular, fruto legume, plano comprimido, deiscente; semente lenticular, com pleurograma.

O gênero apresenta 12 espécies distribuídas pela América do Sul e América Central (Lewis 1987). O Brasil possui cerca de 21 espécies, três variedades, sendo 14 endêmicas (Morim 2014).

O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto, Acre, Roraima, Amapá, Mato Grosso, Distrito Federal, Tocantins e Maranhão (Morim 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Morim 2014).

No PESB foram encontradas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Piptadenia* do PESB

1 Árvores.

2 Foliólulos lineares; legume reto, plano, margem reta.....*P. gonoacantha*

2' Foliólulos falcado, ápice agudo; legume oblongo, plano-compresso, ondulado na região das sementes.....*P. paniculata*

1' Lianas.

3 Foliólulos 2-5 pares por pina; filetes brancos a rosados.....*P. adiantoides*

3' Foliólulos 34-40 pares por pina; filetes avermelhados.....*P. micracantha*

VII.1. *Piptadenia adiantoides* (Spreng.) J.F.Macbr., Contr. Gray Herb. 59:17. 1919.

Figura: 5 E.

Liana; ramo jovem esparso-tomentoso; estípula linear, esparso-tomentosa; pecíolo canaliculado, pubescente, acúleos recurvos; raque canaliculada, aculeada; nectário foliar verruciforme, séssil, presente no pecíolo e raque; pinas 4 pares, foliólulos 2-5 pares por pina, elípticos a subfalcados; filetes brancos a rosados; fruto reto, margem sinuosa; sementes oblongas, amarronzadas.

Espécie endêmica do Brasil (Morim 2014). Ocorre em todos os estados da região Sudeste do Brasil, Paraná, Bahia, Paraíba e Pernambuco (Morim 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Morim 2014).

No PESB a espécie está bem representada tanto no entorno, quanto no interior da floresta e beira de trilhas e estradas. Frutificou de outubro a dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 22-XII-2013, fr., L.C. Siqueira 857 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Comunidade Paia Danta, 25-X-2012, fr., L.C. Siqueira, C.V. Miranda & M.C. de M. Amorozo 759 (VIC).

VII.2. Piptadenia gonoacantha (Mart.) J.F. Macbr., Contr. Gray Herb. 59:17. 1919.

Nome popular: angico, angico monjolo, camoeteiro, caniveteiro, casco-de-jacaré, camboeteiro, gorucaia, jacarezeiro, monjoleira, monjoleiro, serreiro (Silva et al. 2004), angico-branco, monjolei, monjolo, icarapé, cascade-jacaré (Lorenzi 2000), jacaré e pau-jacaré.

Figura: 5 F.

Árvore; ramo jovem glabrescente; ramos desenvolvidos formando placas tetragonais com as arestas elevadas em cristas; 27-44 pares de foliólulos por pina, lineares, subfalcados; nectário foliar cupuliforme, subséssil, no pecíolo e entre os últimos pares de pinas; raque cilíndrica a canaliculada, glabrescente; fruto reto, margem reta; sementes circulares, enegrecidas.

Ocorre na Bolívia, Peru, Colômbia e Brasil (Oliveira-Filho 2006). Ocorre em todos os estados do Sul e Sudeste do Brasil, Mato Grosso do Sul, Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe (Morim 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Morim 2014).

No PESB foi encontrado um grande número de indivíduos por toda a área territorial do Parque. Na sua maioria ocupa ambientes de vegetação secundária como capoeiras e bordas de matas, áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana. Floresceu em maio e frutificou em junho a agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Principal Portaria Araponga, 02-V-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 812 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 27-VIII- 2012, fr., L.C. Siqueira & R.H. de Sousa 706 (VIC).

VII.3. Piptadenia micracantha Benth., Trans. Linn. Soc. London 30(3): 369. 1875.

Nome popular: espinheiro-bravo (Silva et al. 2004).

Figura: 5 G.

Liana; ramo jovem estriado, tomentoso; acúleo recurvo; folíolo linear, ápice acuminado; nectário foliar verruciforme, entre os últimos pares de pinas; filete avermelhado; ovário seríceo; fruto reto, margens sinuosas.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, na Floresta Atlântica (Morim 2014).

No PESB a espécie está pouco representada. Foi realizada apenas uma coleta na porção Sul do Parque. Observada em áreas de clareira e borda de mata em Floresta Ombrófila Densa Montana. Floresceu em abril e não foi observado a frutificação.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Ervália; 19-IV-2012, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 689 (VIC).

VII.4. Piptadenia paniculata Benth., J. Bot. (Hooker) 4(31): 338. 1841.

Nome popular: angico, cobi, unha-de-gato (Silva et al. 2004).

Figura: 5 H.

Árvore; tronco com fissuras longitudinais; ramo lenticelado; folha 3-4-jugas; pecíolo raque e ráquides tomentosos, inermes; nectário discoide ou pateliforme, estipitado, anterior aos pares de pinas distais; 6-10 pares de folíolos, levemente falcados; fruto oblongo, ondulado na região das sementes.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados da região Sudeste, Bahia, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Morrim 2014).

No PESB foi encontrada em área de Floresta Ombrófila Densa Montana, a uma altitude de 989 m. Frutificou em junho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 11-VI-2013, fr., L.C. Siqueira 851 (VIC).

VIII Pseudopiptadenia Rauschert, Taxon 31(3): 559. 1982.

Árvore, inerme; indumento geralmente composto por tricoma tector ou glandular; nectário foliar presente; folha bipinada, multijuga; estípula persistente ou caduca; raque sem ala; folíolos opostos; inflorescência espiciforme, axilar; fruto folículo, deiscência simples, reto, moniliforme; semente livre, geralmente marrom.

O Brasil possui cerca de nove espécies sendo sete endêmicas. O gênero está distribuído por todos os estados do Norte e Sudeste, Paraná, Santa Catarina, Alagoas, Bahia,

Paraíba, Pernambuco e Sergipe. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Morim 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

VIII.1. Pseudopiptadenia contorta (DC.) G.P.Lewis & M.P.Lima, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 30: 57. 1991.

Nome popular: angico, angico-branco (Lewis & Lima 1991).

Figura: 5 I.

Árvore; tronco acinzentado com estrias longitudinais; ramo lenticelado; folha 17-25-jugas; estípula linear, caduca; folíolos 33-49 pares; fruto plano comprimido, levemente constrito entre as sementes, valvas venulosas, brilhantes; sementes 8-16.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados da região Sudeste, Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe (Morim 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Morim 2014).

No PESB foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana, bordas de matas e beira de estradas. Floresceu nos meses de novembro e dezembro e foram realizadas coletas de frutos em abril e setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 20-IX-2012, fr., L.C. Siqueira, C.V. Miranda, L. Rabelo 746 (VIC); 18-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 793 (VIC); Ervália; 18-XI-2011, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 700 (VIC); 19-IV-2012, fr., L.C. Siqueira & M.L. Batista 686 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: SAFs da Rita, 04-IV-2006, fr., J.M. Fernandes 251 (VIC).

IX Senegalia Raf., Sylva Tellur. 119. 1838.

Árvore, arbusto escandente ou liana; ramo cilíndrico ou anguloso, inerte ou armado com acúleos retos, recurvos ou incurvos; estípula lanceolada, espatulada, cordiforme ou reniforme, podendo ser transformadas em espinhos geminados, glabras ou seríceas, caducas ou persistentes; folha bipinada, peciolada; pecíolo cilíndrico, canaliculado; nectários com posições variadas no pecíolo e na ráquis; inflorescência do tipo glomérulo, espiga ou cacho, localizadas em posições variadas no pedúnculo; fruto legume, plano ou cilíndrico, linear ou fusiforme; sementes numerosas, elípticas, com pleurograma.

O Brasil possui cerca de 60 espécies, sendo 35 endêmicas. O gênero está distribuído por todo o território brasileiro e encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Morim & Barros 2014).

No PESB foram encontradas três espécies.

Chave para identificação das espécies de *Senegalia* do PESB

1 Estípulas lanceoladas.

2 Nectário foliar sésil ou curtamente estipitado, cupuliforme, no pecíolo e entre os pares de pinas..... *S. martiusiana*

2' Nectário foliar sésil, pateliforme, no terço inferior do pecíolo e entre o último ou os últimos pares de pinas..... *S. tenuifolia*

1' Estípulas reniformes..... *S. grandistipula*

IX.1. *Senegalia grandistipula* (Benth.) Seigler & Ebinger. *Phytologia* 88(1): 53. 2006.

Figura: 5 J.

Árvore, arbusto escandente ou liana; ramo 4-anguloso, hispido, armado; estípula reniforme, caduca; pecíolo hispido; pinas 5-6 pares; foliólulos 6–10 pares por pina, oblongos, planos, base oblíqua, ápice agudo, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário foliar curtamente estipitado, cupuliforme, na porção mediana no pecíolo; inflorescência do tipo cacho, reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais; fruto linear, base atenuada, ápice arredondado, apiculado, glabro, margens espessadas.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados da região Sudeste, Bahia, Pernambuco, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Morim & Barros 2014).

No PESB foi realizada uma única coleta, em área de borda de mata próximo de curso d'água. Floresceu em fevereiro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 14-II-2014, fl., L.C. Siqueira 883 (VIC).

IX.2. *Senegalia martiusiana* (Steud) Seigler & Ebinger, *Phytologia* 88(1): 57. 2006.

Nome popular: unha-de-gato, serra-goela, arranha-gato (Queiroz 2009).

Figura: 5 K.

Arbusto ou liana; ramo 4-anguloso, híspido a velutino, armado; estípula lanceolada, puberulenta ou hípida, caduca; folha bipinada, peciolada; pinas 12-25 pares; foliólulos 22-55 pares por pina, lineares, glabros, margem ciliada, nervura principal excêntrica, sem tufo de tricomas na sua base; nectário foliar 1-2, séssil ou curtamente estipitado, cupuliforme, na metade superior do pecíolo e entre todos ou entre a maioria dos pares de pinas; inflorescência capituliforme, reunidos em panículas terminais e axilares; fruto linear, base atenuada, ápice arredondado, apiculado.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados do sudeste, Goiás e Bahia. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga e Floresta Atlântica (Morim & Barros 2014).

No PESB foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana a uma altitude de 1.041 m. Frutificou em outubro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga, Serra das Cabeças, 16-X-2013, fr., L.C. Siqueira 880 (VIC); 16-X-2013, fr., L.C. Siqueira 881 (VIC).

IX.3. *Senegalia tenuifolia* (L.) Britton & Rose, N. Amer. Fl. 23(2): 118. 1928.

Nome popular: barbadinho, cipó-rabo-de-macaco, rabo-de-camaleão, serragoela, sessenta-feridas (Silva et al. 2004), arranha-gato, unha-de-gato (Rodrigues & Carvalho 2010).

Figura: 5 L.

Árvore ou arbusto escadente; ramo cilíndrico, glabrescente a híspido, armado; estípula lanceolada, serícea ou estrigosa, caduca; folha bipinada, peciolada; pinas 10-20 pares; foliólulos 23-55 pares por pina; nectário foliar séssil, pateliforme, no terço inferior do pecíolo e entre o último ou os últimos pares de pinas; inflorescência do tipo glomérulo, reunidos em fascículos dispostos em panículas terminais ou axilares; flor séssil; fruto oblongo ou linear, base atenuada, ápice arredondado ou emarginado, glabrescente a puberulento.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre nos estados do Acre, Amazonas, Pará, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Morim & Barros 2014).

No PESB foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana. Floresceu em dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga, Fazenda Brigadeiro, 18-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 791 (VIC).

X *Stryphnodendron* Mart., Flora 20(2): Beibl. 117. 1837.

Árvore, arbusto ou subarbusto, ereto a prostrado; ramo cilíndrico, liso ou estriado longitudinalmente; folha bipinada, nectário foliar geralmente verruciforme, algumas vezes cônico, fusiforme ou lenticular-imerso, presente na região basal; raque cilíndrica próximo a base, tornando-se quadrangular próximo ao ápice; folíolos 2-18 pares; foliólulos 2-32 pares; fruto legume, nucóide ou folículo, séssil, semente não alada, endosperma presente.

O Brasil possui cerca de 21 espécies e duas variedades, sendo 13 endêmicas (Scalon 2014). O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte (Scalon 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Scalon 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

X.1. *Stryphnodendron polyphyllum* Mart., Flora 20(2): Beibl. 117. 1837.

Nome popular: barbatimão (Silva et al. 2004).

Figura: 5 M.

Árvore; ramo lenticelado, glabro a esparsamente pubescente, ápice do ramo principal ferrugíneo-pulverulento; folíolos 4-8 pares; nectário foliar presente imediatamente abaixo dos pares distais de foliólulos, verruciforme; inflorescência do tipo tirso simples, vermelho escuro; fruto legume, nucóide, reto, plano-compresso; semente 8-10, glabra.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados da região Centro-Oeste, Tocantins, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga e Cerrado (Scalon 2014).

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foram encontrados poucos representantes em áreas abertas de clareiras e borda de fragmentos. Foi observada em áreas de Floresta Ombrofila Densa Montana a uma altitude de 987 m. Coletado com flor em abril e com frutos imaturos em junho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Estrada Portaria Araponga, 11-VI-2013, fr., L.C. Siqueira & Sr. J.F. Daloz 844 (VIC); Ervália; 19-IV-2012, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista. 688 (VIC).

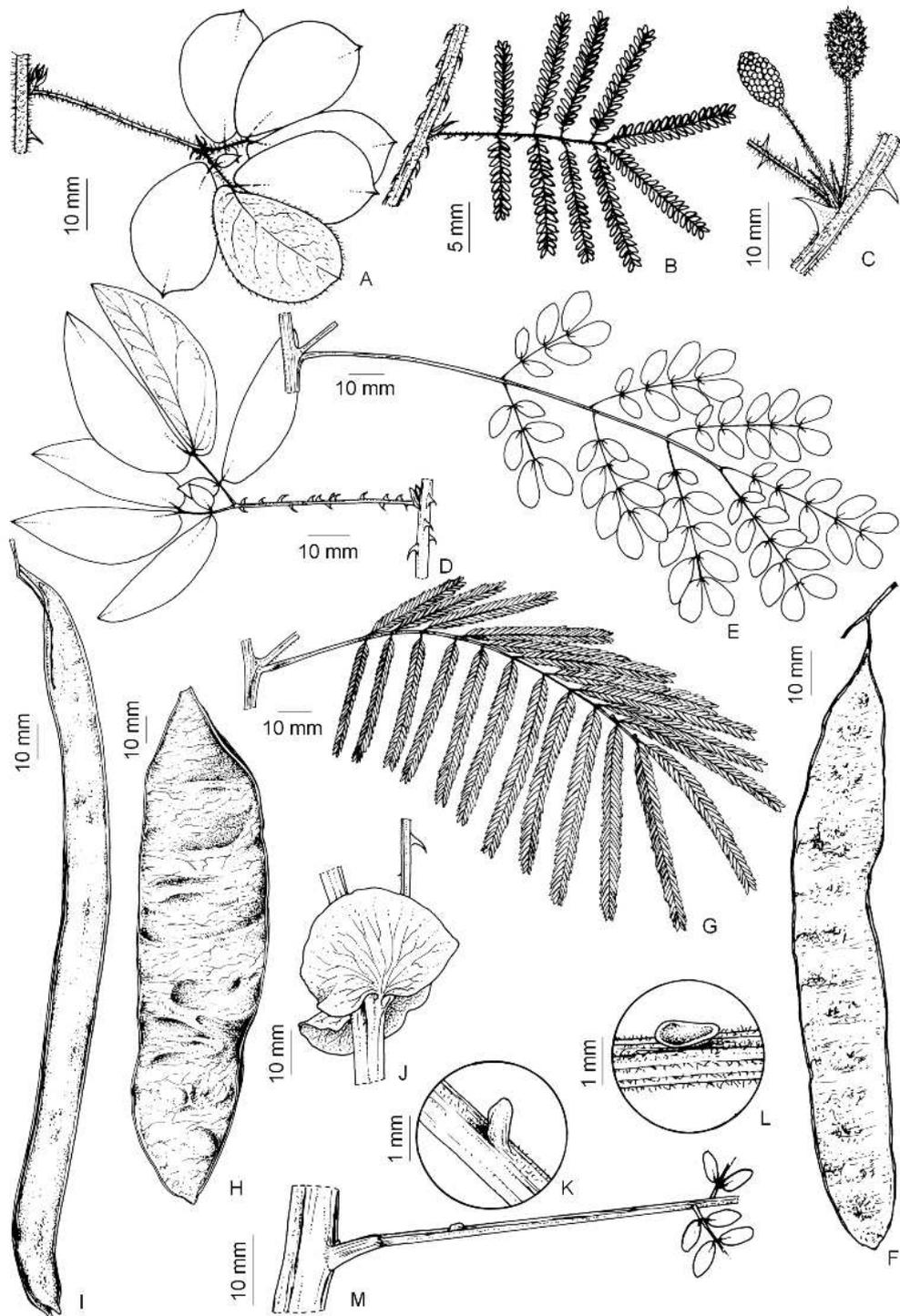


Figura 5. *Mimosa debilis*: A, folha (Siqueira 810). *Mimosa diplotricha*: B, folha (Siqueira 650). *Mimosa pigra*: C, inflorescência (Siqueira et al. 741). *Mimosa velloziana*: D, folha (Siqueira 819). *Piptadenia adiantoides*: E, folha (Siqueira 857). *Piptadenia gonoacantha*: F, fruto (Siqueira et al. 706). *Piptadenia micracantha*: G, folha (Siqueira et al. 689). *Piptadenia paniculata*: H, fruto (Siqueira et al. 851). *Pseudopiptadenia contorta*: I, fruto (Siqueira et al. 746). *Senegalia grandistipula*: J, estípula (Siqueira et al. 883). *Senegalia martiusiana*: K, nectário (Siqueira 817). *Senegalia tenuifolia*: L, nectário (Siqueira et al. 791). *Stryphnodendron polyphyllum*: M, nectário (Siqueira et al. 844).

1.3.2.2 Papilionoideae

1.3.2.3.1 Chave para identificação de Papilionoideae no PESB

1 Árvore ou liana.

2 Folhas trifolioladas.....Erythrina

2' Folhas com 5 ou mais folíolos.

3 Sâmara com região seminífera basal.....Machaerium

3' Sâmara com região seminífera central.Dalbergia

4 Fruto samaróide.

5 Semente unicolor.....Ateleia

5' Semente bicolor.....Ormosia

4' Fruto legume.....Swartzia

1' Trepadeiras, ervas, arbustos ou subarbustos.

6 Trepadeira.

7 Cálice tubular..... Bionia

7' Cálice campanulado.

8 Flores assimétricas..... Vigna

8' Flores zigomorfas.

9 Frutos septados.....Calopogonium

9' Frutos não septados.

10 Folíolos laterais assimétricos.....Cleobulia

10' Folíolos laterais simétricos.

11 Pétalas da quilha falcadas; legume com nervuras longitudinais.....Clitoria

11' Pétalas da quilha planas; legume sem nervuras longitudinais.....Lablab

6' Ervas.

12 Fruto legume.

13 Folha uni ou trifoliolada; flores amarelas.....Crotalaria

13' Folha sempre trifoliolada; flores amarelas, vermelhas e amarelas com estrias.....Cajanus

12' Fruto lomento.

- 14 Corola amarela; inflorescência espiciformes.....*Stylosanthes*
 14' Corola rósea; inflorescência pseudo-racemosa ou paniculada.....*Desmodium*
 15 Folíolos 2 ou 4.....*Zornia*
 15' Folíolos 5 ou mais.
 16 Folha imparipinada; corola rósea.....*Indigofera*
 16' Folha paripinada; corola amarela.....*Aeschynomene*

1.3.2.3.2. Gêneros e espécies de Papilionoideae encontrados no PESB

I *Aeschynomene* L., Sp. Pl. 2: 713. 1753.

Arbusto ou erva prostrada; caule glabrescente a hispiduloso; estípula peltada ou não peltada; folha alterna paripinada ou imparipinada, folíolo uni ou plurinerviados; uma bráctea e duas bractéolas presentes; inflorescência axilar, terminal, ou flores solitárias; fruto lomento, margens sinuosas ou ambas inteiras, artículos 1-16, retangulares, trigonais, semi-orbiculares ou orbiculares; semente reniforme, castanho-clara a preta.

O Brasil possui cerca de 49 espécies e 24 variedades, sendo 26 endêmicas. O gênero está distribuído por todo o território brasileiro e encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Lima et al. 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

I.1. *Aeschynomene falcata* (Poir.) DC., Prodr. 2: 322. 1825.

Nome popular: carrapicho, isca, sensitiva-mansa (Silva et al. 2004).

Erva, prostrada ou decumbente; ramo cilíndrico, glabrescente a pubescente; folíolos 4-7; pubescente em ambas as faces; racemo axilar, geralmente 1-2 flores; corola amarela com estrias acinzentadas; fruto lomento, articulado, falcado, estipitado, pubescente.

Ocorre em todos os estados da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste, Alagoas e Bahia. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Lima et al. 2014).

No PESB foi observada a uma altitude de 1.081 m, em áreas abertas. Floresceu de dezembro a março e foi observado frutos imaturos em fevereiro e frutos desenvolvidos em dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 15-XII-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 774 (VIC); Sede, 24-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 644 (VIC); 05-III-2012, fl., L.C. Siqueira 657 (VIC).

II Ateleia (DC.) Benth., Leg. Gen. Comm. 91:101.1837.

Árvore ou arbusto; estípulas ausentes; 6 a 12 estames em vez de múltiplos, anteras ovais, estigma peltado nas flores pistiladas, fruto indeiscente; semente unicolor.

O Brasil possui cerca de três espécies, ocorre em todos os estados da região Sul, Ceará, Maranhã, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Mansano et al. 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

II.1. Ateleia glazioveana Baill., Bull. Mens. Soc. Linn. Paris 1: 306. 1881.

Nome popular: amarelão, timbé (Silva et al. 2004), cinamomo-bravo, amargo, maria-preta, timbó, timbozinho (Lorenzi 2011).

Figura: 6 A.

Árvore; folha composta, alterna, imparipenada; folíolos 20-40 pares, alternos; inflorescência cacho, axilar; flor amarela; fruto samaróide, indeiscente, unisseminado, semiorbicular.

Ocorre em todos os estados da região sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Encontra-se sob o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Mansano et al. 2014a).

No PESB foi encontrada em áreas abertas como borda de matas e beira de estrada. Foi observada apenas em Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Material coletado apenas com frutos em maio e junho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Estrada Portaria Araçuaia, 02-V-2013, fr., L.C. Siqueira 816 (VIC); 11-VI-2013, fr., L.C. Siqueira & J. F. Daloz 845 (VIC).

III Bionia Mart. ex Benth., Comm. Legum. Gen. 66. 1837.

Arbusto ou trepadeira; folha unifoliolada ou trifoliolada; estípula e estipela caduca; inflorescência racemosa ou pseudo-racemosa, axilar; cálice gamossépalo, tubular, verde ou avermelhado, 4-5-mera; corola dialipétala, unguiculada, vermelha ou vinácea; estames 10, diadelfo ou pseudomonadelfo, anteras isomórficas; ovário plurióvulado; fruto legume, deiscência elástica; semente comprimida, lenticular.

O gênero apresenta 17 espécies, com distribuição neotropical de altitude (Burkart 1970), sendo quase todas as espécies brasileiras (Miotto 1986). O Brasil possui cerca de cinco espécies e duas variedades, sendo cinco endêmicas (Queiroz 2014).

O gênero ocorre nos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Distrito Federal, Goiás, Espírito Santo e Minas Gerais. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Queiroz 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

III.1. *Bionia bella* Mart. ex Benth., Comm. Legum. Gen. 66. 1837.

Figura: 6 B-C.

Trepadeira; ramo jovem esparso-seríceo; folíolos laterais simétricos, terminal ovado-elíptico; inflorescências pseudo-racemosas; cálice tubular, tetrâmero; corola avermelhados.

Espécie rara, endêmica do Brasil, encontra-se apenas sob o domínio fitogeográfico da Floresta Atlântica (Queiroz 2009).

É conhecida apenas em áreas serranas associadas a Serra da Mantiqueira nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, ocorrendo em ambientes exclusivamente de subosque de Matas Úmidas Serranas (Queiroz 1999).

No PESB está bem representada sendo encontradas várias populações da espécie na extensão territorial do Parque. Ocorre tanto na borda como no interior da Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Floresceu em fevereiro e frutificou em outubro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Fazenda da Neblina, 06-III-1993, fl., L.S. Leoni 2.118 (GFJP); II-1995, fl., L.S. Leoni 2.793 (GFJP); Sede, 02-III-2007, fl., A.L.A. Faria 75 (GFJP); 02-III-2007, fl., L.S. Leoni 6813 (GFJP); 24-II-2012, fl., L.C. Siqueira 642 (VIC); 24-II-2012, fl., L.C. Siqueira 648 (VIC); 14-II-2014, fl., L.C. Siqueira 890 (VIC); Serra das Cabeças, 16-X-2013, fr., L.C. Siqueira 875 (VIC).

IV *Cajanus* Adans. Fam. Pl. 2: 326, 529. 1763.

Arbusto; folhas 3-foliolada, alternas; estípulas lineares; folíolos laterais obliquamente elípticos, discolores; inflorescência racemosa, axilar ou terminal; flores sésseis, amarelas; lobos do cálice desigual, lóbulos mais curto do que o tubo do cálice; legume, linear oblongo; sementes 2-9.

O Brasil possui apenas uma espécie desse gênero. Está distribuído por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Lima 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

IV.1. *Cajanus cajan* (L.) Huth., Helios 11: 133. 1893.

Arbusto; ramo cilíndrico; folha 3-foliolada; pecíolo oblongo; estípulas lineares, presentes ou não; inflorescência axilar; flores sésseis, corola amarela; legume, linear, oblongo, deiscente; sementes reniformes.

Está distribuído por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Lima 2014). Espécie naturalizada (Morim & Lima 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas de Floresta Ombrófila Densa Montana. Floresceu e frutificou em agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 16-VIII-2012, fl., L.C. Siqueira 620 (VIC); 16-VIII-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 624 (VIC).

V *Calopogonium* Desv., Ann. Sci. Nat. (Paris) 9: 423. 1826.

Trepadeira; estípulas nunca peltadas; folha sempre trifoliolada, cálice campanulado e 5-laciniado, lacínias do mesmo tamanho do tubo; estandarte glabro em ambas as faces, estames com anteras isomórficas; fruto legume, septos internos separando as sementes.

É constituído por apenas seis espécies de distribuição Neotropical (Schrire 2005d). São encontradas nas florestas estacionais, geralmente em ambiente antropizado, áreas alagadiças ou próximas de rios (Lima & Mansano 2011).

O Brasil possui cerca de quatro espécies distribuídas por quase todo o território brasileiro, exceto no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Tocantins, Sergipe e Alagoas (Lima 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Lima 2014).

No PESB foram encontradas duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Calopogonium* Desv. no PESB

- 1 Ramo hirsuto-ferrugíneo; folhas pubescentes; folíolos laterais assimétricos...*C. mucunoides*
1' Ramo glabrescente a pubérulo; folhas glabras; folíolos laterais simétricos.....*Calopogonium* sp.

V.1. *Calopogonium mucunoides* Desv., Ann. Sci. Nat. 9: 423. 1826.

Nome popular: calopogônio, enxada-verde, falso-moromóró, falso-oro, jequiritirana, jiquitirana, soja-perene (Silva et al. 2004).

Figura: 6 D-E.

Trepadeira herbácea; ramo hirsuto-ferrugíneo; folhas pubescentes; folíolos laterais assimétricos, faces hirsutas; fruto legume, densamente recoberto por tricomas ferrugíneo.

A espécie está distribuída por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Lima 2014).

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi observada em áreas de clareira de matas e áreas abertas de estrada. Foi coletada em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, em uma altitude de 1.037 m. Floresceu em maio.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 20-V-2013, fl., L.C. Siqueira 828 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: SAFs Sr. João dos Santos, 17-V-2006, fl., J.M. Fernandes 282 (VIC).

V.2. *Calopogonium* sp.

Trepadeira volúvel; ramo glabrescente a pubérulo; folhas glabras; folíolos laterais simétricos, faces glabras; fruto legume, glabro.

Floresceu e frutificou em maio. *Calopogonium* sp. é de fácil reconhecimento na área de estudo por diferenciar de *Calopogonium mucunoides* devido ao indumento do ramo, folha e fruto. *C. mucunoides* apresenta ramo, folha e fruto densamente pilosos enquanto *Calopogonium* sp. se mostrou glabra.

Em toda a área amostrada foi encontrado apenas um indivíduo localizado na beira da estrada que liga a Sede do PESB a portaria Araponga. Foi observado em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana a uma altitude de 1.128m.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Estrada Portaria Araçuaia, 20-V-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 832 (VIC).

VI Cleobulia Mart. ex Benth., Comm. Legum. Gen. 67. 1837.

Trepadeira; folha pinado-trifoliolada, raramente digitado-trifoliolada; estípula persistente; estípula caduca; inflorescência pseudo-racemosa, axilar; cálice gamossépalo, tubuloso, 4-5 mera; corola dialipétala, róseo, púrpura ou violácea, alas reduzidas em relação às pétalas da carena; fruto legume, glabrescente a tomentoso; sementes reniformes.

O gênero apresenta quatro espécies, sendo que três ocorrem no Brasil (Maxwell 1977) e destas, duas são endêmicas (Queiroz 2014). O gênero está distribuído por todos os estados da região Sudeste, Paraná, Bahia, Amapá, Pará e Rondônia (Queiroz 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Queiroz 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

VI.1. Cleobulia multiflora Mart. ex Benth., Comm. Legum. Gen. 67. 1837.

Figura: 6 F.

Trepadeira; ramo jovem velutino; folha trifoliolada, folíolos laterais assimétricos e terminais elípticos; cálice ferrugíneo-viloso externamente, corola lilás; fruto legume, plano compresso, não constricto entre as sementes, ferrugíneo-viloso; sementes 1-3.

É uma espécie exclusivamente brasileira (Maxwell 1977). Ocorre em todos os estados da região Sudeste, Paraná e Bahia. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Queiroz 2014).

No PESB a espécie foi encontrada em bordas de matas e áreas abertas de beira de estrada. Floresceu em maio e frutificou em junho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Estrada Portaria Araçuaia, 02-V-2013, fl., L.C. Siqueira 813 (VIC); 11-VI-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira & J. F. Daloz 842 (VIC).

VII Clitoria L., Sp. Pl. 2: 753. 1753.

Árvore, arbusto, subarbusto ou erva; folha pinada, trifoliolada a plurifoliolada; inflorescência axilar, 1-2-flora; bractéola geralmente maior que a bráctea; flor rosa, branca ou violácea; fruto legume linear.

Gênero pantropical com aproximadamente 62 espécies (Lewis et al. 2005). O Brasil possui cerca de 28 espécies e 19 variedades, sendo sete endêmicas. O gênero está distribuído por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Rando & Souza 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

VII.1. Clitoria falcata Lam., Encycl. 2(1): 51. 1786.

Nome popular: feijão-bravo-mata-cabrito (Silva et al. 2004).

Figura: 6 G-H.

Trepadeira; ramo estriado, hirsuto; folha trifoliolada; estípula ovado-lanceolada, persistente; folíolo cartáceo, face abaxial esparso-tomentosa, face adaxial glabra; inflorescência racemosa, 1-4-flora, axilar; cálice tubuloso, 5-laciniado, hirsuto; corola branca.

Ocorre nos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Roraima, Tocantins, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica (Rando & Souza 2014).

No PESB está bem representada em áreas abertas. Foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa, a uma altitude de 993 m. Floresceu e frutificou em fevereiro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fl., L.C. Siqueira & A.A. Silva 633 (VIC); 14-II-2014, fr., L.C. Siqueira 886 (VIC); 15-II-2014, fl. e fr., L.C. Siqueira 895 (VIC).

VIII Crotalaria L., Sp Pl. 2: 714-716. 1753.

Arbusto, subarbusto ou erva; folha com um ou três folíolos; inflorescência racemosa, corola amarela; androceu com dez estames monadelfos; fruto legume, inflado.

Apresenta cerca de 690 espécies distribuídas através dos trópicos (Lewis et al. 2005). O Brasil possui cerca de 42 espécies e duas subespécies, sendo 19 espécies endêmicas (Flores 2014).

O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto no Rio Grande do Norte. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Flores 2014).

No PESB foram encontradas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Crotalaria* L. do PESB

1 Folhas unifolioladas.

2 Folíolos elípticos ou lanceolados.....*C. breviflora*

2' Folíolos obovado.....*C. spectabilis*

1' Folhas trifolioladas.

3 Folíolos largo-elípticos a obovados, base obtusa, ápice arredondado-mucroconado.....*C. incana*

3' Folíolos elípticos, base cuneada, ápice retuso-mucroconado.....*C. micans*

VIII.1. *Crotalaria breviflora* DC., Prodr. 2: 127. 1825.

Nome popular: chique-chique (Silva et al. 2004), amendoim-bravo (Flores 2014).

Figura: 6 I.

Subarbusto; ramo jovem seríceo a velutino; pecíolo canaliculado; folha unifoliolada; fruto legume; semente reniforme, castanha.

No Brasil é uma espécie endêmica e está distribuída nos estados do Tocantins, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Flores 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas com muita luminosidade. Foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Montana e Altomontana a uma altitude que variou de 1.074 a 1.319 m. Floresceu e frutificou de fevereiro a agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Sede, 16-VIII-2011, fl. e fr., L.C. Siqueira 616 (VIC); 16-VIII-2011, fl. e fr., L.C. Siqueira 617 (VIC); Sede, 24-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 643 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 27-VII-2011, fl. e fr., L.C. Siqueira & J. Bessa 600 (VIC); 27-VII-2011, fl., L.C. Siqueira & J. Bessa 601 (VIC); 14-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira & A.A. Silva 631 (VIC); 30-VII-2013, fl., L.C. Siqueira 870 (VIC); 15-II-2014, fr., L.C. Siqueira 900 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Fragmento da Lurdinha, 27-I-2006, fl., J.M. Fernandes & C. Pelucii 134 (VIC); 26-III-2006, fr., J.M. Fernandes 239 (VIC); 16-XII-2006, fl., J.M. Fernandes 412 (VIC).

VIII.2. *Crotalaria incana* L., Sp. Pl. 2: 716. 1753.

Nome popular: cascavel, chocalho, manduvira, mata-pasto-peloso, mata-pasto-piloso, purupaqui (Silva et al. 2004), xique-xique, chocalho-de-cascavel, feijão-de-boi, gergelim-bravo, cascaveleira, guizo-de-cascavel, manduvira, guiseiro, perupaqui, jurupaqui (Lorenzi 2008).

Figura: 6 J.

Subarbusto; ramo seríceo a velutino, alas intermodais presentes; pecíolo canaliculado; folha trifoliolada; fruto legume; semente reniforme, castanha.

No Brasil está distribuída por todos os estados da região Centro-Oeste, Suldeste e Sul, Acre, Amazonas, Pará, Bahia, Ceará e Piauí. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Flores 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas, como, beira de estradas e clareiras. Foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana. Floresceu e frutificou de fevereiro a maio.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 20-V-2013, fl. e fr., L.C. Siqueira 826 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 15-II-2014, fl. e fr., L.C. Siqueira 898 (VIC); 06-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 667 (VIC).

VIII.3. *Crotalaria micans* Link., Enum. Hort. Berol. Alt. 2: 228–229. 1822.

Nome popular: anil-de-flores-amarelas (Silva et al. 2004), guizo-de-cascavel, chocalho-de-cascavel, chocalho, xique-xique, cascaveleira, guiseiro, gergelim-bravo, manduvira, crotalária-guirá (Lorenzi 2008).

Figura: 6 K.

Arbusto; ramo cilíndrico, ereto, pubérulo; folha digitada, trifoliolada, longopeciada; fruto legume, pubérulo; semente castanha a alaranjada.

Ocorre em quase todo o território brasileiro, exceto Espírito Santo, Tocantins e Rondônia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Flores 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas com muita luminosidade, como, estradas e clareiras, em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana, em altitudes que variam de 984 a 1.210 m. Floresceu e frutificou durante o ano todo.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Serra da Grama, 01-XII-1993, fl., L.S. Leoni 2.381 (GFJP); Pico do Boné, 04-IV-

1986, fl. e fr., M.F. Vieira et al. 350 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 27-VII-2011, fr., L.C. Siqueira & J. Bessa 602 (VIC); 14-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 635 (VIC); 16-X-2012, fl., L.C. Siqueira 755 (VIC); 15-II-2014, fl., L.C. Siqueira 901 (VIC); 22-VII-2014, fr., L.C. Siqueira 856 (VIC).

VIII.4. *Crotalaria spectabilis* Röth, Nov. Pl. Sp. 341–342. 1821.

Nome popular: cascavel, cascaveleira, crotalária, cumandá-guirá, gergelim-bravo, guizeiro, manduvira, manduvira, xique-xique (Silva et al. 2004), guizo-de-cascavel, chocalho, chocalho-de-casvavel (Lorenzi 2008).

Figura: 6 L.

Subarbusto; ramo acanalado, glabro, pouco ramificada; folha unifoliolada; pecíolo piloso; fruto legume, glabro; semente, lisa, negra, brilhante.

Ocorre em todos os estados da região Suldeste e Sul, Amazonas, Pará, Roraima, Bahia, Ceará, Maranhão e Mato Grosso. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica (Flores 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas com muita luminosidade, e próximo de curso de água. Foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Floresceu de maio a julho e frutificou em julho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 20-V-2013, fl., L.C. Siqueira 831 (VIC); Estrada Portaria Araponga, 23-VII-2013, fl e fr., L.C. Siqueira 860 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 22-VII-2013, fl., L.C. Siqueira 858 (VIC).

IX *Dalbergia* L.f., Suppl. Pl. 52–53, 316–317. 1782.

Árvore, arbusto ou liana; folha pinada, imparipinada; estípula decídua, estípela ausente; folíolo alterno; inflorescência paniculada, axilar ou terminal; corola branca, creme, amarela ou violácea; fruto sâmara, com região seminífera central; sementes 1-3, reniformes, compressas.

O gênero apresenta cerca de 100 espécies com distribuição pantropical (Polhill 1981b). No Brasil ocorre de 39 espécies e quatro variedades, sendo 21 endêmicas. O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro exceto Tocantins. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima et al. 2014).

No PESB foram encontradas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Dalbergia* L. do PESB

- 1 Lianas.....*D. frutescens* var.*frutescens*
1' Árvores.
2 Folíolos com ambas as faces pubescentes.
3 Folíolos de ápice obtuso, mucronado..... *D. foliosa*
3' Folíolos de ápice retuso.....*D. nigra*
2' Folíolos com face adaxial glabra e abaxial pubescente.....*D. brasiliensis*

IX.1. *Dalbergia brasiliensis* Vogel, *Linnaea* 11: 198. 1837.

Nome popular: caviúna, caviúna-preta, jacarandá, jacarandá-do-miúdo, jacarandá-graúdo, marmeleiro, marmeleiro-do-mato, marreteiro, nhacarandá (Silva et al. 2004).

Figura: 6 M.

Árvore; ramo hirsuto; folíolos 13-27, alternos; face adaxial glabra, abaxial pubescente; panículas corimbiformes, terminais a subterminais; fruto sâmara, elíptica; semente oblonga, castanho-avermelhada.

Ocorre em todos os estados da região Sul do Brasil, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Lima 2014).

No PESB foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana a uma altitude de 1.405 m. Floresceu em dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 15-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 767 (VIC).

IX.2. *Dalbergia foliolosa* Benth., *J. Linn. Soc., Bot.* 4(Suppl.): 37. 1860.

Nome popular: jacarandá-rosa (Lewis 1987; Silva et al. 2004), jacarandá-tão.

Figura: 6 N.

Árvore; ramo esparso-seríceo; inflorescência paniculada, escorpióide, axilar ou terminal; fruto sâmara, elíptico-oblonga, glabrescente; semente reniforme, acinzentada.

Ocorre em todos os estados da região Sudeste, Bahia, Paraná e Santa Catarina. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Lima 2014).

No PESB ocupa ambientes de borda de floresta. Ocorre em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana variando em uma altitude de 1.027 a 1.380 m. Floresceu em fevereiro e frutificou de maio a junho.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 02-V-2013, fr., L.C. Siqueira 818 (VIC); 02-V-2013, fr., L.C. Siqueira 815 (VIC); 20-V-2013, fr., L.C. Siqueira 823 (VIC); 05-VI-2013, fr., L.C. Siqueira 839 (VIC); Pico do grama, 01-V-2013, fr., L.C. Siqueira 808 (VIC); Sede, 01-V-2013, fr., L.C. Siqueira 807 (VIC); 14-II-2014, fl., L.C. Siqueira 888 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga; Fragmento da Lurdinha, 14-II-2006, fr., J.M. Fernandes 185 (VIC); Fragmento da Eva, 14-II-2006, fl., J.M. Fernandes 178 (VIC); 14-II-2006, fl., J.M. Fernandes 177 (VIC); 05-III-2006, fl., J.M. Fernandes 236 (VIC).

IX.3. *Dalbergia frutescens* (Vell.) Britton var. *frutescens*, Bulletin of the Torrey Botanical Club 16(12): 324. 1889.

Nome popular: arco-de-pipa, cipó-de-estribo, cipó-pau, jacarandá-branco, pau-estribo (Carvalho 1997); pé-de-banco.

Figura: 6 O.

Liana; ramo esparso-piloso a piloso, lenticelado; 9-12 folíolos; corola creme; ovário ciliado; androceu 10 estames.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste e nos estados do Distrito Federal, Goiás, Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima 2014).

No PESB a espécie está bem representada ocupando áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana. Floresceu em dezembro e frutificou de abril a setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 30-IV-2013, fr., L.C. Siqueira 802 (VIC); 02-V-2013, fr., L.C. Siqueira 814 (VIC); 20-V-2013, fr., L.C. Siqueira 822 (VIC); Serra das Cabeças, 11-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & J.M. Fernandes 730 (VIC); 14-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 764 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 22-VII-2013, fr., L.C. Siqueira 855 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga; Fragmento da Lurdinha, 05-X-2005, fr., J.M. Fernandes 74 (VIC); 23-XI-2005, fl., J.M. Fernandes & F.C.P. Garcia 101 (VIC); 14-II-2006, fr., J.M. Fernandes 185 (VIC).

IX.4. *Dalbergia nigra* (Vell.) Allemão ex Benth., J. Linn. Soc., Bot. 4(Suppl.): 36. 1860.

Nome popular: caabiuna, cabeúna, cabiúna, cabiúna-branca, cabiúna-do-mato, cabiúna-miúda, cabiúna-rajada, cabiúna-parda, cabiúna-preta, cabiúna-roxa, camborá, camburana, caviúna, caviúna-amarela, caviúna-preta, caviúna-rajada, caviúna-roxa, caviúna-vermelha, caviúna-violeta, caviúno, coviuna, graúna, imiraúna, jacarandá-cabiúna, jacarandá-branco, jacarandá-da-Bahia, jacarandá-do-mato, jacarandá-negro, jacarandá-pitanga, jacarandá-roxo, jacarandá-uma, jacarandá-verdadeiro, jacarandá-violeta, jacarandatã, jacarandazinho, jacaranduna, pau-preto, uraúna, violeta, violete-bordado (Silva et al. 2004).

Figura: 6 P.

Árvore; ramo esparso-tomentoso; folíolos 11-23, oblongo-elípticos; inflorescência paniculada, axilar; corola amarela esverdeada; fruto sâmara; semente 1-2, reniforme, glabra, avermelhada.

Espécie endêmica do Brasil distribuiu-se por todos os estados da região Sudeste, Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Paraná, na Floresta Atlântica (Lima 2014).

No PESB foi realizada uma única coleta em borda de fragmento, em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a 1.053 m de altitude. Coletada com fruto em outubro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Serra das cabeças, 16-X-2013, fl., L.C. Siqueira 878 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Canaã; Beira da estrada, 15-11-2006, fl. e fr., J.M. Fernandes 395 (VIC); Araponga; SAFs do Sr. Ilson, 05-IX-2005, fr., J.M. Fernandes 03 (VIC); Beira da estrada, 12-IX-2006, fr., J.M. Fernandes 378 (VIC).

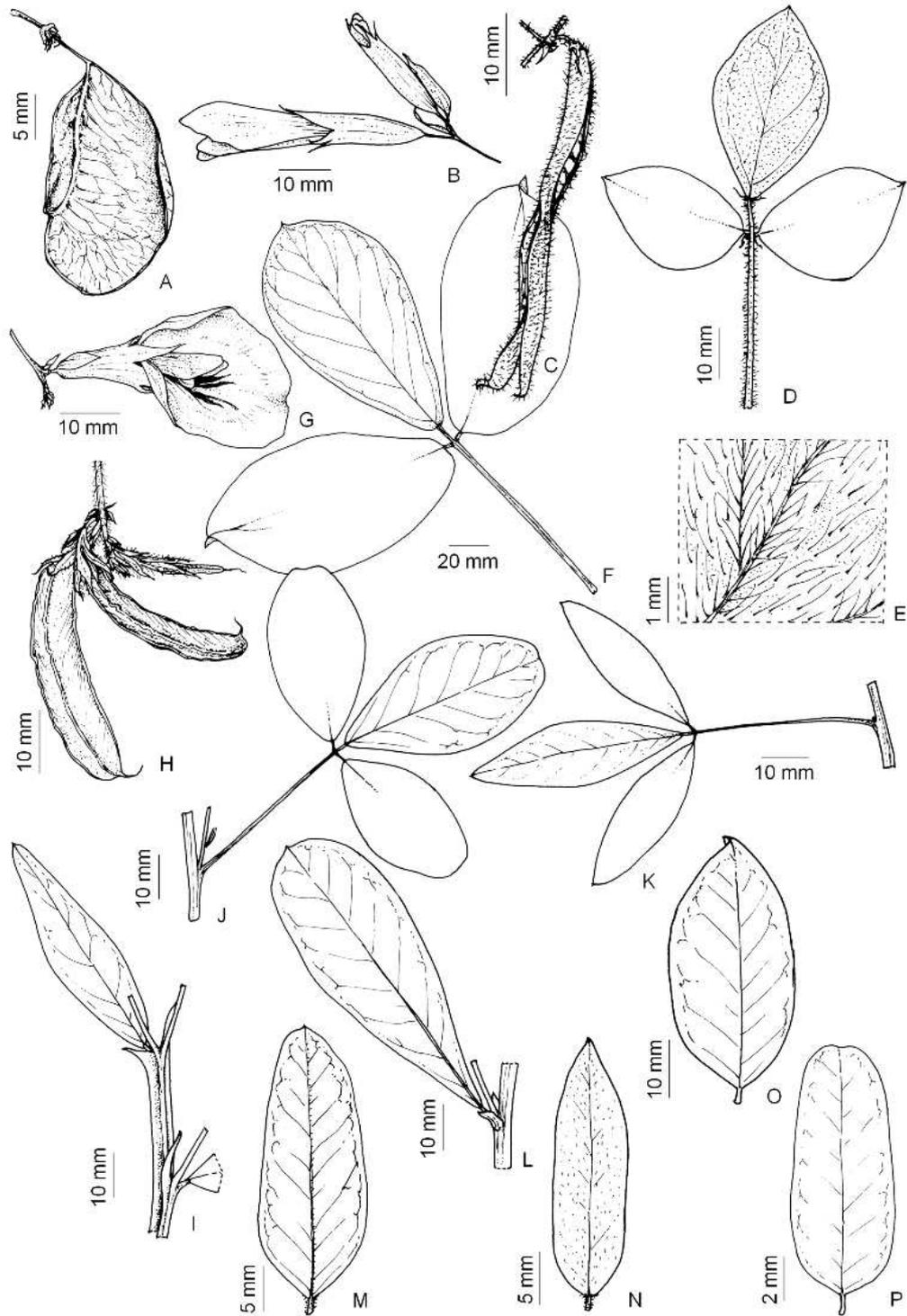


Figura 6. *Ateleia glazioveana*: A, fruto (Siqueira 816). *Bionia bela*: B, flor (Siqueira 890), C, fruto (Siqueira 875). *Calopogonium mucunoides*: D, folha; E, face adaxial da folha (Siqueira 828). *Cleobulia multiflora*: F, folha (Siqueira 813). *Clitoria falcata*: G, flor; H, fruto (Siqueira 895). *Crotalaria breviflora*: I, folha (Siqueira 870). *Crotalaria incana*: J, folha (Siqueira 898). *Crotalaria micans*: K, folha (Siqueira et al. 602). *Crotalaria spectabilis*: L, folha (Siqueira 831). *Dalbergia brasiliensis*: M, folíolo (Siqueira 655). *Dalbergia foliolosa*: N, folíolo (Siqueira 823). *Dalbergia frutescens*: O, folíolo (Siqueira 814). *Dalbergia nigra*: P, folíolo (Siqueira 878).

X *Desmodium* Desv., J. Bot, Agric.1(3): 122, pl. 5, f. 15. 1813.

Arbusto, subarbusto ou erva; folha 3 (5 ou 1) foliolada; estípula e estipela persistente; inflorescência pseudo-racemosa ou paniculada, axilar ou terminal; fruto lomento, 2-8 articulado, deiscente ou indeiscente; semente oblonga, obovada ou reniforme.

O Brasil possui cerca de 34 espécies e uma variedade, sendo cinco endêmicas. O gênero está distribuído por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Lima et al. 2014).

No PESB foram encontradas cinco espécies.

Chave para identificação das espécies de *Desmodium* do PESB

- 1 Erva ou subarbusto; folíolos obovados a orbiculares.....D. adscendens
 - 2 Folíolos laterais simétricos.
 - 3 Folíolo terminal elíptico, ápice agudo, mucronado, base arredondada; estípulas lanceoladas e soldadas.....D. incanum
 - 3' Folíolo terminal ovado, ápice agudo, base arredondada; estípulas triangulares e livres.....D. uncinatum
 - 2' Folíolos laterais assimétricos.
 - 4 Folíolo terminal ovado, ápice agudo, base arredondada a truncada; estípulas livres entre si.....D. affine
- 1' Arbusto; folíolos lanceolados, estreito-elíptico ou oblongo D. leiocarpum

X.1. *Desmodium adscendens* (Sw.) DC., Prodr. 2: 332. 1825.

Nome popular: amor-de-velho, amores-de-vaqueiro, amorzinho-seco, carrapichinho, marmelada-de-cavalo, trevinho-do-campo, trevo-do-campo (Silva et al. 2004), carrapicho-beiço-de-boi, carrapicho, amor-agarrado, pega-pega, amores-do-campo, marmelada-de-cavalo, amorico (Lorenzi 2008), amor-seco, amor-do-campo (Lorenzi 2008), focinho-de-boi.

Figura: 7 A.

Erva, prostrada a semi-ereta; ramo cilíndrico, estriado, pubescente; folíolos laterais simétricos, ápice emarginado a arredondado, base obtusa a arredondada, face adaxial glabrescente, abaxial pubescente; inflorescência racemos longos, axilares e terminais; corola lilás; fruto lomento, 2-4-articulado. Está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto Distrito Federal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Encontra-se sob os domínios

fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Lima et al. 2014). Espécie naturalizada (Lima et al. 2014).

No PESB a espécie está bem distribuída sendo encontrada em áreas de grande luminosidade, da Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana. Floresceu e frutificou durante o ano todo.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Sede, 24-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 645 (VIC); 05-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 658 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 27-VII-2011, fl., L.C. Siqueira & J. Bessa 605 (VIC); 27-VII-2011, fl., L.C. Siqueira & J. Bessa 606 (VIC); 14-II-2012, fl., L.C. Siqueira & A.A. Silva 626 (VIC).

X.2. *Desmodium affine* Schlecht., *Linnaea* 12: 312-313. 1838.

Nome popular: manduvina, amores-do-campo-sujo (Azevedo 1981); amores-do-campo-sujo, carrapicho, pega-pega (Silva et al. 2004); focinho-de-boi (Fernandes 2007).

Figura: 7 B.

Subarbusto; ramo com tricomas uncinados, hirsutos; folíolos laterais assimétricos, ápice agudo, base arredondada a truncada, face adaxial serícea, face abaxial uncinada; inflorescência pseudo-racemosa, terminais; corola rosada; fruto lomento, 3-7-articulado.

Ocorre em todo o território brasileiro, na Amazônia, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Lima et al. 2014).

No PESB foi coletada em áreas abertas, da Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Floresceu e frutificou em fevereiro e dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Portaria Araponga, 15-XII-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 768 (VIC); Sede, 24-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 641 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira & A.A. Silva 638 (VIC); 25-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 646 (VIC).

X.3. *Desmodium incanum* DC., *Prodr.* 2: 332. 1825.

Nome popular: beijo-de-boi (Silva et al. 2004), carrapicho-beijo-de-boi, pega-pega, amores-do-campo, baba-de-boi, marmelada-de-cavalo, amores-de-vaqueiro, carrapicho, agarra-agarra, mata-pasto (Lorenzi 2008).

Figura: 7 C.

Subarbusto; ramo cilíndrico, estriado, pubescente; folíolos laterais orbiculares, ápice mucronado a retuso, base obtusa a arredondada, face adaxial glabrescente, abaxial pubérula; inflorescência rácemo, terminal; corola lilás ou violácea; fruto lomento, 4-6-articulado.

Espécie naturalizada no Brasil, ocorre em todos os estados e biomas brasileiros (Lima et al. 2014).

No PESB foi encontrado em áreas abertas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Floresceu e Frutificou em março.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Sede do parque, 05-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 656 (VIC).

X.4. *Desmodium leiocarpum* (Spreng.) G. Don., Gen. Hist. 2: 294. 1832.

Nome popular: marmelada-de-cavalo, manduvira, carrapicho-de-beiço-de-boi, carrapicho, carrapichinho (Oliveira 1983; Lima, 2011).

Figura: 7 D.

Arbusto, ereto, pouco ramificado; ramo cilíndrico, estriado; folíolos laterais lanceolados, ápice mucronado ou retuso, base cuneada; face adaxial com esparsos tricomas retos e uncinados, face abaxial tomentosa com nervuras salientes; inflorescência paniculada; terminal ou axilar; corola roxa ou lilás; fruto lomento; 3-6-articulado.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste, Bahia, Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso, no Cerrado e na Floresta Atlântica (Lima et al. 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Floresceu em março e frutificou em outubro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 06-III-2012, fl., L.C. Siqueira 670 (VIC); 16-X-2012, fr., L.C. Siqueira 752 (VIC).

X.5. *Desmodium uncinatum* (Jacq.) DC., Prodr. 2: 331. 1825.

Nome popular: amor-de-velho, amor-de-velho-comum, amor-de-velho-da-folha-graúda, amores-de-vaqueiro, beiço-de-boi, desmódio (Silva et al. 2004), carrapicho-beiço-de-boi, carrapicho, amoroso, pega-pega (Lorenzi 2008).

Figura: 7 E.

Subarbusto; ramo com tricomas uncinados; folíolos laterais simétricos, ápice agudo, base arredondada, faces adaxial e abaxial velutinas; inflorescências paniculadas, terminais; corola arroxeadada; fruto lomento, 1-4 articulado.

Ocorre em todos os estados da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste, em Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, na Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Lima et al. 2014).

No PESB foi encontrada em áreas abertas de muita luminosidade da Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Floresceu em fevereiro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Sede do PESB, 15-II-2014, fl., L.C. Siqueira 899 (VIC); Fervedouro; Portaria Fervedouro, 25-II-2012, fl., L.C. Siqueira 647 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araçuaia; Fragmento da Lurdinha, 28-IV-2006, fl., J.M. Fernandes 276 (VIC); SAFs do Senhor Ângelo, 12-IV-2006, fl., J.M. Fernandes 255 (VIC); SAFs do Sr. Ângelo, 12-IV-2006, fl., J.M. Fernandes 262 (VIC).

XI *Erythrina* L., Sp. Pl. 2: 706. 1753.

Árvore; folhas 3-folioladas; pétalas vermelhas; legume; sementes vermelho-alaranjadas.

O Brasil possui cerca de 11 espécies, sendo duas endêmicas. O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro, exceto na Roraima. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Lima & Martins 2014).

No PESB foram encontradas duas espécies.

XI.1. *Erythrina falcata* Benth., Fl. Bras. 15(1B): 172. 1859.

Nome popular: bico-de-arara, bico-de-papagaio, bico-de-pato, bituqueira, camarão-assado, canivete, ceibo, corticeira, corticeira-da-serra, corticeira-do-mato, corticeiro-seco, feijão-bravo, machoco, marrequeira, marrequinha, mituqueiro, mochoco, marrequeira, marrequinha, mituqueiro, mochoco, mochoqueiro, muchoco, mulungu, mulungu-coral, pau-de-cebola, sanandu, sananduba, sapatinho-de-judeu, sinandu, suína, suína, suína-da-mata, suína-da-serra, suína-do-brejo, suína-mulato, vermelheira (Silva et al. 2004), mulungú, suínã, surinã (Rodrigues & Carvalho 2010).

Figura: 7 F.

Árvore; ramo cilíndrico, densamente piloso, aculeado; inflorescência racemosa, axilar; cálice vermelho-alaranjado; corola vermelho-alaranjada; legume indeiscente, glabro; sementes reniformes, castanho escuro.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste e em Mato Grosso do Sul e Maranhão. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima & Martins 2014).

No PESB foi encontrado em áreas do interior e bordas de fragmentos, da Floresta Ombrófila Densa Altomontana. Floresceu de abril a agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Fazenda da Neblina, 25-VI-1995, fl., L.S. Leoni & B. Cosenza 2.967 (GFJP); Sede, 27-VIII-2012, fl., L.C. Siqueira & R.H. de Sousa 712 (VIC); 30-IV-2013, fl., L.C. Siqueira 801 (VIC); 11-VI-2013, fl., L.C. Siqueira & Sr. J.F. Daloz 848 (VIC); Serra da Araponga, 17-VI-1989, fl., L.S. Leoni & R.S. Varela (GFJP 796).

XI.2. *Erythrina speciosa* Andrews, Bot. Repos. 7: pl. 443. 1806.

Nome popular: eritrina-candelabro, eritrina-reticulata, mulungu-do-litoral (Silva et al. 2004).

Figura: 7 G.

Arbusto ou arvoreta, ramo cilíndrico, esparsamente piloso, aculeado; inflorescência racemosa, terminal; cálice vináceo; corola vermelha, legume deiscente, glabro; sementes reniformes, castanhas.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados da região Sudeste do Brasil, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Distrito Federal e Bahia. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Lima & Martins 2014).

No PESB floresceu em junho. Foram encontrados poucos indivíduos férteis.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Próximo à casa do Fabrício Marcolino, 30-VII-2013, fl., L.C. Siqueira 867 (VIC).

XII *Indigofera* L., Sp. Pl. 2: 751. 1753.

Arbusto, subarbusto ou erva; folha pinada, imparipinada ou digitado-trifoliolada; inflorescência racemosa, axilar; corola vermelha, rosada ou púrpura; fruto legume, linear a globoso, estreito, reto ou curvado, deiscente; semente globosa, cilíndrica ou cuboidai.

O Brasil possui cerca de 13 espécies, sendo quatro endêmicas. O gênero está distribuído por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pampa (Miotto & Iganci 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

XII.1. *Indigofera suffruticosa* Mill., Gard. Dict. (ed. 8) no. 2. 1768.

Nome popular: anil-verdadeiro, caachica, guajaná-timbó, mata-pasto-preto (Silva et al. 2004), anileira, indigueira, índigo, guajaná-timbó (Lorenzi 2008), anil, anileira-verdadeira, caá-chica, timbó-mirim, bananinha-de-macaco (Lorenzi 2010).

Figura: 7 H.

Arbusto; ramo estriado, seríceo; folhas 11-19-folioladas; folíolos oblongos a obovais, face adaxial glabrescente, face abaxial com tricomas bifurcados adpressos; cálice

campanulado, lacínias de tamanho desiguais; corola rósea; fruto legume, marrons, acentuadamente curvos, cilíndricos.

Ocorre em todo o território brasileiro, na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Miotto & Iganci 2014).

No PESB foi encontrada em beira de estradas e próximo a pastagens. Espécie bem representada na área de estudo. Floresceu e frutificou em fevereiro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 14-II-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira & A.A. Silva 636 (VIC).

XIII Lablab Adans., Fam. Pl. 2: 325. 1763.

Trepadeira, prostrado ou volúvel; inflorescência axilar ou terminal; bráctea caduca; pétalas da quilha plana, formando um ângulo de aproximadamente 90°; cálice campanulado; estigma terminal; fruto legume, oblongo; semente com borda superior e inferior convexas.

Ocorre apenas uma espécie no Brasil e não é endêmica. O gênero está distribuído em todos os estados da região Sudeste, na Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Paraná. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima 2014b).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

XIII.1. Lablab purpureus (L.) Sweet, Hort. Brit. 481. 1826.

Nome popular: mangalô, mangalon (Silva et al. 2004).

Liana; folíolo basal, inteiro, assimétrico, folíolo terminal, inteiro, simétrico; inflorescência glabrescente a pubérula, axilar ou terminal; corola branca a amarela; fruto legume, glabro; semente branca ou negra.

Espécie naturalizada. Ocorre em todos os estados da região Sudeste do Brasil, Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Paraná. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima 2014b).

No PESB foi encontrada em áreas antropizadas e beiras de estradas. Frutificou em agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 17-VIII-2011, fr., L.C. Siqueira 623 (VIC).

XIV Machaerium Pers., Syn. Pl. 2(2): 276. 1807.

Árvore, arbusto, liana ou trepadeira; folha imparipinada, folíolo alterno, estípula espinescente; inflorescência racemo, secundifloro, fasciculado ou panícula axilar ou terminal, fasciculada; corola em geral lilás; dez estames; fruto legume estipitado, samaróide, indeiscente; região seminífera basal, ala distal.

É um gênero pantropical e apresenta cerca de 130 espécies no mundo (Lewis et al. 2005). O Brasil possui 71 espécies, sendo 44 endêmicas (Filardi 2014). Está distribuído por todo o território brasileiro (Filardi 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Filardi 2014).

No PESB foram encontradas seis espécies.

Chave para identificação das espécies de Machaerium Pers., no PESB

1 Árvore.

2 Sâmara falciforme.

3 Asa com pontuações; região seminífera enrugada.

4 Folíolo elíptico a lanceolado; asa reticulada, brilhante, com pontuações
..... M. acutifolium

4' Folíolo oval a oblongo; asa oblongada, reticulada, às vezes com
pontuações..... M. brasiliense

3' Asa sem pontuações; região seminífera escurecida, espessada..... M. stipitatum

2' Sâmara não falciforme.

5 Asa oblonga com nervuras longitudinais evidentes; região seminífera
glabra..... M. nyctitans

5' Asa reticulada; região seminífera pubérula..... M. villosum

1' Liana..... M. uncinatum

XIV.1. Machaerium acutifolium Vogel, Linnaea 11: 187. 1837.

Nome popular: bastião-de-Arruda, bico-de-pato, coração-de-negro, guaximbé, jacarandá-bico-de-pato, jacarandá-do-campo, jacarandá-de-espinho, jacarandá-roxo, jacarandá-violeta, jacarandatã, jacarandatan, Sebastião-de-Arruda, violeta, violete (Silva et al. 2004).

Figura: 7 I.

Árvore; ramo lenticelado; folíolo 9-19, oblongo-lanceolado ou ovado-lanceolado, seríceo na face abaxial, principalmente sobre a nervura principal; inflorescência paniculada,

axilar; corola branca, estandarte externamente enegrecido, internamente esbranquiçado; fruto sâmara, falciforme, esparsamente pubescente a glabra, asa reticulada, brilhante, com pontuações.

Ocorre em todos os estados do Centro-Oeste, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Pará, Tocantins, Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará e Paraíba. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Filardi 2014).

No PESB foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana em altitudes que variaram de 1.244 m a 1.329 m. Espécie bem representada na área de estudo. Foi encontrada em bordas de matas e no interior da floresta. Floresceu em dezembro e frutificou de junho a agosto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 17-VIII-2011, fr., L.C. Siqueira 622 (VIC); 15-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 772 (VIC); 05-VI-2013, fr., L.C. Siqueira 837 (VIC); 05-VI-2013, fr., L.C. Siqueira 838 (VIC); 05-VI-2013, fr., L.C. Siqueira 841 (VIC); 05-VI-2013, fr., L.C. Siqueira 840 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Fragmento da Eva, 26-III-2006, fr., J.M. Fernandes 237 (VIC); Fragmento da Lurdinha, 25-II-2006, fl., J.M. Fernandes 191 (VIC); 28-IV-2011, fr., J.M. Fernandes 279 (VIC).

XIV.2. *Machaerium brasiliense* Vogel, Linnaea 11: 185. 1837.

Nome popular: jacarandá (Silva et al. 2004), jacarandá-cipó, jacarandá-sangue (Filardi 2014).

Figura: 7 J.

Árvore; ramo pubescente a glabro, lenticela evidente; folíolo 7-9, alterno, concolor, esparsadamente ferrugíneo viloso sobre a nervura principal da face abaxial; inflorescência racemo, simples, axilar; corola amarela ou verde-amarelada; estandarte orbicular externamente enegrecido; fruto sâmara, falciforme; asa oblongada, reticulada, às vezes com pontuações.

Ocorre em todos os estados da região Sudeste, Paraná, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Amazonas, Bahia, Maranhão, Pernambuco e Alagoas. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Filardi 2014).

No PESB foi encontrada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, nas bordas e no interior da floresta. Frutificou em setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Serra das Cabeças, 11-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & J.M. Fernandes 726 (VIC); 11-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & J.M. Fernandes 727 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Fragmento da Eva, 21-IX-2005, fr., J.M. Fernandes 50 (VIC); 23-XI-2005, fr., J.M. Fernandes 100 (VIC); 28-VI-2006, fr., J.M. Fernandes 302 (VIC).

XIV.3. *Machaerium nycitans* (Vell.) Benth., Comm. de Legum. Gen. 34. 1837.

Nome popular: bico-de-pato, cauvi, guaximbé, guaxumbé, jacarandá, jacarandá-bico-de-pato, jacarandá-de-espinho, jacarandá-ferro, jacarandá-pardo (Silva et al. 2004), tapa-tripa (Filardi 2014).

Figura: 7 K.

Árvore; ramo jovem espinescente, ferrugíneo-tomentoso; folha imparipinada, folíolos 19-29, alternos, às vezes subopostos; face adaxial glabra ou esparso-pubescente, abaxial serícea a ferrugíneo-tomentosa, nervação broquidódroma; panículas terminais ou axilares; corola esbranquiçada com estrias vináceas; fruto sâmara, cultriforme, com núcleo seminífero basal, estípite, ferrugíneo-tomentosa.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste, na Bahia, no Cerrado e Floresta Atlântica (Filardi 2014).

No PESB foi encontrada em bordas de matas e interior da floresta, em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana em altitudes que variaram de 1.039 m a 1.266 m. Espécie bem representada na área de estudo. Floresceu de maio a junho e frutificou de junho a setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 20-V-2013, fl., L.C. Siqueira 829 (VIC); 05-VI-2013, fl., L.C. Siqueira 834 (VIC); 05-VI-2013, fl., L.C. Siqueira 835 (VIC); 05-VI-2013, fr., L.C. Siqueira & Sr. Jair Ferreira Daloz 847 (VIC); 05-VI-2013, fl., L.C. Siqueira 836 (VIC); Serra das Cabeças, 11-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & J.M. Fernandes 732 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 22-VII-2013, fr., L.C. Siqueira 853 (VIC); 22-VII-2013, fr., L.C. Siqueira 852 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Fragmento da Eva, 28-IV-2006, fl., J.M. Fernandes 272 (VIC); 28-X-2006, fr., J.M. Fernandes 385 (VIC); Fragmento da Lurdinha, 05-VIII-2006, fr., J.M. Fernandes 342 (VIC); SAFs do Sr. Ângelo, 17-VI-2006, fl., J.M. Fernandes 299 (VIC).

XIV.4. *Machaerium stipitatum* (DC.) Vogel, *Linnaea* 11: 189. 1837.

Nome popular: farinha-seca, jacarandá-branco, sapuvá, sapuvussu (Filardi 2014).

Figura: 7 L.

Árvore; ramo glabro, lenticelado; folíolo 7-12, alterno, concolor, face abaxial serícea; inflorescência paniculada, terminal e axilar; corola creme ou esverdeada; estandarte amplamente obovado, externamente seríceo; fruto sâmara, falciforme, região seminífera escurecida, espessada.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste, no Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal e Bahia, no Cerrado e Floresta Atlântica (Filardi 2014).

No PESB foi encontrado no interior e nas bordas de fragmentos em áreas de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a uma altitude de 1.025 m. Frutificou em maio.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Estrada Portaria Araponga, 20-V-2013, fr., L.C. Siqueira 821 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: SAFs do Sr. João dos Santos, 10-IX-2006, fr., J.M. Fernandes 375 (VIC).

XIV.5. *Machaerium uncinatum* (Vell.) Benth., *Comm. Legum. Gen.* 34. 1837.

Nome popular: jacarandá-trepador, unha-de-gato (Filardi 2014).

Figura: 7 M.

Liana; ramo pubescente, acúleo unciforme, pareado, gavinha com acúleo menor; folíolo 15-19; cartáceo, alterno, discolor; inflorescência paniculada, axilar ou terminal; corola creme; estandarte oblongo a orbicular, externamente esparso seríceo, com mancha no centro da pétala; fruto sâmara, falciforme, catácea; região seminífera escurecida, asa reticulada.

Espécie endêmica do Brasil, ocorre em todos os estados da região Sudeste, no Paraná, Santa Catarina, Alagoas e Bahia, em Floresta Atlântica (Filardi 2014).

No PESB foi encontrado um único indivíduo no interior da mata e próximo a curso de água, em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a uma altitude de 1.063m. Frutificou em outubro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Serra das Cabeças, 16-X-2013, fr., L.C. Siqueira 872 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araponga: Fragmento da Lurdinha, 05-VIII-2006, fr., J.M. Fernandes 340 (VIC).

XIV.6. *Machaerium villosum* Vogel, *Linnaea* 11: 189. 1837.

Nome popular: jacarandá-do-campo, jacarandá-do-cerradão, jacarandá-pardo, jacarandá-preto (Filardi 2014).

Figura: 7 N.

Árvore; caule sulcado; folha 10-23 foliolada; folíolo cartáceo, alterno a suboposto, discolor, face abaxial principalmente sobre a nervura principal canescente vilosa, face adaxial esparso vilosa; inflorescência paniculada, fasciculada, axilar, pendente; corola branca a esverdeada; estandarte orbicular, externamente enegrecido, internamente esbranquiçado; fruto sâmara, oblongada; região seminífera pubérula, região raro enrugada; asa reticulada.

Ocorre nos estados da Bahia, Ceará, Piauí, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, em Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Filardi 2014).

No PESB foi encontrado um único indivíduo em borda de mata em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a uma altitude de 1.230 m. Floresceu em dezembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Pico do Boné, 10-XII-2011, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 909 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Barroso: 20-VII-2002, fr., L.C.S. Assis et al. 531 (VIC).

XV *Ormosia* Jacks., *Trans. Linn. Soc. London* 10: 360. 1811.

Árvore, ramo jovem velutino, ferrugíneo; folha imparipinada, folíolos opostos; flores zigomorfas; pétalas laterais diferenciadas, sendo as pétalas da carena côncavas e fortemente sobrepostas; cálice com lobos bem formados, reflexos e claramente imbricados; estilete curvo com estigma lateral e bilobado; legume deiscente, bivalvar; e sementes com testa óssea, geralmente bicolores vermelho-e-preto ou unicolores vermelhas ou pretas.

O Brasil possui 34 espécies e quatro variedades, sendo 15 espécies endêmicas. O gênero está distribuído por todos os estados da região Norte, Centro-Oeste e Sudeste, em Alagoas, Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Paraná, na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Cardoso & Meireles 2014).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

XV.1. *Ormosia arborea* (Vell.) Harms., *Repert. Spec. Nov. Regni. Veg.* 19: 288. 1924.

Nome popular: angelim-ripa, coronha, macanáiba, olho-de-boi, olho-de-cabra, olho-de-pomba-gira, pau-de-santo-Inácio, pau-ripa, tento (Silva et al. 2004).

Figura: 7 O.

Árvore, caule castanho-claro, fendido longitudinalmente; ramo jovem velutino, ferrugíneo; folha imparipinada, folíolos 9-11, opostos; face adaxial glabrescente, abaxial esparsamente pubescente a glabrescente.

Espécie endêmica do Brasil. Ocorre em todos os estados da região Sudeste, Bahia e Goiás, no Cerrado e na Floresta Atlântica (Cardoso & Meireles 2014).

No PESB foi encontrado um único indivíduo na estrada da porção Sul do Parque. Coletada com frutos em abril, quando apresentou pico de frutificação.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Ervália; 19-IV-2012, fr., L.C. Siqueira & M.L. Batista 687 (VIC).

XVI Stylosanthes Sw., Prodr. 7, 108. 1788.

Arbusto, subarbusto ou erva; folha trifoliolada; estípula persistente, amplexicaule, adnata ao pecíolo; inflorescência espiciforme, axilar ou terminal; flor pentâmera, zigomorfa; cálice gamossépalo, tubular; corola dialipétala, papilionácea, esbranquiçada; estames 10, monadelfo, antera heteromórfica; ovário biovulado, raramente triovulado; fruto lomento, 1-2 articulado, indeiscente; semente reniforme.

O Brasil possui 31 espécies e quatro variedades, sendo 12 endêmicas. O gênero está distribuído por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Costa & Valls 2014).

No PESB foram encontradas duas espécies.

XVI.1. Stylosanthes guianensis (Aubl.) Sw., Kongl. Vetensk. Acad. Nya. Handl. 10: 301–302. 1789.

Figura: 7 P.

Subarbusto, ereto ou prostrado, bastante ramificada; ramo cilíndrico, estriado, densamente piloso; folha pinado-trifoliolada, estriada, pubescente em ambas as faces; espiga, ovada a globosa; corola amarela, estrias vermelho-vináceas; fruto lomento, 1-articulado, glabro.

No Brasil a espécie está distribuída por quase todo o território brasileiro, exceto no Rio Grande do Sul, Acre, Rondônia e Amapá. Encontra-se sob o domínio fitogeográfico do Cerrado (Costa & Valls 2014).

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi observada em áreas de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana em uma altitude de 1.205 m de maior elevação. A

espécie está bem representada no PESB por populações. A espécie floresceu durante o ano todo e não foi observado o fruto.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Estrada Portaria Araçuaia, 20-V-2013, fl., L.C. Siqueira 827 (VIC); Fervedouro; Estrada Portaria Fervedouro, 06-III-2012, fl., L.C. Siqueira 669 (VIC); 16-X-2012, fl., L.C. Siqueira 753 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais: Araçuaia: Fragmento da Eva, 26-III-2006, fl., J.M. Fernandes 231 (VIC); 28-IV-2006, fl., J.M. Fernandes 269 (VIC); 12-IX-2006, fl., J.M. Fernandes 380 (VIC); Uberaba; Fazenda Santa Juliana, 21-X-2002, fl., G.C. Oliveira 1292 (VIC).

XVI.2. *Stylosanthes* sp.

Subarbusto, ereto, pouco ramificado; ramo cilíndrico, estriado, glabro; folha pinado-trifoliolada, estriada, face abaxial pubescente, face adaxial glabra; espiga, ovada a globosa; corola amarela, estrias vermelho-vináceas.

A frutificação não foi observada, mas floresceu em abril. *Stylosanthes* sp. é de fácil reconhecimento na área de estudo por diferenciar de *Stylosanthes guianensis* devido ao indumento do ramo e da folha. *S. guianensis* apresenta ramos densamente pilosos e a face adaxial da folha pubescente enquanto *Stylosanthes* sp. se mostrou glabra.

Em toda a área amostrada foi encontrado apenas um indivíduo localizado na clareira de um fragmento em área de Floresta Ombrófila Densa Montana.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Ervália; Jequeri, 22-IV-2012, fl., L.C. Siqueira & M.L. Batista 695 (VIC).

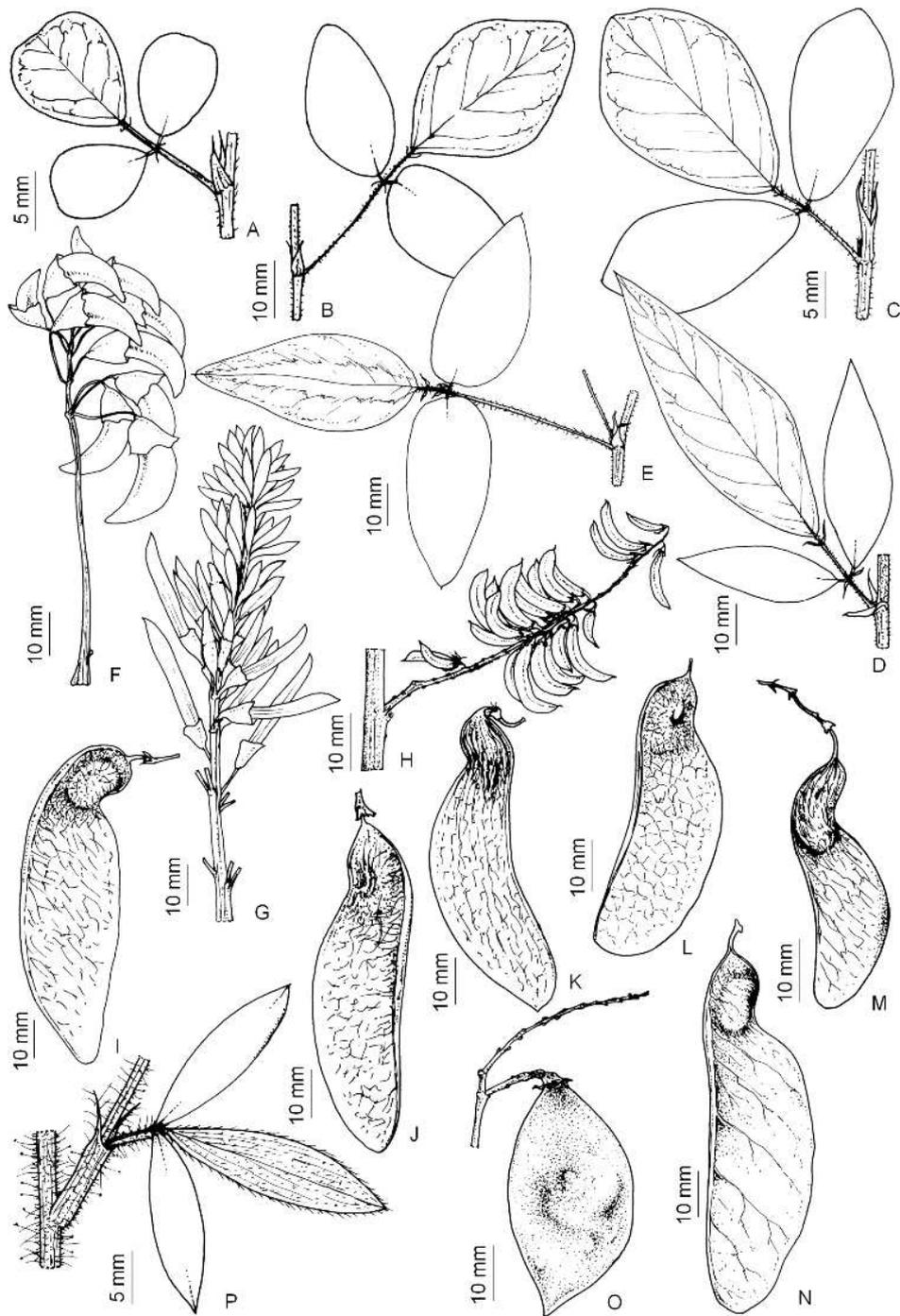


Figura 8. *Desmodium adscendens*: A, folha (Siqueira 658). *Desmodium affine*: B, folha (Siqueira 646). *Desmodium incanum*: C, folha (Siqueira 656). *Desmodium leiocarpum*: D, folha (Siqueira 670). *Desmodium uncinatum*: E, folha (Siqueira 647). *Erythrina falcata*: F, inflorescência (Siqueira et al. 848). *Erythrina speciosa*: G, inflorescência (Siqueira 867). *Indigofera suffruticosa*: H, fruto (Siqueira et al. 636). *Machaerium acutifolium*: I, fruto (Siqueira 840). *Machaerium brasiliense*: J, fruto (Siqueira et al. 727). *Machaerium nyctitans*: K, fruto (Siqueira et al. 732). *Machaerium stipitatum*: L, fruto (J. M. Fernandes 375). *Machaerium uncinatum*: M, fruto (Siqueira 872). *Machaerium villosum*: N, fruto (Siqueira 531). *Ormosia arborea*: O, fruto (Siqueira 687). *Stylosanthes guianensis*: P, folha (Siqueira 827).

XVII Swartzia Schreb., Gen. Pl. 2: 518. 1791.

Árvore, arbusto ou liana; folha pinada, imparipinada; estípula e estipela persistente ou caduca; raque alada, marginada ou canaliculada; folíolos 1-31, opostos, raramente alternos; inflorescência racemosa, axilar ou cauliflora; corola 0-1 pétala, geralmente amarela ou branca; androceu heterodínamo, estames maiores 2-11 e menores ca. 100; gineceu unicarpelar, ovário uniovolado a pluriovolado; fruto legume ou legume nucóide; semente 1 a muitas, com arilo, branco, amarelo ou vermelho.

O Brasil possui 111 espécies, 27 variedades, sendo 62 endêmicas. O gênero está distribuído por quase todo o território brasileiro exceto em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Norte. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal (Mansano et al. 2014b).

No PESB foi encontrada uma única espécie.

XVII.1. Swartzia pilulifera Benth., J. Bot. (Hooker) 2(10): 90. 1840.

Figura: 8 A.

Árvore; ramo jovem ferrugíneo-tomentoso; estípula lanceolada, tomentosa; pecíolo cilíndrico, tomentoso; raque foliar canaliculada, tomentosa; folíolos 5-7, elípticos a obovados, ápice agudo a levemente retuso, base obtusa, face adaxial glabra, face abaxial serícea; inflorescência racemosa; corola ausente; fruto legume, elíptico, deiscente; semente obovada, preta, arilo branco.

Espécie endêmica do Brasil. Ocorre apenas no estado de Minas Gerais e encontra-se sob o domínio fitogeográfico do Cerrado (Mansano et al. 2014b).

No PESB um único indivíduo na borda de mata foi observado em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a 1.212 m de altitude. Não foi coletado com flor. Frutificou em setembro.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçuaia; Serra das Cabeças, 11-IX-2012, fr., L.C. Siqueira & J.M. Fernandes 729 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araçuaia: Fragmento da Eva, 21-IX-2005, fr., J.M. Fernandes & F.Garcia 52 (VIC); 23-XI-2005, fl., J.M. Fernandes 99 (VIC); 16-XII-2006, fr., J.M. Fernandes 411 (VIC).

XVIII Vigna Savi, Nuovo Giorn. Lett. 8: 113. 1824.

Erva, liana ou trepadeira; folha trifoliolada, folíolo lateral assimétrico; inflorescência pseudoracemosa; flor no geral lilás; androceu com 10 estames; fruto legume.

É um gênero pantropical com 104 espécies, encontrado em áreas de floresta estacional e savana estépica (Lewis et al. 2005). No Brasil, está distribuída por quase todo o território, exceto nos estados de Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Perez 2014).

No PESB foram encontradas duas espécies.

Chave para identificação das espécies de Vigna Savi, no PESB

- 1 Folíolo terminal ovado a ovado-lanceolado, ápice agudo a acuminado; pétalas da quilha lateralmente torcidas..... V. speciosa
1' Folíolo terminal obtuso, ápice obtuso a agudo; pétalas da quilha cocleada ou espiralada.....V. adenantha

XVIII.1. Vigna adenantha (G. Mey.) Maréchal, Mascherpa & Stainier, Taxon 27: 202.1978.

Nome popular: feijão-do-campo, feijãozinho-de-capoeira (Silva et al. 2004).

Figura: 8 B.

Erva volúvel; folíolo basal inteiro, assimétrico, folíolo terminal inteiro, obtuso, ápice obtuso a agudo; face adaxial glabrescente a velutina, abaxial pubérula a velutina; cálice campanulado; corola branca com uma mancha roxa nas asas, pétalas da quilha cocleada ou espiralada; fruto não visualizado.

No Brasil, está distribuído nos estados do Amazonas, Pará, Tocantins, Bahia, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (Lima et al. 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica (Lima et al. 2014).

No PESB foi encontrado um único indivíduo em área de Floresta Ombrófila Densa Altomontana, em altitude de 1.195 m. Floresceu em março.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Pedra do Pato, 06-III-2012, fl., L.C. Siqueira 664 (VIC).

XVIII.2. *Vigna speciosa* (Kunth) Verdc., Kew Bull. 24(3): 552. 1970.

Figura: 8 C.

Erva volúvel; folíolo basal inteiro, assimétrico, folíolo terminal inteiro, ovado a ovalo-lanceolado, ápice agudo a acuminado, face adaxial serícea, abaxial pubescente; cálice campanulado; corola violácea; pétalas da quilha lateralmente torcidas; fruto legume, glabro; semente com borda superior reta e inferior convexa, castanhas.

No Brasil, está distribuído nos estados do Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná (Lima et al. 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos do Cerrado e Floresta Atlântica (Lima et al. 2014).

No PESB foi observada em áreas de Campo de Altitude, a 1.535 m de altitude. Floresceu e frutificou em março. Presença de muitas formigas nos ramos da planta.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araponga; Pico do Grama, 14-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 675 (VIC); 14-III-2012, fl. e fr., L.C. Siqueira 676 (VIC).

XIX *Zornia* J.F.Gmel., Syst. Nat. 2(2): 1076, 1096. 1791[1792].

Subarbusto ou erva; folha com um ou dois pares de folíolos, opostos; inflorescência espiciforme ou flores isoladas; flor séssil, corola amarela; androceu com 10 estames; fruto lomento (Lima & Mansano 2011; Perez 2014)).

O Brasil possui 36 espécies, sendo 15 endêmicas. Está distribuído por todo o território brasileiro. Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Perez 2014).

No PESB foram encontradas duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Zornia* J.F.Gmel., no PESB

1 Raque da inflorescência maior que 3 cm compr.; bractéolas geralmente sem aurículas, se presentes, menores que 1 mm compr.*Z. latifolia*
1' Raque da inflorescência menor que 1,5 cm compr.; bractéolas com aurículas maiores que 1-3 mm compr.*Z. curvata*

XIX.1. *Zornia curvata* Mohlenbr., *Webbia* 16(1): 132-136, f. 62, 91. 1961

Figura: 8 D.

Subarbusto; folha bifoliolada; folíolo oblongo, margem inteira, ambas as faces glabras; inflorescência racemosa, terminal; raque da inflorescência mais curta que 1,5 cm compr.; bractéolas com aurículas maiores que 1 mm e até 3 mm compr.; fruto lomento, hispido; sementes 5-7, ovada.

Ocorre em todos os estados da região Sul e Sudeste, no Amazonas, Amapá, Pará, Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso do Sul (Perez 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Perez 2014).

No PESB foi realizada uma única coleta na beira da estrada em Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a 1.181 m de altitude. Floresceu em março.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Fervedouro; Estrada Potaria Fervedouro, 06-III-2012, fl., L.C. Siqueira 668 (VIC).

XIX.2. *Zornia latifolia* Sm., *Cycl.* 39: no. 4. 1819.

Figura: 8 E.

Subarbusto; folha bifoliolada; inflorescência espiciforme, congesta; raque da inflorescência mais longa que 3 cm compr.; bractéolas geralmente sem aurículas, entretanto quando presentes menores que 1 mm compr.; fruto lomento, artículo pubescente.

Apresenta ampla distribuição na América do Sul, desde a Venezuela até o Uruguai e Argentina e oeste da África (Mohlenbrock 1961). No Brasil, está distribuída por quase todo o território nacional, exceto nos estados de Santa Catarina e Alagoas (Perez 2014). Encontra-se sob os domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica, Pampa e Pantanal (Perez 2014).

No PESB ocorre em áreas abertas de muita luminosidade, em Floresta Ombrófila Densa Altomontana, a 1.403 m de altitude. Floresceu nos meses de dezembro a março.

Material examinado: BRASIL. Minas Gerais, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro: Araçonga; Estrada Portaria Araçonga, 15-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 770 (VIC); Sede, 05-III-2012, fl., L.C. Siqueira 661 (VIC); Sede, 14-XII-2012, fl., L.C. Siqueira 760 (VIC).

Material adicional: BRASIL. Minas Gerais, Araçonga: SAFs da Sra. Rita, 19-VIII-2006, fl., J.M. Fernandes 366 (VIC).

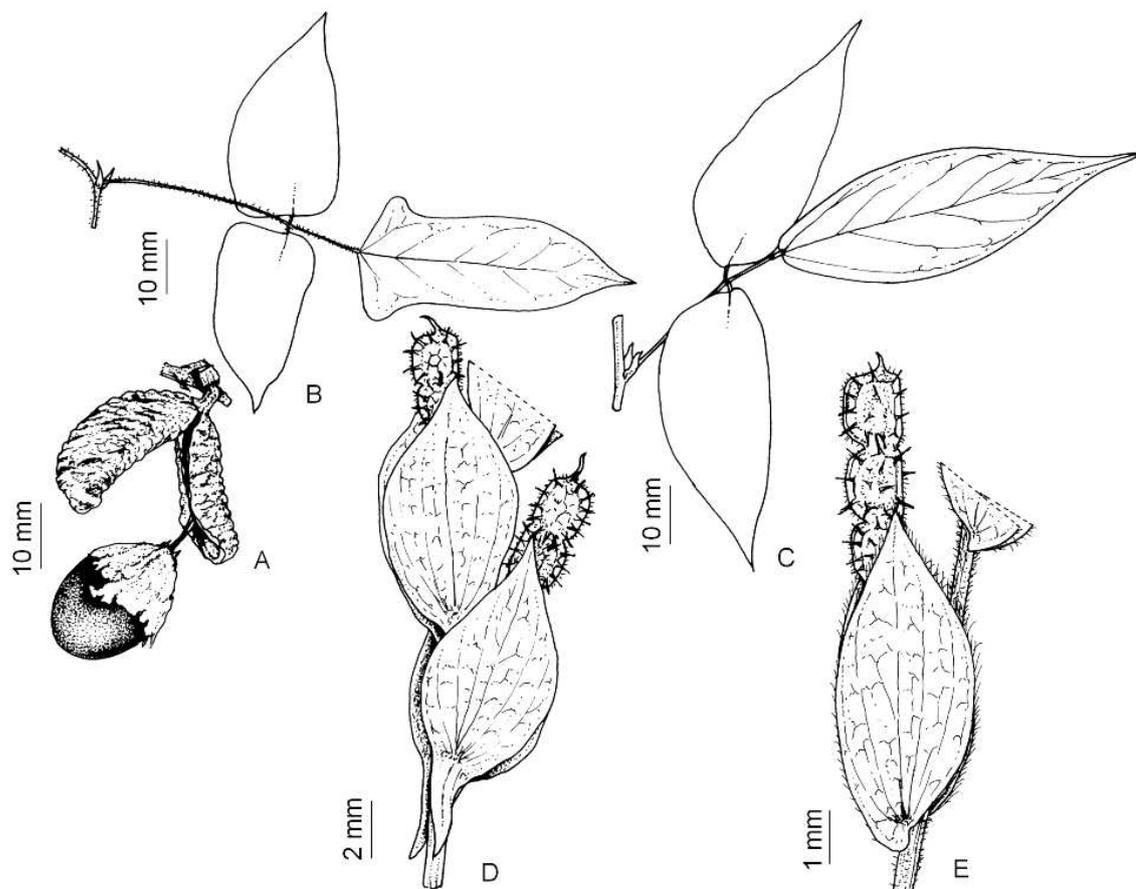


Figura 8. *Swartzia pilulifera*: A, fruto e semente (Siqueira et al. 729). *Vigna adenantha*: B, folha (Siqueira 664). *Vigna speciosa*: C, folha (Siqueira 676). *Zornia curvata*: D, bráctea (Siqueira 668). *Zornia latifolia*: E, bráctea (Siqueira 661).

1.4 Conclusões

No Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, a família Leguminosae está representada por 79 táxons específicos e infra-específicos e 33 gêneros, reunidos em 12 tribos.

São novas citações para a listagem florística do Parque: *Chamaecrista desvauxii* var. *latistipula* (Benth.) G.P. Lewis; *Senna hirsuta* (L.) H.S. Irwin & Barneby; *Senna macranthera* var. *micans* (Nees) H.S. Irwin & Barneby; *Senna multijuga* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby subsp. *multijuga*; *Senna multijuga* subsp. *lindleyana* (Gardner) H.S. Irwin & Barneby; *Senna obtusifolia* (L.) H.S. Irwin & Barneby; *Senna quinquangulata* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby; *Albizia polycephala* (Benth.) Killip ex Record.; *Calliandra brevipes* Benth; *Calliandra parviflora* (Hook. & Arn.) Speg.; *Inga edulis* Mart.; *Inga platyptera* Benth.; *Inga schinifolia* Benth.; *Inga subnuda* subsp. *luschnathiana* (Benth.) T.D.Penn.; *Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit; *Mimosa debilis* Humb. & Bonpl. ex Willd.; *Mimosa pigra* L.; *Piptadenia*

paniculata Benth; *Senegalia grandistipula* (Benth.) Seigler & Ebinger; *Senegalia tenuifolia* (L.) Britton & Rose; *Stryphnodendron pulcherrimum* (Willd.) Hochr; *Aeschynomene falcata* (Poir.) DC.; *Ateleia glazioveana* Baill.; *Calopogonium mucunoides* Desv.; *Crotalaria spectabilis* Röth; *Dalbergia brasiliensis* Vogel; *Desmodium leiocarpum* (Spreng.) G.Don; *Lablab purpureus* (L.) Sweet; *Machaerium villosum* Vogel; *Ormosia arborea* (Vell.) Harms.; *Vigna adenantha* (G. Mey.) Maréchal; *Vigna speciosa* (Kunth) Verdc.; *Zornia curvata* Mohlenbr e *Zornia leptophylla* (Benth.) Pittier.

A subfamília Papilionoideae é a mais representativa, com 39 táxons, 19 gêneros e sete tribos. *Machaerium* é o gênero mais representativo, com seis espécies.

Mimosoideae está representada por 26 táxons, 10 gêneros e três tribos, sendo a segunda maior subfamília em número de táxons. O gênero *Inga* destaca, com oito táxons.

Caesalpinioideae é a subfamília com menor número de táxons, 14, reunidos em quatro gêneros e duas tribos, sendo *Senna* o gênero mais numeroso, com nove táxons.

As espécies *Ateleia glazioveana* Baill., *Senna macranthera* var. *micans* (Nees) H.S. Irwin & Barneby e *Senna quinquangulata* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby, são novos registros de ocorrências para o estado de Minas Gerais.

1.5 Agradecimentos

Os autores agradecem ao gerente do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, José Roberto Mendes de Oliveira, pelo apoio logístico nas expedições de campo. Ao curador do herbário Guido Pabst, Lúcio de Souza Leoni, pelo auxílio na identificação de algumas espécies e empréstimo de material botânico. Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela concessão da bolsa de Doutorado da primeira autora. Ao Reinaldo Pinto pelas ilustrações botânicas.

1.6 Referências

- Barroso, G.M.; Morim, M.P.; Peixoto, A.L. & Ichasso, C.L.F. 1999. **Frutos e sementes: morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas**. Imprensa Universitária. Viçosa, MG. 443p.
- Bonfim, V.R.; Ribeiro, G.A.; Silva, E. & Braga, G.M. 2003. Diagnostico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG. R. **Árvore**, Viçosa, MG, v.27, n.1, 87-94p.

- Bortoluzzi, R.L. da C. 2004. **A subfamília Caesalpinioideae (Leguminosae) no estado de Santa Catarina, Brasil**. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 319p.
- Bortoluzzi, R.L.C., Miotto, S.T.S., Reis, A. 2007. Novos registros de Chamaecrista Moench e Senna Mill. (Leguminosae-Caesalpinioideae-Cassieae) na flora sul-brasileira. **Iheringia** 1-2: 121-130.
- Bridson, D. & Forman, L., 1999. **The herbarium: handbook**. Third ed. Royal Botanic Gardens, Kew. 334p.
- Caiafa, A.N. 2002. **Composição florística e estrutura da vegetação sobre afloramento rochoso no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG**. Dissertação (Mestrado em Botânica) -Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 55p.
- Camargo, R.A.; Miotto, S.T.S. 2004. O gênero Chamaecrista Moench (Leguminosae-Caesalpinioideae) no Rio Grande do Sul. **Iheringia** 59: 131-148.
- Carvalho, P.E.R. 2003. **Espécies arbóreas brasileiras**. Colombo: Embrapa Florestas, v1, 1039p.
- Chappil, J. A. 1995. **Cladistic analysis of the Leguminosae: the development of an explicit phylogenetic hypothesis**. In: M. Crisp & J.J. Doyle (eds.). *Advances in Legume Systematic 7: Phylogeny*. Royal Botanic Gardens, Kew, 1-9p.
- Costa, C.M.R.; Hermann, G.; Lins, L.V. & Lamas, I.R (orgs). 1998. **Biodiversidade em Minas Gerais: um Atlas para a sua conservação**. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte. 94p.
- Couto, E.A. & Dietz, J.M. 1980. **Sugestões para a criação do Parque Nacional da Serra do Brigadeiro**. Imprensa Universitária, Viçosa. 26p.
- Dean, W. 1996. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 484p.
- Drummond, G.M.; Martins, C.S.; Machado, A.B.M.; Sebaio, F.A. & Antonini, Y. 2005. **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 222p.
- Dutra, V.F.; Morim, M.P. 2014. Mimoso in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/florado-brasil/FB23084>. Acesso em: 02 Fev. 2014
- Engevix. 1995. **Caracterização do meio físico da área autorizada para criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – Relatório técnico final dos estudos – 8296-RE-H4-003/94 “VER. 1”**. Instituto Estadual da Floresta, BIRD/PRÓ-FLORESTA/SEPLAN, 34p.
- Fernandes, J.M. 2007. **Taxonomia e etnobotânica de Leguminosas Adans. em fragmentos florestais e sistemas agroflorestais na Zona da Mata Mineira**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 223p.

- Fernandes, J.M. & Garcia, F.C.P. 2008. Leguminosae em dois fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual em Araponga, Minas Gerais, Brasil: arbustos, subarbustos e trepadeiras. **Rodriguésia** 59: 525-546.
- Fernandes, J. M.; Garcia, F.C.P.; Siqueira, L.C. & Marotta, C.P.B. 2011. Leguminosae em Fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual, Araponga, MG: árvores e lianas. **Hoehnea** 38: 9-29.
- Filardi, F.L.R. 2014. Machaerium in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB29781>. Acesso em: 03 Jun. 2014.
- Ganem, R.S. 2011. **Conservação da Biodiversidade: Legislação e Políticas Públicas**. Brasília: Edições Câmara. 437p.
- Golfari, L. 1975. **Zoneamento Ecológico do Estado de Minas Gerais para reflorestamento**. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa Florestal da Região do Cerrado. (PRODEPEF. Série Técnica, 3). 65p.
- Guedes-Bruni, R.R.; Morim, M.P.; Lima, H.C. & Sylvestre, L.S. 2002. **Inventário florístico**. In: Sylvestre, L. S. & Rosa, M. M. T. da. Manual metodológico para estudos botânicos na Mata Atlântica. Rio de Janeiro: Seropédica. 24-49p.
- Heidegger, M. 2000. Introdução. In: Fontes, L.E.F. (Coordenador) et al. Simpósio sobre contribuições para a elaboração do plano de manejo integrado e participativo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e entorno. **Anais...**, Viçosa, 141p.
- Iganci, J.R.V. 2014. Albizia in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB82610>. Acesso em: 28 Dez. 2014.
- Ireland, H.E. 2001. **The Taxonomy and Systematic Of Ateleia and Cyathostegia (Leguminosae-Swartzieae)**. PhD thesis, Reading, The Univesity of Reading. 283 pp.
- Leoni, L. S. 2002. Árvores ocorrentes em Fragmentos na Mata da Encosta Atlântica no Município de Faria Lemos, Minas Gerais, Brasil. **Pabstia** 13: 1-27.
- Leoni, L.S. & Tinte, V.A. 2004. **Flora do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Estado de Minas Gerais, Brasil: Caracterização da vegetação e lista preliminar das espécies**. Carangola. MG. Gráfica São José, v.1. 91p.
- Lewis, G.P. & Owen, P.E. 1989. **Legumes of the Ilha de Maracá**. Royal Botanic Gardens, Kew. 99p.
- Lewis, G.P., Schrire, B.D., Mackinder, B.A. & Lock, J.M. 2005. **Leguminosae of the World**. Royal Botanic Gardens, Kew. 577 p.
- Lima, H.C. de, Queiroz, L.P., Morim, M.P., Souza, V.C., Dutra, V.F., Bortoluzzi, R.L.C., Iganci, J.R.V., Fortunato, R.H., Vaz, A.M.S.F., Souza, E.R. de, Filardi, F.L.R., Valls,

- J.F.M., Garcia, F.C.P., Fernandes, J.M., Martins-da-Silva, R.C.V., Perez, A.P.F., Mansano, V.F., Miotto, S.T.S., Tozzi, A.M.G.A., Meireles, J.E., Lima, L.C.P., Oliveira, M.L.A.A., Flores, A.S., Torke, B.M., Pinto, R.B., Lewis, G.P., Barros, M.J.F., Schütz, R., Pennington, T., Klitgaard, B.B., Rando, J.G., Scalon, V.R., Cardoso, D.B.O.S., Costa, L.C. da, Silva, M.J. da, Moura, T.M., Barros, L.A.V. de, Silva, M.C.R., Queiroz, R.T., Sartori, A.L.B. & Camargo, R. 2012. Fabaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Disponível em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000115>). Acesso em maio de 2014.
- Lima, H.C. de. 2014. Lablab in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB18685>. Acesso em: 12 Jan. 2014.
- Lima, H.C. de. 2014. Tachigali in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB23195>. Acesso em: 04 Jun. 2014.
- Lorenzi, H. 2000. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa, SP: Plantarum, v.1. 352p.
- Lorenzi, H. 2002. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa, SP: Plantarum, v.2. 368p.
- Lorenzi, H. 2008. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. 4. ed. Nova Odessa, SP: Editora Plantarum. 640p.
- Lorenzi, H. 2011. **Plantas Tóxicas: Estudo de Fitotaxologia Química de Plantas Brasileiras**. Nova Odessa, SP: Plantarum, v.1. 256p.
- Mansano, V.F.; Pinto, R.B.; Pennington, T. 2014. Ateleia in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB82648>. Acesso em: 19 Jan. 2014.
- Mansano, V.F.; Pinto, R.B.; Torke, B.M. 2014. Swartzia in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB23178>. Acesso em: 12 Jan. 2014.
- Melo, T.M.S. 2013. **Os gêneros Chamaecrista Moench e Senna Mill. (Leguminosae – Caesalpinioideae) no Parque Nacional Vale do Catimbau, Pernambuco, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. PE. 97p.
- Myers, N.; Mittermeier, R.A.; Mittermeier, C.G.; Fonseca, G.A.B. da & Kent, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403: 853-858.

- Paula, C.C. 1998. **Florística da família Bromeliaceae no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG – Brasil**. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP. 238p.
- Polhill, R.M., Raven, P.H. & Stirton, C.H. 1981. Evolution and Systematics of the Leguminosae. In: R. M. Polhill & P. H. Raven (eds.). **Advances in Legume Systematics, part 1**. Royal Botanic Gardens, Kew. 1-26p.
- Queiroz, L.P. 2009. **Leguminosas da Caatinga**. Ltda. Ferira de Santana. 467p.
- Radford, A.E.; Dickison, W.C.; Massey, J.R. & Bell, C.R. 1974. **Vascular plant systematics**. Harper & Row, New York.
- Ribeiro, C.A. do N. 2003. **Florística e fitossociologia de um trecho de Floresta Atlântica de Altitude na Fazenda da Neblina, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 52p.
- Rizzini, C.T. 1997. **Tratado de fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos**. Âmbito Cultura Edições Ltda., Rio de Janeiro. 747p.
- Rodrigues, R.S; Flores, A.S; Miotto, S.T.S. & Baptista, L.R de M. 2005. O gênero *Senna* (Leguminosae, Caesalpinioideae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Acta bot. bras.** 19(1): 1-16.
- Rolim, F.A. & Ribeiro, G.A. 2001. Levantamento do potencial turístico do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro - PESB com o suporte em geoprocessamento. In: X SBSR. Foz do Iguaçu, **Anais...**, Paraná, PR, 967-969p.
- Saporetto Junior, A.W. 2005. **Composição florística e estrutura do componente arbóreo em um remanescente de Floresta Atlântica Montana, Araponga, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. MG. 84p.
- Scalon, V.R. 2014. *Stryphnodendron* in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB19133>. Acesso em: 10 Jan. 2014.
- Silva, A.F.; Ferreira Júnior, W.G.; Dias, A.S.; Ribeiro, A.S. de S. & Tinte, B.V. 2006. **Relatório da Flora: Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Ambiente Brasil Centro de Estudos, Viçosa. 54p.
- Silva, L.F.G. 2007. **Taxonomia de Tachigali Aublet (Leguminosae Caesalpinioideae) na Mata Atlântica**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, RJ, 94p.
- Silva, R.R.; Fortuna-Perez, A.P. & Tozzi, A.M.G.A. 2007. Novas ocorrências de Leguminosae para o Mato Grosso do Sul, Brasil. **Rodriguésia** 58 (2): 249-254.

- Soares, M.P.; Saporetti-Junior, A.W.; Neto, J.A.A.M.; Silva, A. F. da & Souza, A. L. 2006. Composição florística do estrato arbóreo de Floresta Atlântica interiorana em Araponga, Minas Gerais. **Revista Árvore** 30: 859-870.
- Sousa, J. dos S; Bastos, M. de. N.C.B & Gurge, E.S.C. 2011. O gênero Inga (Leguminosae-Mimosoideae) na Província Petrolífera de Urucu, Coari, Amazonas, Brasil. **Rodriguésia** 62(2): 283-297.
- Souza, E.R. de. 2014. Calliandra in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB22845>. Acesso em: 28 Dez. 2014.
- Souza, V.C.; Bortoluzzi, R.L.C. 2014. Cassia in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/florado_brasil/FB22858. Acesso em: 03 Jun. 2014.
- Souza, V.C.; Bortoluzzi, R.L.C. 2014. Chamaecrista in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB22876>. Acesso em: 03 Jun. 2014.
- Souza, V.C.; Bortoluzzi, R.L.C. 2014. Senna in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/florado_brasil/FB23149. Acesso em: 03 Jun. 2014.
- Veloso, H. P.; Rangel Filho, A. L. R. & Lima, J. C. A. 1991. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Rio de Janeiro. RJ. 123p.

CAPÍTULO II

LIVIA CONSTANCIO DE SIQUEIRA; FLÁVIA CRISTINA PINTO GARCIA; IRENE
MARIA CARDOSO & MARIA CHRISTINA DE MELLO AMOROZO

**ETNOBOTÂNICA DE LEGUMINOSAE ADANS. NA SERRA DO BRIGADEIRO,
ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL**

Etnobotânica de Leguminosae Adans. na Serra do Brigadeiro, Zona da Mata de Minas Gerais, Brasil ¹

Ethnobotanical Leguminosae Adans. in the Serra of Brigadeiro, Zona the Mata of Minas Gerais, Brazil

Lívia Constâncio de Siqueira^{2,6}; Flávia Cristina Pinto Garcia^{2,3}; Irene Maria Cardoso^{2,4} & Maria Christina de Mello Amorozo⁵

¹Parte da tese de Doutorado da primeira autora, Universidade Federal de Viçosa

²Universidade Federal de Viçosa, Campus Viçosa. Av. P.H. Rolfs s.n., 36570-000, Viçosa, MG, Brasil

³Programa de Pós-Graduação em Botânica, Departamento de Biologia Vegetal,

⁴Programa de Pós-Graduação em Solos e Nutrição de Plantas, Departamento de Solos

⁵ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, Departamento de Ecologia

⁶Autor para correspondência: Lívia Constâncio de Siqueira, liviaconstancio@hotmail.com

Resumo

Etnobotânica é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal. Leguminosae Adans. é uma família botânica de grande importância econômica sendo utilizada como alimento, madeira, sombra, ornamental, lenha, medicinal e adubo, além de outros usos. A família conta com aproximadamente 19.325 espécies e está subdividida em três subfamílias: Caesalpinioideae, Mimosoideae e Papilionoideae. No Brasil, ocorrem 2.741 espécies, destas, 957 ocorrem na Floresta Atlântica. O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro é uma das reservas de Mata Atlântica mais importantes de Minas Gerais, distribuídos em oito municípios. Este trabalho teve como objetivo realizar o estudo etnobotânico das espécies de Leguminosae ocorrentes em comunidades rurais dos municípios de Araponga e Fervedouro, no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), Minas Gerais, localizado na Zona da Mata, entre os meridianos 42° 40' e 40° 20' Oeste e os paralelos 20° 33' e 21° 00' Sul. O estudo etnobotânico consistiu da coleta e identificação das espécies de Leguminosae amostradas em quintais, ao longo de trilhas e estradas pré-estabelecidas. A amostragem consistiu da coleta de ramos férteis que foram herborizados de acordo com técnicas usuais em botânica e registrados no acervo do Herbário VIC, da UFV. Os materiais foram identificados ao nível de espécies com base na literatura e consulta a herbários. Participaram da entrevista 23 informantes (15 homens, 8 mulheres), escolhidos através do método bola de neve. As informações socioeconômicas e etnobotânicas foram levantadas utilizando entrevistas semi-estruturadas e abertas, realizadas durante turnês guiadas. Os dados foram analisados quantitativa através de análises de importância relativa das espécies e concordância de usos e qualitativamente por meio de relatos. Foram registradas 56 espécies úteis pertencentes a 28 gêneros, sendo 27 espécies de Papilionoideae, 17 de Mimosoideae e 10 de Caesalpinioideae. Foram identificadas 14 categorias de uso. Alimentação humana (28%) foi à categoria mais citada pelos informantes (100%), destacando-se as espécies *Inga marginata* Willd. e *Inga vulpina* Mart. ex Benth. como as mais citadas. Lenha foi a segunda categoria mais representativa (83%) e a espécie mais citada nesta categoria foi *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.). *Senna macranthera* (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby foi a espécie que apresentou a maior diversidade de usos, sendo citada como fonte de recurso em nove categorias: lenha, estaca para cerca, alimentação de animais, ornamental, móveis para casa, tecnologia, construção de casas e sem uso. A espécie que apresentou o maior número de citação pelos informantes foi *Piptadenia gonoacantha* (83%). Os resultados demonstraram que a população do

entorno do PESB utilizam um grande número de espécies de Leguminosae, principalmente para alimentação humana, construção, medicinal, lenha e outros usos. Os informantes deste estudo possui conhecimento a respeito das diversas espécies de Leguminosae o que pode contribuir para a conservação da biodiversidade local.

Palavras-chave: Fabaceae, Floresta Atlântica, diversidade, conhecimento tradicional, comunidades rurais.

Abstract

Ethnobotany is the study of the knowledge and concepts regarding plant world developed by any society. Leguminosae Adans. is a botanical family of high economic importance, being used as food, wood, shade, ornamental, firewood, medicinal and fertilizer, among others. The family has ca. 19,325 species and is subdivided in three subfamilies: Caesalpinioideae, Mimosoideae and Papilionoideae. In Brazil, there are 2,741 species, 957 of which occur in the Atlantic Rainforest. The Serra do Brigadeiro State Park (SBSP) is one of the most important Atlantic Rainforest reserves in Minas Gerais state and is distributed across eight municipalities. This work aimed to perform the ethnobotanical study of species of Leguminosae occurring in rural communities at Araçuaia and Fervedouro municipalities, on the SBSP surroundings, located at the Zona da Mata Mineira (Forest Region of Minas Gerais state), between meridians 42°40' and 42°20' West and parallels 20°33' and 21°00' South. The ethnobotanical study consisted of collection and identification of Leguminosae species sampled in backyards, across pre-established trails and roads. Sampling consisted of collection of fertile branches, which were herborized according to usual botanical techniques and registered in the VIC Herbarium collection, at UFV. Materials were identified at the species level based on literature and herbaria research. Twenty-three informants (15 men, 8 women), which were chosen through the snowball method, were interviewed. The socioeconomical and ethnobotanical data was gathered through open semi-structured interviews, performed during guided tours. Data was analyzed quantitatively through relative importance of species and concordance of use, and qualitatively through reports. A total of 56 useful species belonging to 28 genera were identified, among which 27 belonged to the Papilionoideae, 17 to the Mimosoideae and 10 to the Caesalpinioideae. Fourteen categories of use were recognized. Human food (28%) was the most reported one (100%), within which the species *Inga marginata* Willd. and *Inga vulpina* Mart. ex Benth. were the most cited. Firewood was the second most representative category (83%), *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr. being the most cited species. *Senna macranthera* (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby was the most use-diverse species, being reported as resource to nine categories: firewood, fence stake, animal food, ornament, medicine, furniture, technology, house construction and no use. The species with the highest number of citations by the informants was *Piptadenia gonoacantha* (83%). The results showed that the population at the SBSP surroundings use a great number of Leguminosae species, especially as human food, construction, medicinal and firewood, among other uses. The informants interviewed in this study possess knowledge on several Leguminosae species, which might contribute to the conservation of local biodiversity.

Keywords: Atlantic Rainforest, diversity, Fabaceae, rural communities, traditional knowledge

Introdução

Etnobotânica é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos atribuídos a elas (Amorozo 1996). Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) conceituam etnobotânica como o estudo das sociedades humanas, sejam estas passadas e/ou presentes, suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas.

Para Hamilton et al. (2003), a etnobotânica constitui uma ponte entre o saber popular e o científico estimulando o resgate do conhecimento tradicional, a conservação dos recursos vegetais e o desenvolvimento sustentável.

Conhecimento tradicional pode ser definido como “o saber e o saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural gerados no âmbito da sociedade não-urbana/industrial e transmitido oralmente de geração em geração” (Dieguês & Arruda 2001).

Atualmente a etnobotânica tem apresentado vários enfoques, como social, cultural, agrícola, paisagístico, taxonômico, conservacionista, linguístico, entre outros (Ming 2006), além de contribuir para planos de conservação e manejo de ecossistemas (Prance 1995).

As comunidades podem ser bons modelos, sobre os quais o saber científico, historicamente construído, pode se basear (Albuquerque & Andrade 2002) e a investigação etnobotânica pode desempenhar funções relevantes ao sistematizar conhecimentos populares importantes acerca de todos os possíveis usos de plantas (Caballero 1983).

Os remanescentes florestais contêm recursos genéticos de importância econômica, os quais, especialmente na Floresta Atlântica, tendem a se perder em decorrência da erosão cultural pela qual as comunidades rurais passam, levando à perda do conhecimento tradicional (Christo et al. 2006).

Um remanescente importante em Minas Gerais é o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB). Este apresenta grande contribuição na preservação da Floresta Atlântica por conservar espécies importantes, muita delas ameaçadas de extinção (Guedes-Bruni et al. 2002; Bonfim et al. 2003; Leoni & Tinte 2004; Drummond et al. 2005).

O PESB está localizado na Zona de Mata Mineira e faz parte do complexo da Mantiqueira (Couto & Dietz 1980), sendo considerado uma das reservas naturais mais

importantes do Estado de Minas Gerais (Costa et al. 1998; Myers et al. 2000; Drummond et al. 2005; Ganem 2011) por apresentar uma vasta diversidade de flora e fauna.

No entorno do PESB algumas áreas são consideradas como Áreas de Proteção Ambiental (APA), nas quais os moradores podem cultivar e utilizar os recursos naturais de forma manejada e sustentável, por meio do conhecimento adquirido ao longo do tempo (Engevix 1995; Silva et al. 2006; IEF 2007). O levantamento e a sistematização deste conhecimento tradicional são importantes para a preservação do próprio PESB.

Os agricultores familiares do entorno do PESB, a partir do seu conhecimento, e em parceria com o conhecimento científico adaptou às suas condições os Sistemas Agroflorestais (SAFs) com café, no intuito de recuperar os solos, diversificar a produção, reduzir custos e minimizar os danos ao ambiente (Engevix 1995; Silva et al. 2006; Fernandes et al. 2014).

Em levantamento realizado, Leguminosae Adans. apresentou-se como a mais utilizada por agricultores em Sistemas Agroflorestais (Fernandes et al. 2014). Esta família é a terceira maior entre as angiospermas se destacando entre os diferentes tipos de vegetação (Polhill et al. 1981). Conta com aproximadamente 19.325 espécies (Lewis et al. 2005). No Brasil, são 2.741 espécies (Lima et al. 2014), das quais 957 ocorrem no Domínio Atlântico, sendo a segunda família mais diversa neste Domínio.

Em estudos etnobotânicos Leguminosae é muito representativa, apresentando um número grande de espécies e diversas categorias de usos (Apêndice A). O uso desta família em SAFs apresenta grande importância, pois podem ser utilizadas principalmente na alimentação humana e de animais, por serem ricas em proteína (Lewis & Owen 1989). Podem ser utilizadas também no forrageamento, madeira, sombra, ornamental, lenha, medicinal, pesticida, corante, goma e óleo essencial (Guarim-Neto & Morais 2003; Fonseca-Kruel & Peixoto 2004; Pinto et al. 2006; Florentino 2007; Monteles & Pinheiro 2007).

No caso dos Sistemas Agroflorestais do entorno do PESB, espécies de Leguminosae são utilizadas como adubo, cobertura do solo, melífera e tecnologia, além de outros usos (Fernandes 2007).

Existem poucos estudos etnobotânicos realizados no PESB e seu entorno, e estes, totalizam 60 espécies de Leguminosae úteis (Fernandes 2007; Leite et al. 2008; Siqueira

2008). Apesar de sua importância e do seu uso, poucos são os trabalhos no que se refere ao conhecimento dos agricultores relacionados às espécies da família.

Neste trabalho buscou-se realizar o levantamento do conhecimento etnobotânico acerca das espécies de Leguminosae mais utilizadas pelos moradores de comunidades rurais de Araponga e Fervedouro, entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Zona da Mata de Minas Gerais; analisar a importância relativa das espécies; e identificar as categorias de usos, de forma a resgatar o conhecimento tradicional da região estudada.

Material e Métodos

1. Área de estudo

O estudo foi realizado com moradores de comunidades rurais dos municípios de Araponga e Fervedouro, entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), Zona da Mata, Minas Gerais (Figura 1).

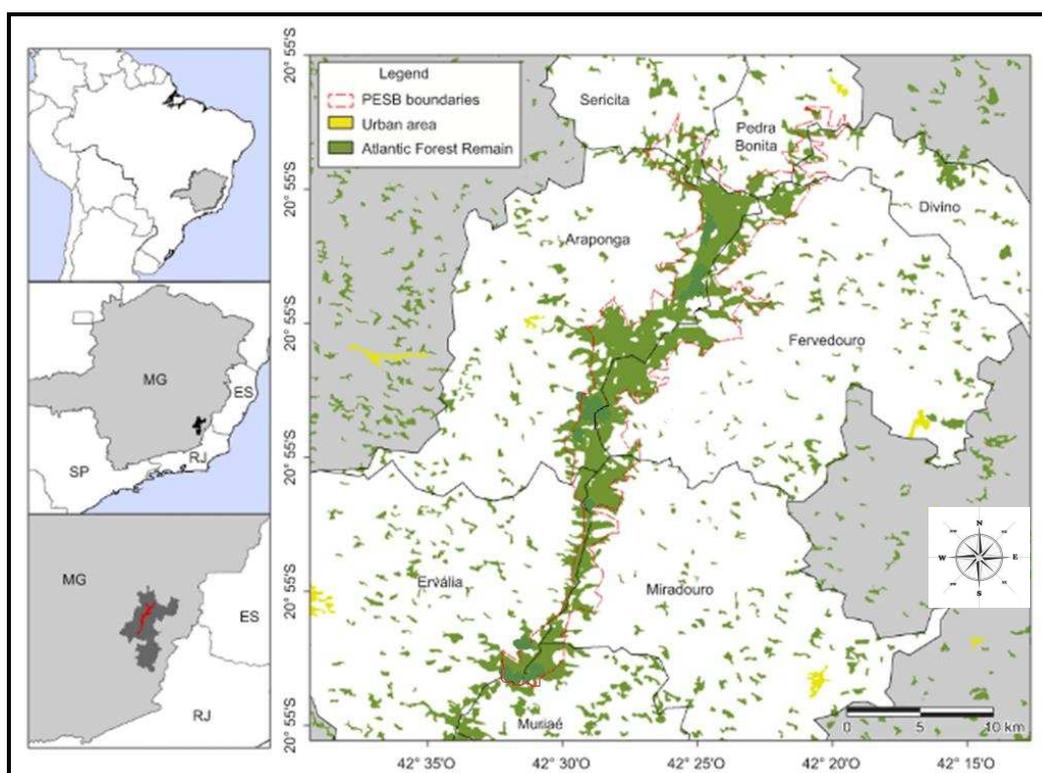


Figura 1: Localização do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e seu entorno, Minas Gerais, Brasil. (<http://www.redeambiente.org.br/planodemanejo>).

O PESB é uma das reservas naturais mais importantes do Estado de Minas Gerais, abrangendo o território de 14.984 hectares, localizado nas latitudes 21° e 20°21'S e longitudes

42°20' e 42°40'W (Engevix 1995; Heidegger 2000) incluindo partes mais elevadas do extremo norte da Serra da Mantiqueira que, juntamente com a Serra do Mar, detém grandes remanescentes da Mata Atlântica e relevo bastante acidentado, chegando aos 1.985m acima do nível do mar em sua cota máxima (Engevix 1995; Dean 1996; Silva et al. 2006; IEF 2007).

A vegetação existente no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e seu entorno é composta por Floresta Atlântica de Encosta, Floresta Estacional Semidecidual e por Complexo Rupestre de Altitude (Caiafa 2002; Bonfim et al. 2003; Silva et al. 2006). Estas fitofisionomias estão sob o Domínio da Floresta Atlântica (Veloso et al. 1991; Rizzini 1997).

Embora inserido na região fitogeográfica da Floresta Estacional Semidecidual (IBGE 2010), com estações secas e chuvosas bem definidas, a maior parte da área do Parque é recoberta por formações florestais com características ombrófilas. Em áreas acima da cota de 1.600 m, em platôs e pontões isolados, ocorrem extratos expressivos de campo de altitude, formando Complexos Rupestres de Altitude (Benites 2002).

Quanto ao grau de conservação das florestas, cerca de 80% apresentam-se em estágio secundário, sendo que os 20% em estágio primário localizam-se em áreas de difícil acesso, acima de 1.500 m de altitude (Benites 1998; Paula 1998; IBGE 2010).

As áreas de floresta são, em sua grande maioria, secundárias, provenientes da regeneração posterior ao grande desmatamento promovido nos anos 70 (Heidegger 2000; IBGE 2010).

Na classificação de Köppen, o clima da região é caracterizado como de Cw_b a Cw_a (mesotérmico) caracterizado por verões brandos a quentes e úmidos (Ribeiro 2003). A temperatura média anual é de 18°C, no inverno em média de 10°C, e no verão 23°C (Engevix 1995; Rolim & Ribeiro 2001) e mínimas inferiores a 0 °C nas áreas mais elevadas (Brasil 1983). A precipitação anual varia de 1.200 a 1.800 mm, com período seco de 2 a 5 meses (maio a setembro), sendo comum nas regiões mais altas a formação de neblina (Golfari 1975; Rolim & Ribeiro 2001).

O relevo é montanhoso com declividade variando de 20 a 45% nas encostas, com altitude média de 1.000 metros. Os solos são em geral pobres em nutrientes (distróficos) e com altos teores de alumínio podendo apresentar elevados teores de matéria orgânica (Benites 1998).

O PESB foi criado em 27 de setembro de 1996 pelo decreto 38.319. Ocupa parte dos municípios de Araponga, Divino, Ervália, Fervedouro, Miradouro, Muriaé, Pedra Bonita e Sericita (Silva et al. 2006; IEF 2007).

O acesso mais utilizado para a Sede do Parque é pela cidade de Araponga onde se percorre 10 km de estrada de terra até a portaria Araponga. Outro acesso à Sede é pela cidade de Fervedouro, BR 116, na qual percorre-se 11 km com acesso ao distrito de São Pedro do Glória passando pelo distrito do Bom Jesus do Madeira, onde se percorre mais 7 km para chegar à Portaria Pedra do Pato, por meio de estrada também não pavimentada.

2. História e caracterização do município de Araponga

O município de Araponga teve seu território habitado, primitivamente, por membros de expedições oficiais destinadas à colonização do solo mineiro e por mineradores saídos de Mariana e Ouro Preto. Por volta de 1781, a expedição comandada pelo Capitão Manoel Luiz Branco chegava naquele local, onde muitos se fixaram (Silva et al. 2006; IEF 2007).

O Distrito foi criado com a denominação de São Miguel das Almas de Arrepiados em 07 de novembro de 1826, pela lei estadual nº 2, de 14-09-1891 o qual foi subordinado ao município de Viçosa. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Araponga em 30 de dezembro de 1962 (IBGE 2010a).

“Com o nome primitivo de São Miguel e Almas dos Arrepiados, surgiu no Ciclo do Ouro, em 1781, quando D. Rodrigo José de Menezes, governador da Capitania de Minas, visitou a região e distribuiu sesmarias e áreas de mineração. Com o tempo, os veios auríferos se esgotaram e o crescimento do povoado tornou-se mais lento. Mas, em 1826, foi criada a freguesia de São Miguel e Almas dos Arrepiados, tornando-se São Miguel do Araponga, em 1857, quando foi elevado a distrito. Em 1938, com o Estado Novo, seu nome foi simplificado, para em 1962 tornar-se cidade de Araponga”(Ribas 2003).

Depois de séculos de uma desenfreada disputa e dominação de terras em toda a região, principalmente através do cultivo de café nas terras altas, a economia regional praticamente se estagnou e em meados do século XX passou a sofrer a extração madeireira da mata nativa (IEF 2007).

Já nos finais dos anos de 1970, ocorre um duplo movimento que informa outro processo de transformação social, por um lado a crescente preocupação com a preservação ambiental, por outro, a articulação, em toda a região, dos movimentos sindicais de trabalhadoras e trabalhadores rurais. Esse processo social variável fomenta um diferenciado diálogo com a tradição local o que gerou uma rede agroecológica (IEF 2007).

O produto interno bruto vem da agropecuária (31.131 mil reais) e de fontes de serviços (29.831 mil reais). Na contagem do censo demográfico de 2010 a população de Araponga era de 8.152 habitantes. Possui uma área de 303,793km², sob o domínio de Floresta Atlântica, o índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) era de 0,536, a população residente alfabetizada era de 6.017 pessoas, população de religião católica apostólica romana era de 6.789 pessoas, evangélica era de 977 e espírita era de 15 pessoas (IBGE 2010a).

3. História e caracterização do município de Fervedouro

A história de povoamento dessa região conta que era habitada pelos índios Coroados e Puris que haviam sido expulsos do litoral pelos colonizadores. As perseguições obrigaram esses índios a deixarem o litoral e a se embrenharem nas matas (IEF 2007).

Uma tradição oral dizia que os poços de águas minerais de Fervedouro foram encontrados, em plena mata virgem, por um grupo de tropeiros e devido às bolhas que a fonte produzia, semelhante à água em ebulição, denominaram o lugar de "Fervedouro" (Carelli, dados não publicados).

As fontes de águas minerais atraíram a atenção de toda a região. Apesar de ser conhecido como Fervedouro, o arraial recebeu o nome oficial de Santa Bárbara do Fervedouro (IEF 2007).

A área era coberta por extensa mata, de difícil acesso, sendo que, em 1872, ocorreu à primeira expedição composta de médicos e farmacêuticos que, partindo de São Francisco do Glória, MG, conseguiram fazer uma picada através da floresta e procederam aos primeiros exames químicos da composição da água dos poços (IEF 2007).

Apesar de existir uma estrada estreita ligando Carangola a São Francisco do Glória, o acesso a Fervedouro era muito difícil. Em 1918 foi construída uma estrada ligando Carangola até o local das fontes de águas minerais (IBGE 2010b; Prefeitura de Fervedouro 2014).

O município de Fervedouro é um dos mais recentes da região, tendo sido criado em 01 de janeiro de 1993, data em que foi instalado o primeiro governo deste novo município, desmembrado do município de Carangola (Carelli, dados não publicados). Fervedouro foi elevado à condição de Município, tendo por Distritos a Sede, Bom Jesus do Madeira e São Pedro do Glória (IBGE 2010b; Prefeitura de Fervedouro 2014).

O produto interno bruto vem de fontes de serviços (39.989 mil reais) e da agropecuária (25.582 mil reais). Na contagem do censo demográfico de 2010 a população de Fervedouro era de 10.349 habitantes. Possui uma área de 357,683km², sob o domínio de Floresta Atlântica, o índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) era de 0,580, a população residente alfabetizada era de 8.069 pessoas, a população de religião católica apostólica romana era de 7.674 pessoas, evangélica era de 1.871 pessoas e não consta população espírita (IBGE 2010b).

4. Coleta de dados

O levantamento etnobotânico das Leguminosae foi realizado junto às comunidades dos municípios de Araponga e Fervedouro, MG, entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), que fazem limite com as duas portarias da Sede do Parque.

Em Araponga o estudo foi realizado em duas comunidades rurais: Serra das Cabeças (informantes 7, 8, 9, 10, 18 e 23) e Serrinha (informantes 3 e 4). Em Fervedouro foram estudadas quatro comunidades: Córrego dos Machados (informantes 15, 17 e 20), São João do Grama (informantes 2, 13, 14, 19 e 21), São João da Mata (informantes 1,11e 12), Serra do Boné (informantes 16 e 22), e o distrito de Bom Jesus do Madeira (informantes 5 e 6) (Figura 2).

As comunidades foram escolhidas por estarem inseridas na Zona de amortecimento do Parque, situadas próximas a fragmentos florestais e próximas às portarias, facilitando o acesso às propriedades. Outro fator relevante foi o fato das mesmas apresentarem características econômicas baseadas predominantemente na agricultura familiar, com destaque para o cultivo do café.

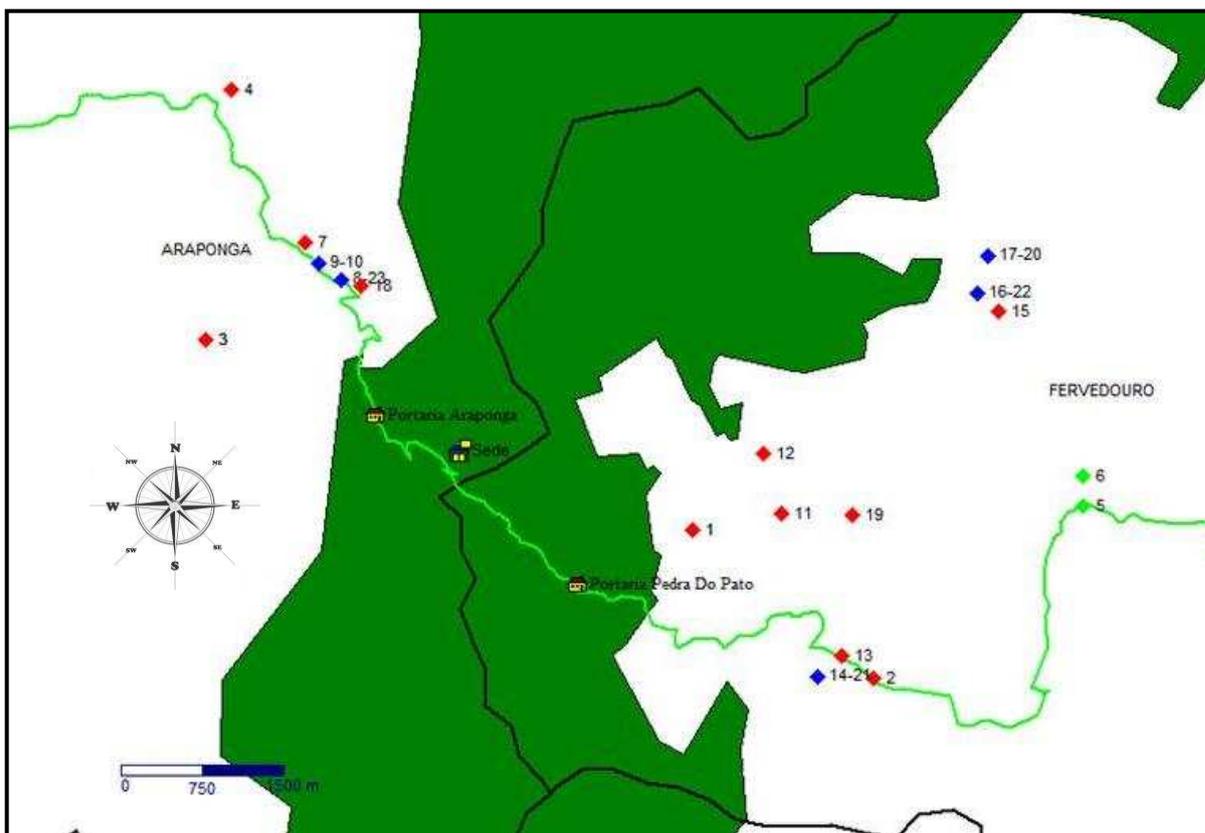


Figura 2: Localização das residências dos informantes participantes do estudo etnobotânico. Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brasil. Losango vermelho = entrevista a um informante; losango azul = entrevista a dois informantes da mesma residência; losango verde = informantes funcionários do PESB. Elaboração: Lívia Constância de Siqueira & Evandro Pianissola Machado 2014.

O levantamento de dados e a coleta das plantas ocorreram entre outubro de 2012 e março de 2014. Foi realizada uma média de quatro visitas por informante da pesquisa.

A escolha dos informantes, conhecedores populares, para a participação da pesquisa, foi através do método “Bola de Neve” que, de acordo com Albuquerque & Lucena (2004), inicia-se a partir do primeiro contato com a comunidade local, quando será identificado um primeiro especialista da flora local, que é reconhecido pela comunidade como o conhecedor de maior envolvimento com a vegetação. Este especialista indicará outro especialista e assim, sucessivamente, até que se envolva uma grande parte dos especialistas da comunidade.

Posteriormente, foi utilizado o método de julgamento, no qual foram selecionados informantes inteirados e/ou envolvidos com alguma atividade relacionada com as potencialidades da flora regional (Fernandes 2007; Siqueira 2008).

As entrevistas ocorreram durante caminhadas onde o informante e pesquisador percorreram trilhas pré-existentes em áreas que limitam as propriedades, sob a forma de turnê guiada (Albuquerque & Lucena 2004). Foram percorridas, áreas agrícolas, matas secundárias, beiras de estradas, quintais, hortas, áreas de pastagens e outros ambientes para a localização das diferentes espécies de leguminosas ocorrentes nas paisagens estudadas e que apresentam algum tipo de uso.

As informações sobre as plantas foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas e abertas, constituídas por levantamentos sociais (Apêndice B) e etnobotânico (Apêndices C e D), onde as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir ao campo, mas apresentam grande flexibilidade, pois permitem aprofundar elementos que podem surgir durante a entrevista (Albuquerque & Lucena 2004).

As entrevistas realizadas foram registradas nas fichas, planilhas de informações e caderno de campo e quando autorizado, foram gravadas em microgravador. Posteriormente as entrevistas foram transcritas para a melhor análise dos resultados.

No momento da localização das espécies o material botânico era coletado para a posterior identificação. O material coletado foi devidamente processado de acordo com metodologia convencional aplicada em taxonomia vegetal (Bridson & Forman 1999) e depositado no acervo do Herbário VIC, do Departamento de Biologia Vegetal, da Universidade Federal de Viçosa. Quando possível, as plantas foram identificadas em nível de espécie ainda em campo.

Os nomes populares das espécies foram estabelecidos a partir de informações dos próprios informantes, sendo estes nomes, característicos da região da Zona da Mata Mineira. Quanto ao hábito de crescimento as plantas foram classificadas em árvores, arbustos, ervas, trepadeiras e lianas.

A identificação taxonômica foi realizada por meio de comparação com material da coleção dos herbários VIC (Universidade Federal de Viçosa, MG) e Guido Pabst (Fundação Redentor, RJ), consultas à literatura e auxílio de especialistas botânicos quando necessário.

O sistema de classificação utilizado para a família, subfamília e gêneros está de acordo com o de Lewis et al. (2005). Para a confirmação da grafia dos nomes científicos das espécies e seus respectivos autores utilizou-se a Lista das Espécies da Flora do Brasil (2014).

Nas planilhas de informações das entrevistas foram anotadas a data da coleta, localidade, nome do informante, nome popular, nome científico, utilização, parte da planta utilizada e origem do conhecimento (Anexo B).

As espécies foram agrupadas em categorias de uso de acordo com a importância atribuída por cada informante e outras categorias foram definidas e agrupadas pelos pesquisadores.

Os dados obtidos foram analisados de forma qualitativa, na interpretação de relatos dos informantes e de forma quantitativa por meio de tabelas e gráficos. Foram calculadas a importância relativa das espécies entre os informantes, bem como, sua concordância de uso principal conforme metodologia adaptada por Amorozo & Gély (1988).

Após calcular os valores da concordância quanto aos usos principais de cada espécie (CUP) e do fator de correção (FC) foi utilizada a fórmula: $CUPc \times FC$, para chegar à porcentagem corrigida de concordância quanto aos usos principais para cada espécie, tornando-se significativo acima de 80%.

Para as plantas citadas por mais de cinco informantes, os cálculos foram realizados da seguinte forma: $CUPc = CUP \times FC$, sendo

$$CUP = \frac{\text{número de informantes que citaram usos principais} \times 100}{\text{número de informantes que citaram uso da espécie}}$$

$$FC = \frac{\text{número de informantes que citaram a espécie}}{\text{número de informantes que citaram a espécie mais citada}}$$

Resultados e Discussão

1. Perfil dos informantes

No estudo etnobotânico de Leguminosae em comunidades rurais no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foram entrevistadas 23 pessoas, sendo 15 homens e 8 mulheres, as quais exercem como principal ocupação a agricultura.

Entre os participantes deste estudo, dois são funcionários do Parque e exercem as funções de prestadores de serviços na manutenção da Sede, guia turístico e motorista. Estes

funcionários dedicam-se em suas horas vagas a atividades voltadas ao campo, como o cultivo do café e a criação de gado. Estes informantes foram escolhidos devido a três fatores: são os funcionários mais antigos do PESB, dedicando-se ao Parque desde antes da sua criação, são moradores antigos do entorno e são reconhecidos pela população como conhecedores da vegetação local.

Para Amorozo (1996), pode se constituir em um informante, qualquer membro de uma sociedade que possua “competência cultural”, ou seja, qualquer membro de uma determinada sociedade que detenham conhecimentos suficientes sobre sua cultura, para poder atuar de forma satisfatória em suas expressões habituais.

Todos os 23 informantes participantes do estudo são nascidos e criados em comunidades rurais do entorno do PESB, com exceção de apenas um agricultor de 87 anos que nasceu no município de Ervália, porém mudou-se para a comunidade de São João do Grama, Fervedouro, com nove anos de idade.

Um dos informantes declarou-se trabalhador rural, porém seu diferencial é a produção de hortaliças comercializadas na feira da cidade. As duas mulheres que apresentaram a menor idade no estudo (28 e 43 anos) declararam-se donas de casa e agricultoras. Este fato é devido à época da colheita de café, cultura forte na região, na qual toda a família é envolvida nas atividades.

Durante o período da colheita (“panha”) do café toda a família, inclusive os mais jovens, ajuda no trabalho. Muitos filhos destas famílias estudam na Escola Família Agrícola (EFA-PURIS) situada na comunidade de São Joaquim, município de Araponga. Nesta escola o método de ensino/aprendizagem é voltado para a prática do campo e as aulas são quinzenais, respeitando o calendário do plantio e colheita do café.

2. Aspectos econômicos

A pecuária e a cafeicultura são as principais atividades responsáveis pela ocupação da região e, conseqüentemente, pela sua devastação, prevalecendo até os dias atuais. Predominam pequenas propriedades agrícolas, com produção familiar com pouca assistência técnica e baixo acesso à tecnologia e mecanização (IEF 2007).

A cultura do café mostra-se importante, em praticamente todos os municípios do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, com crescimento da área plantada e

aumento de produtividade. A produção local é favorecida por aspectos como o clima e a altitude, além da presença de produtores de café orgânico de alta qualidade como a produção de café para exportação, dentre eles o tipo “illy coffee”, este não necessariamente orgânico (IEF 2007).

Os municípios estudados têm como atividades principais o comércio e a prestação de serviços. Do ponto de vista das atividades turísticas realizadas no entorno do Parque, os municípios apresentam potencial, entretanto ainda são pouco explorados.

O PESB é um dos principais atrativos da região, possibilitando atividades turísticas, principalmente, no Pico do Boné (com restaurantes, pousadas, área de camping e cachoeiras), Pico do Itajuru, Pedra do Pato, Pedra do Cruzeiro (com peregrinação religiosa), Pico do Soares, Fazenda do Brigadeiro (onde se citaram atividades de rapel e caminhadas nas trilhas), Ermida “Antônio Martins”, entre outros (Silva et al. 2006; IEF 2007; IBGE 2010).

O Parque apresenta grande potencial ecoturístico oferecendo aos visitantes à contemplação da flora e fauna local com uma grande diversidade de plantas e animais silvestres, paisagens exuberantes que possibilitam a prática de fotografias, a topografia com declives acentuados possibilita a prática de esportes radicais, além do turismo científico, pesquisas nas mais diferentes áreas do conhecimento e a educação ambiental da população do entorno.

O cadastro de confrontantes, realizado pela administração do PESB, indicou que Araponga e Fervedouro estão entre os municípios com maior presença de moradores rurais no entorno do Parque correspondendo um total de 86%. Em Araponga são 72 confrontantes e Fervedouro são 65 (IEF 2007).

A utilização do PESB pela população é dada, principalmente, pelo uso de seus recursos vegetais, devido a sua beleza cênica, notadamente a extração de plantas medicinais, taquara, palmito, bromélias e madeiras para confecção de utensílios e ferramentas.

3. Delimitação das categorias de uso

Neste estudo foram definidas 14 categorias de uso (Tabela 1), das quais oito foram definidas pelos informantes (alimento para o homem, alimento para animais, lenha, cerca,

móveis para casa, cerca viva, grudar e medicinal) e seis, definidas e agrupadas pelos pesquisadores (sem uso, construção, místico, tecnologia, ornamental e outros usos).

Na categoria “alimento para o homem” (78 citações) foram incluídas todas as espécies (16) citadas para a alimentação humana, seja para o consumo in natura ou para o preparo culinário. “É de comê”, como dito pelos moradores do entorno do PESB. Na categoria “alimento para animais” (30 citações), foram incluídas oito espécies utilizadas para a alimentação de animais, sendo que algumas das espécies desta categoria também são usadas na alimentação humana, outras são próprias para os “bichos”, termo utilizado pelos informantes.

Além das categorias “alimento para o homem e alimento para animais”, as categorias “lenha” (39 citações), “medicinal” (30), “cerca” (24), “cerca viva”, “móveis para casa” e “grudar” (5) estão bem delimitadas pelas comunidades estudadas e tiveram o número de citação bem representativo.

Na categoria “lenha” foram incluídas todas as espécies de porte lenhoso (10) destinadas à queima em fogão a lenha, uma prática cultural da Zona da Mata Mineira.

As 13 espécies citadas para diversos tipos de tratamentos de doenças humanas foram incluídas na categoria “medicinal”.

A categoria “cerca” foi delimitada para as espécies (7) utilizadas como estaca para cerca. As categorias “móveis para casa” (3 spp.) e “cerca viva” (3 spp.) são bem delimitadas pelos informantes onde os próprios citaram: “Fazer móvel e/ou fazer cerca viva”.

A categoria “grudar”, referente a plantas que grudam, foi mantida devido ao fato de estar bem representada pelas espécies (4 spp.) de Leguminosae que apresentam o fruto do tipo lomento com tricomas aderentes.

Tabela 1: Categorias e subcategorias de uso das espécies de Leguminosae utilizadas por moradores de comunidades rurais do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG. N = número de categorias de uso; NE = número de espécies citadas por categoria; % = porcentagem das espécies; NI = número de informantes por categoria; TC = total de citações das categorias.

N	Categorias de uso	Subcategorias de uso	NE	%	NI	%	TC	%
1	Alimento para o homem		16	28,5	23	100	78	24,2
2	Alimento para animais		8	14,2	13	56,5	30	9,3
3	Cerca		7	12,5	11	47,8	24	7,5
4	Cerca viva		3	5,3	3	13,0	5	1,6
5	Construção	a - Forro para casa	3	5,3	4	17,3	5	1,6
		b - Madeira	13	23,2	13	56,5	23	7,1
		SUBTOTAL	13*	23,2	14*	60,8	28	8,7
6	Grudar		4	7,1	3	13,0	5	1,6
7	Lenha		10	17,8	19	82,6	39	12,1
8	Medicinal		13	23,2	14	60,8	30	9,3
9	Místico		3	5,3	3	13,0	3	0,9
10	Móvel para casa		3	5,3	4	17,3	5	1,6
11	Ornamental		8	14,2	8	34,7	13	4,0
12	Outros usos	a - Artesanato	2	3,5	2	8,6	2	0,6
		b - Duro para capinar	1	1,7	1	4,3	1	0,3
		c - Indicador de chuva	2	3,5	2	8,6	2	0,6
		d - Planta de brejo	1	1,7	1	4,3	1	0,3
		e - Planta tóxica	2	3,5	4	17,3	4	1,2
		f - Praga	2	3,5	2	8,6	2	0,6
		g - Ração animal	1	1,7	1	4,3	1	0,3
		h - Recuperar Mata Ciliar	1	1,7	4	17,3	4	1,2
		i - Recuperar o solo	2	3,5	2	8,6	2	0,6
		SUBTOTAL	13*	23,2	10*	43,4	19	5,7
13	Sem uso		15	26,7	14	60,8	24	7,5
14	Tecnologia	a - Amarrar cerca	1	1,7	2	8,6	2	0,6
		b - Brinquedo criança	2	3,5	1	4,3	2	0,6
		c - Carro de boi	6	10,7	6	26,0	8	2,5
		d - Peneira	2	3,5	4	17,3	5	1,6
		e - Pilão de socar	1	1,7	1	4,3	1	0,3
		f - Rolha	1	1,7	1	4,3	1	0,3
		SUBTOTAL	13	23,2	9*	39,1	19	5,9
TOTAL:			56	-	23	-	322	100

* O valor subtotal difere da soma das subcategorias devido à repetição de informantes.

As categorias “construção” (28 citações), “sem uso” (24), “tecnologia” (19), “outros usos” (19), “ornamental” (13) e “místico” (3) foram delimitadas pelos pesquisadores. Estas categorias não foram definidas no campo e sim após análise de dados.

A categoria “construção” inclui todas as 13 espécies citadas como madeira e utilizadas para forro de casa. Esta categoria é destinada a tudo que envolve a construção de uma casa, como: tábuas, ripas, forro e outros. Siqueira (2008) cita “cerca” dentro da categoria construção, porém no presente trabalho, decidiu-se por classificar “cerca” em uma categoria a parte por ter se destacado como uma categoria consistente na região do entorno do PESB.

A categoria “sem uso” foi delimitada para as 15 espécies as quais os informantes mencionavam o nome popular, mas diziam não saber a sua utilidade.

As 13 espécies utilizadas para alguma atividade que venha facilitar a vida do agricultor no campo, como ferramentas de trabalho ou utensílios, foram incluídas na categoria “tecnologia”.

As 13 espécies que não se enquadraram em nenhuma das categorias principais e tiveram o número de citação inferior a quatro citações, foram incluídas na categoria “outros usos”.

Na categoria “ornamental” foram enquadradas as oito espécies citadas como enfeite ou para enfeitar a casa, o quintal, a roça e/ou a mata. Na categoria “místico” foram citadas três espécies destinadas a algum ato de crença e fé.

4. Estudo etnobotânico de Leguminosae Adans.

Nas comunidades rurais estudadas no entorno do PESB, municípios de Araponga e Fervedouro, MG, foram citadas 56 espécies de Leguminosae distribuídas em 14 categorias de usos (Tabela 2).

A subfamília Papilionoideae foi a mais citada com 27 espécies úteis (12 gêneros), seguida de Mimosoideae com 17 espécies (9 gêneros) e Caesalpinioideae com 10 espécies (7 gêneros). Papilionoideae apresentou sete etnovarietades de feijões (*Phaseolus vulgaris* L.). Neste estudo duas espécies encontram-se indeterminadas até o momento.

Excetuando-se as sete etnovarietades de *P. vulgaris*, os gêneros que mais se destacaram dentro da família foram: *Inga* (5 spp.) e *Senna* (4 spp.), o que corrobora os resultados de Fernandes (2007), o qual aponta esses dois gêneros como os mais encontrados

na pesquisa. Mimosa, Crotalaria, Dalbergia e Desmodium (3 spp. cada) também encontram-se entre os mais citados.

Tabela 2: Espécies de Leguminosae utilizadas por comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG. Usos: alH = alimento para o homem; alB = alimento para animais; su = sem uso; le = lenha; cer = cerca; cons = construção; mist = místico; mov = móvel para casa; tec = tecnologia; cv = cerca viva; med = medicinal; orn = ornamental; gru = grudar; out = outros usos; PC = parte citada; fo = folha; fr = fruto; le = lenho; sem = semente; rz = raiz; ra = ramo; to = toda a planta; NC = número de informantes que citaram a espécie.

Subfamília/Espécie/Nome Popular	Uso	PC	NC
CAESALPINIOIDEAE			
Bauhinia unguolata L. Pata-de-vaca	su, tec, med	le, fo	3
Caesalpinia pulcherrima (L.) Sw. Beijo-de-estudante *	orn	to	1
Cassia ferrugínea (Schrad.) Schrad. ex DC. Canafista	cer, cons, tec	le	4
Hymenaea courbaril L. Jatobá	alH, cons, mov, med	fr, le	5
Poincianella pluviosa var. peltophoroides (Benth.) L.P.Queiroz Sibipiruna *	orna	to	2
Senna cernua (Balb.) H.S. Irwin & Barneby Breuzinho/fedegoso-roxo *	out	to	2
Senna macranthera (Collad.) H.S. Irwin & Barneby Fedegoso	alB, su, le, cer, cons, mov, tec, med, orna	le, fr	18
Senna multijuga (Rich.) H.S. Irwin & Barneby Canjiquinha/farinha-seca	le, cer, cons	le	8
Senna pendula (Humb. & Bonpl. ex Willd.) H.S. Irwin & Barneby Fedegoso-do-brejo/fedegoso-miúdo	alB, su, out	fr, to,	4
Schizolobium parahyba (Vell.) Blake Breu	su, le, cons, out	le, sem	4
MIMOSOIDEAE			
Anadenanthera peregrina (L.) Speg. Angico-vermelho	cons, tec	le	1
Calliandra brevipes Benth. Capuchinho *	out, orna	to	3
Calliandra tweedii Benth. Capucho-vermelho *	orna	to	2
Inga edulis Mart. Angá-de-metro	alH, le	fr, le	3

Subfamília/Espécie/Nome Popular	Uso	PC	NC
<i>Inga marginata</i> Willd. Angá-feijão/angá-miúdo/angazinho *	alH, alB, Le, cer, out, med	fr, le, to,	19
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart. Angá/angá-ferradura/angá-macaco	alH, alB, le, cer, cons, out,	fr, le, fo, ra	15
<i>Inga striata</i> Benth. Angá *	alH	fr	4
<i>Inga vulpina</i> Mart. ex. Benth. Angá/angá-banana *	alH, alB, le, cons, tec	fr, le	15
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit. Leucena	orn, out	to, sem	1
<i>Mimosa diplotricha</i> C. Wright ex Sauvalle Arranha-gato/malícia/maria-chiquinha *	su, cv, med, gru	to, ra	9
<i>Mimosa pudica</i> L. Morre-maria *	su	-	1
<i>Mimosa velloziana</i> Mart. Arranha-gato/unha-de-gato *	su, cv	to	5
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J. F. Macbr. Jacaré	le, cer, cons, out	le, fo, ra	21
<i>Pseudopiptadenia contorta</i> (DC.) G.P. Lewis & M.P. Lima Angico	cons, mov, tec, med	le	5
<i>Senegalia grandistipula</i> (Benth.) Seigler & Ebinger Arranha-gato *	med	rz	1
<i>Senegalia martiusiana</i> (Steud.) Seigler & Ebinger Arranha-gato	cv	to	2
<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart Barbatimão	le, tec, cons	le	2
PAPILIONOIDEAE			
<i>Aeschynomene falcata</i> (Poir.) DC. Focinho-de-boi *	gru	fr	1
<i>Aeschynomene sensitiva</i> Sw. Cavalinha-do-brejo *	tec	le	1
<i>Arachis hypogaea</i> L. Amendoim *	alH	sem	1
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth Andu/feijão-Andu	alH, med, orna, out	fr, to	9
<i>Crotalaria breviflora</i> DC. Xique-xique *	su, mist	fr	2
<i>Crotalaria micans</i> Link. Xique-xique *	alB, su, orna	fr, to	4
<i>Crotalaria spectabilis</i> Roth. Xique-xique	mist, tec	fr	1

Subfamília/Espécie/Nome Popular	Uso	PC	NC
<i>Dalbergia foliolosa</i> Benth. Pé-de-banco	tec	le	1
<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton Pé-de-banco/perna-de-banco	tec, cons, cer	le	5
<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth. Jacarandá-cabiúna	cons	le	1
<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth. Zói-de-boi *	mist	sem	1
<i>Dioclea</i> sp. Cipó-coronha/cipó-coronhão *	tec	le	2
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. Carrapichinho/carrapicho-pequeno/ focinho-de-boi	su, out, med, gru	to, fr	7
<i>Desmodium affine</i> Schltldl. Focinho-de-boi/focinho-de-boi-grande/pega-pega	su, med, grud	to	3
<i>Desmodium incanum</i> DC. Carrapicho-grande	su	-	2
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill. Anil	out, med	to	3
<i>Erythrina falcata</i> Benth. Abóbora-dantra/pau-sabão *	su	-	2
<i>Erythrina speciosa</i> Andrews Sumaúma	su, cons	le	2
<i>Lablab purpureus</i> (L.) Sweet Feijão-fava	alH	sem	1
<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth. Bico-de-pato	su, le, out, tec, med	le, to	9
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (Etnovariedade1) Feijão-puteca/feijão-preto *	alH	fr, sem	4
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (Etnovariedade2) Feijãozinho *	alH	fr	1
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (Etnovariedade3) Feijão-paina *	alH	fr	1
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (Etnovariedade4) Feijão-vermelho/sangue-de-burro *	alH	sem	6
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (Etnovariedade5) Feijão-carioquinha *	alH	sem	4
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (Etnovariedade6) Feijão-sessenta-dias *	alH	fr	1
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (Etnovariedade7) Feijão-de-bage *	alH	fr	1

Subfamília/Espécie/Nome Popular	Uso	PC	NC
INDETERMINADA I Erva-de-boi/erva-venenosa *	out	to	3
INDETERMINADA II Feijão-do-mato *	alB, med	fr, to	2

*Espécies exclusivas deste estudo e que diferem da listagem florística de Fernandes (2007), realizada em Araponga, MG.

Em estudo realizado com agricultores agroecológicos em comunidades rurais de Araponga, MG, foram identificadas 37 espécies de Leguminosae em Fragmentos Florestais e 38 em Sistemas Agroflorestais, totalizando 58 espécies, pois 17 eram comuns às duas áreas (Fernandes 2007). Das espécies levantadas por Fernandes (2007), 27 coincidem com a listagem florística apresentada na Tabela 2 e 29 são exclusivas do presente estudo.

Leite e colaboradores (2008) em um estudo sobre plantas medicinais nos distritos de Bom Jesus do Madeira e Estouro, entorno do PESB, amostrou 69 espécies, dentre estas, apenas quatro pertencem à Leguminosae, das quais duas, *Cajanus cajan* e *Inga vulpina*, são citadas também neste trabalho.

5. Categorias de uso

5.1 Alimento para o homem

Esta categoria foi a que mais se destacou para todos os critérios. Apresentou o maior número de espécies citadas (16 spp.), foi citada por todos os 23 informantes participantes da pesquisa e apresentou o maior número de total de citações (78).

Dentro desta categoria encontram-se sete etnovarietades de feijão (*Phaseolus vulgaris* L.). As etnovarietades de feijão amostradas são conhecidas popularmente como: feijão-puteca, feijão-preto, feijãozinho, feijão-paina, sangue-de-burro, feijão-vermelinho, carioquinha, feijão-sessenta-dias e feijão-de-bage). Existe uma grande variação de nomes populares para os diferentes tipos de feijões.

“... o feijão sangue-de-burro é o de uso da gente em casa”. (SR. A. L. M., 58 anos, São João do Grama, Fervedouro, MG, 2012).

“... o feijão-fava serve pra come, mas tem que plantá e cuidá”. (SR. A. L. M., 58 anos, São João do Grama, Fervedouro, MG, 2012).

Os informantes entrevistados neste estudo possuem a habilidade de reconhecer as etnovarietades, diferenciando-as umas das outras. O modo como as informantes classificam as plantas é baseado em caracteres facilmente perceptíveis, tais com o aroma e a morfologia. Quando a planta encontra-se em estado vegetativo, a percepção olfativa é o recurso mais utilizado (Da Silva 2007).

As demais espécies mencionadas para a alimentação humana (9 spp.), foram: jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), angá-de-metro (*Inga edulis* Mart.), angá-feijão (*Inga marginata* Willd.), angá-ferradura (*Inga sessilis* (Vell.) Mart.), angá (*Inga striata* Benth.), angá-banana (*Inga vulpina* Mart. ex. Benth.), amendoim (*Arachis hypogaea* L.), feijão-andu (*Cajanus cajan* (L.) Huth) e feijão-fava (*Lablab purpureus* (L.) Sweet).

As espécies que apresentaram o maior número de citações foram: *Inga marginata* e *Inga vulpina* com 15 citações cada, seguida de *Inga sessilis* com 11 citações (Figura 3). O estudo de Borges & Peixoto (2009) cita *I. sessilis* para a categoria “alimentar”. Apesar de *Arachis hypogaea* ter sido citado por apenas um informante no presente estudo, esta espécie é bastante citada e reconhecida em estudos etnobotânicos realizados na região norte do Brasil. Silva & Andrade (2005) citam o amendoim na alimentação e na categoria “comércio”.

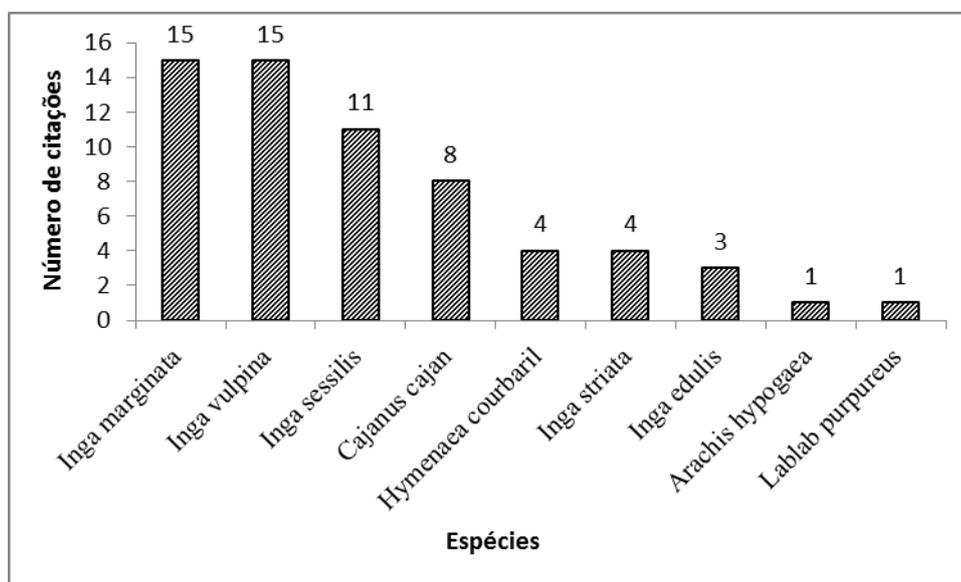


Figura 3: Número de citações por espécies citadas para a categoria de uso “alimento para o homem” em comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG.

5.2 Alimento para animais

Na categoria “alimento para animais” foi amostrado um total de oito espécies, que são nativas da Floresta Atlântica. Nenhuma das espécies citadas para esta categoria foi destinada a alimentação de animais domésticos. Todas são específicas para animais selvagens e soltos na natureza.

Gandolfo & Hanazaki (2011) reconhece alimento para os animais, principalmente para aves, como uma subcategoria dentro de “ecológico”.

Dos 23 informantes entrevistados, 13 mencionaram plantas úteis à alimentação de animais selvagens. Esta categoria esteve entre uma das mais representativas em número total de citações (30).

Fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby), fedegoso-miúdo (*Senna pendula* (Humb. & Bonpl. ex Willd.) H.S. Irwin & Barneby), angá-de-metro (*Inga edulis* Mart.), angá-feijão (*Inga marginata* Willd.), angá-ferradura (*Inga sessilis* (Vell.) Mart.), angá-banana (*Inga vulpina* Mart. ex. Benth.), xique-xique (*Crotalaria micans* Link.) e feijão-do-mato (indeterminada II) foram espécies citadas para a alimentação de animais (Figura 4).

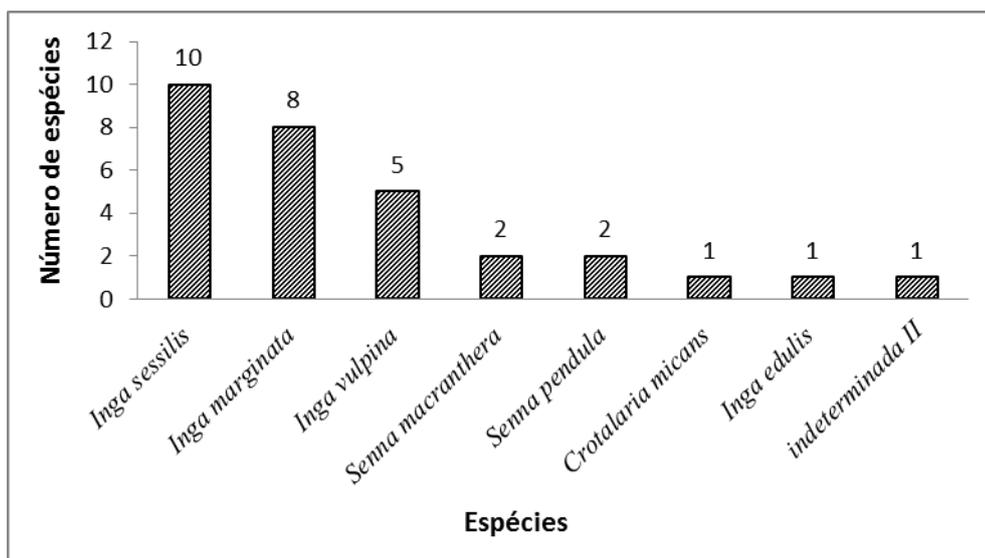


Figura 4: Número de citações por espécies citadas para a categoria de uso “alimento para animais” em comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG.

5.3 Cerca

Dos 23 informantes entrevistados, 11 mencionaram plantas utilizadas para a fabricação de cerca. Foram citadas sete espécies de Leguminosae, como: canafista (*Cassia ferruginea* (Schrad.) Schrad. ex DC.), fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby), farinha-seca (*Senna multijuga* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby), angá-feijão (*Inga marginata* Willd.), angá-ferradura (*Inga sessilis* (Vell.) Mart.), jacaré (*Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.) e pé-de-banco (*Dalbergia frutescens* (Vell.) Britton).

A espécie mais representativa para “cerca” foi *Piptadenia gonoacantha* com um total de nove citações, seguida de *Senna macranthera* e *Senna multijuga*, com quatro citações cada. A primeira espécie também foi a que apresentou maior número de citações dentro desta categoria segundo Fernandes (2007).

“... antigamente usava o fedegoso pra estaca de cerca, mas hoje quase ninguém usa madeira nativa”. (Sr. W. L. C., 44 anos, Serra das Cabeças, Araponga, MG, 2014).

“... o fedegoso serve pra estacamento de cerca, mas não guenta”. (SR. A. L. M., 58 anos, São João do Grama, Fervedouro, MG, 2012).

Siqueira (2008) incluiu “cerca” como uma subcategoria de “construção”. Fernandes (2007) para a categoria definida como “madeira de cerca”, usada para estaca e mourão de cerca, citou 15 espécies de Leguminosae em fragmentos florestais, sendo destas, quatro, também foram citadas em áreas de SAFs acrescentando-se *Senna multijuga*. Corroborando o estudo de Fernandes (2007) obtivemos as seguintes espécies: *Cassia ferruginea*, *Senna macranthera* e *Piptadenia gonoacantha*.

5.4 Cerca viva

Todas as espécies citadas pertencem à subfamília Mimosoideae. As espécies utilizadas como cerca viva foram: arranha-gato (*Senegalia martiusiana* (Steud.) Seigler & Ebinger), unha-de-gato (*Mimosa velloziana* Mart.) e malícia (*Mimosa diplotricha* C. Wright ex Sauvalle).

As espécies mencionadas nesta categoria apresentam hábito trepador escandente e são providas de acúleos por todos os ramos.

“... o *arranha-gato* (*M. diplotricha*) arranha a gente *tudo*”! (Sr. W. L. C., 44 anos, Serra das Cabeças, Araponga, MG, 2014).

5.5 Construção

Foram citadas 13 espécies para “construção” de casas: canafista (*Cassia ferruginea* (Schrad.) Schrad. ex DC.), jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.)H.S. Irwin & Barneby), farinha-seca (*Senna multijuga* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby), breu (*Schizolobium parahyba* (Vell.) Blake), angico-vermelho (*Anadenanthera peregrina* (L.) Speg.), angá-ferradura (*Inga sessilis* (Vell.) Mart.), angá-banana (*Inga vulpina* Mart. ex. Benth.), jacaré (*Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.), angico (*Pseudopiptadenia contorta* (DC.) G.P. Lewis & M.P. Lima), barbatimão (*Stryphnodendron polyphyllum* Mart.), pé-de-banco (*Dalbergia frutescens* (Vell.) Britton,) sumaúma (*Erythrina speciosa* Andrews).

Dentro desta categoria foram delimitadas duas subcategoria de uso: madeira e forro de casa. Dos 23 informantes, 14 relataram a utilização de plantas de porte arbóreo com a finalidade de edificação.

A subcategoria “forro de casa” foi pouco representativa para este trabalho, apresentando apenas três plantas indicadas: farinha-seca (*Senna multijuga* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby), breu (*Schizolobium parahyba* (Vell.) Blake) e barbatimão (*Stryphnodendron polyphyllum* Mart.). Apenas o barbatimão não consta na subcategoria “madeira”.

“... o *breu* só serve pra taipa (...) *madeira* muito fraca que não aguenta o tempo”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

A subcategoria “madeira” foi a mais representativa, na qual foram citadas 13 espécies. Entre as mais citadas estão: farinha-seca (*Stryphnodendron polyphyllum* Mart.), e jacaré (*Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.) com quatro citações cada. Fernandes (2007) também menciona *P. gonoacantha* como uma das espécies preferidas pelos agricultores para à construção.

Os trabalhos de Siqueira (2008) e Fernandes (2007) citam a categoria construção como uma das mais representativas em trabalhos realizados com agricultores agroecológicos em Araponga, MG. Em fragmentos florestais, Fernandes (2007), identificou 14 espécies de Leguminosae e em Sistemas Agroflorestais foram identificadas seis espécies que correspondem à listagem dos fragmentos.

5.6 Grudar

Esta categoria de uso foi citada por apenas três informantes. As espécies citadas foram quatro: malícia (*Mimosa diplotricha* C. Wright ex Sauvalle), focinho-de-boi (*Aeschynomene falcata* (Poir.) DC.), carrapicho-pequeno (*Desmodium adscendens* (Sw.) DC.) e focinho-de-boi-grande (*Desmodium affine* Schltdl.).

As espécies mencionadas nesta categoria apresentam hábito herbáceo com fruto do tipo lomento pubescente que adere a superfícies. Exceto *Mimosa diplotricha* que foi mencionada devido aos acúleos e hábito trepador que faz com que a planta se enrole nas pernas dos agricultores durante o manejo da roça.

“... *gruda na roupa da gente e no focinho do animal (...) quando a gente busca a vaca de manhã cedo pra tirar leite (...) ela tá com o focinho todo tampado*”. (Sr. W. L. C., 44 anos, Serra das Cabeças, Araponga, MG, 2014).

5.7 Lenha

O uso da lenha em comunidade rurais de Araponga é muito comum, tanto pelo aspecto econômico quanto pelo cultural (Siqueira 2008). Em Fervedouro, esta também é uma prática presente. Os fragmentos de matas próximos às propriedades são grandes fontes de lenha para as famílias da zona rural.

Para Silva e Andrade (2005) a categoria denominada neste trabalho como lenha está inserida dentro da categoria tecnologia, onde foi utilizada para a geração de energia como lenha e carvão. Gandolfo & Hanazaki (2011) definem a utilização da lenha para abastecer o fogão como categoria “combustível”.

Dos 23 informantes pesquisados, 19 reconheceram essa categoria durante o estudo. Foram citadas 10 espécies utilizadas na queima da madeira para uso em fogão à lenha:

fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby), farinha-seca (*Senna multijuga* (Rich.) H.S. Irwin & Barneby), breu (*Schizolobium parahyba* (Vell.) Blake), angá-de-metro (*Inga edulis* Mart.), angá-feijão (*Inga marginata* Willd.), angá-banana (*Inga vulpina* Mart. ex. Benth.), angá-ferradura (*Inga sessilis* (Vell.) Mart.), jacaré (*Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.), barbatimão (*Stryphnodendron polyphyllum* Mart.), bico-de-pato (*Machaerium nycitans* (Vell.) Benth.) (Figura 5).

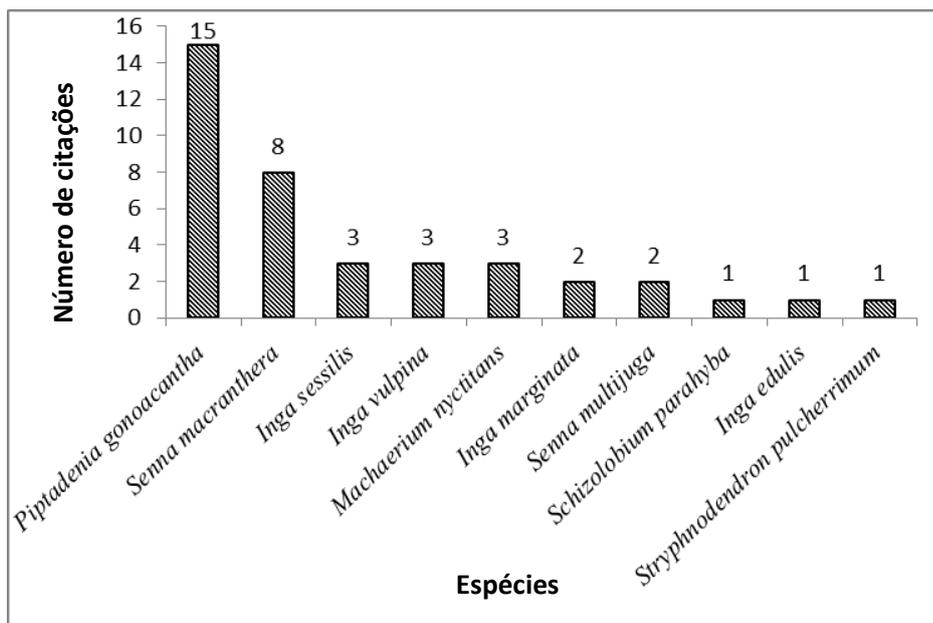


Figura 5: Número de citações por espécies citadas para a categoria de uso “lenha” em comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG.

“... *angá-ferradura* é bom pra lenha, mas é difícil (...) *cai pra lá e apodrece (...) molha tudo*”. (Sr. J. M. R., 56 anos, Córrego São João da Mata, Fervedouro, MG, 2014).

“... *angá-banana* é para fogo (...) pra queimar é lenha boa”. (Sr. A. L.M., 58 anos, Serra do Grama, Fervedouro, MG, 2012).

“... *angá-feijão* é bom pra lenha (...) a lenha é boa também (...) antigamente já fiz muita lenha dele”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

“... fedegoso é madeira que não apodrece (...) não é boa lenha, pois não seca o miolo (...) ele tem cerno”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

“... quando seca, queimo o bico-de-pato (...) é lenha boa também (...) guarda fogo de um dia pro outro e a brasa não apaga não”. (Sra. L. R., 74 anos, Serra das Cabeças, Araponga, MG, 2013).

“... o bico-de-pato é madeira de qualidade ruim (...) é mais pra lenha (...) é madeira fraca e murcha”. (SR. J. R. C., 74 anos, Serrinha, Araponga, MG, 2013).

Duas espécies se destacaram nesta categoria de uso. A espécie com maior número de citações (15) foi o jacaré (*Piptadenia gonoacantha*). Segundo os moradores do entorno do PESB ela é a melhor madeira para queimar e a que eles têm mais costume de usar. É uma espécie de hábito arbóreo muito comum em estradas, quintais, Sistemas Agroflorestais, fragmentos do entorno e área interna ao Parque. Mediante este estudo pode-se constatar uma grande riqueza de *P. gonoacantha* nas zonas rurais de Araponga e Fervedouro. O fedegoso (*Senna macranthera*) foi à segunda espécie mais citada (8) para a categoria lenha.

“... é a lenha que mais serve pra fogo (...) a melhor lenha que tem é a do jacaré”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

“... o jacaré é fácil de mexer (...) a lenha é boa e dá pouca fumaça”. (SR. M. dos S. L., 45 anos, PESB, MG, 2013).

“... eu queimo os galhos secos do jacaré que cai no chão (...) pega fogo mesmo”. (Sra. E. de S., 28 anos, Serra das Cabeças, Araponga, MG, 2013).

“... a lenha do jacaré é boa demais”! (Sra. L. R., 74 anos, Serra das Cabeças, Araponga, MG, 2013).

Das espécies citadas para a categoria lenha, duas, foram reconhecidas exclusivamente como “lenha ruim”: *Schizolobium parahyba* e *Stryphnodendron polyphyllum*. Já *Machaerium nycitans* e *Senna macranthera* foram citadas como lenha de boa e de ruim qualidade (Figura 6).

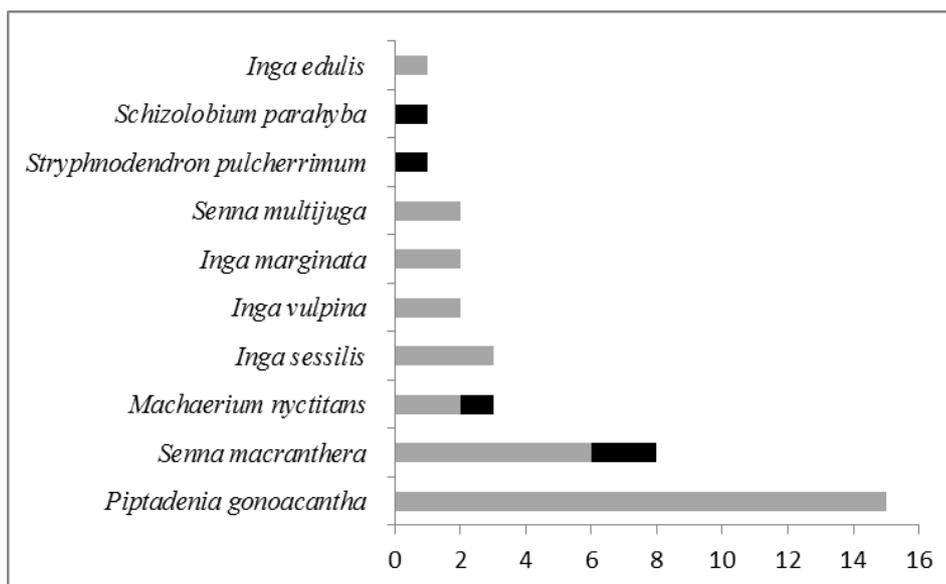


Figura 6: Espécies de Leguminosae utilizadas como lenha por moradores de comunidades rurais do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG. Barra cinza = lenha boa; Barra preta = lenha ruim.

5.8 Medicinal

Nesta categoria foram citadas 13 espécies para o tratamento de enfermidades: carrapicho-pequeno (*Desmodium adscendens* (Sw.) DC.), bico-de-pato (*Machaerium nycitans* (Vell.) Benth.), angá-feijão (*Inga marginata* Willd.), fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby), focinho-de-boi-grande (*Desmodium affine* Schltdl.), jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), feijão-andu (*Cajanus cajan* (L.) Huth), malícia (*Mimosa diplotricha* C. Wright ex Sauvalle), pata-de-vaca (*Bauhinia unguolata* L.), arranha-gato (*Senegalia grandistipula* (Benth.) Seigler & Ebinger), anil (*Indigofera suffruticosa* Mill.), angico (*Pseudopiptadenia contorta* (DC.) G.P. Lewis & M.P. Lima), feijão-do-mato (Indeterminada II).

A maioria dos estudos etnobotânicos possuem como principal foco as plantas medicinais (Silva-Filho & Brandão 1992; Parente & Rosa 2001; Amorozo 2002; Guarim-Neto & Morais 2003; Medeiros et al. 2004; Bueno et al. 2005; Pereira et al. 2005; Silva e Albuquerque 2005; Azevedo & Silva 2006; Souza & Felfili 2006; Vendruscolo & Mentz 2006; Maioli-Azevedo & Fonseca-Kruel 2007; Giraldi & Hanazaki 2010; Oliveira et al. 2010), mas não necessariamente este é o principal uso da espécies.

A maioria dos entrevistados declarou utilizar plantas medicinais, sendo os idosos que mais fazem uso, porém, são as mulheres que detém em maior parte este saber, pois são as

responsáveis pelo preparo dos “chás” na família e por cuidar do trabalho doméstico e quintal. Algumas plantas identificadas como medicinais são cultivadas em hortas ou quintais.

Amorozo (2002); Amorozo (2004); Silva & Andrade (2005); Azevedo & Silva (2006); Gandolfo & Hanazaki (2010); Gandolfo & Hanazaki (2011) citam *Cajanus cajan* (L.) Huth como medicinal. Dos 23 informantes do presente estudo, 14 citaram algum tipo de planta utilizada como remédio, destes, quatro, citaram *Cajanus cajan*. A espécie mais representativa para a categoria medicinal com um total de quatro citações foi *Mimosa diplotricha*.

“... focinho-de-boi (*Desmodium affine*) é uma planta fresca (...) faz pra urina presa (...) tomei quando era criança (...) a minha mãe fazia. Tem um homem da medicinal alternativa lá do Madeira que falou que é bom demais”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

“... o focinho-de-boi do grande (*Desmodium affine*) serve pra remédio (...) é pra dor de coluna (...) mas nunca tomei”. (SR. A. L. M., 58 anos, São João do Grama, Fervedouro, MG, 2012).

“... faz o chá da folha do feijão-andu pra banhá o dente (...) pra dor de dente”. (SR. J. R. C., 74 anos, Serrinha, Araponga, MG, 2013).

O conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é vasto, e em muitos casos, é o recurso medicinal mais acessível de uma população rural (Pasa et al. 2005). No entanto, atualmente nota-se que seu uso não se restringe apenas às zonas rurais ou regiões desprovidas de assistência médica e farmacêutica (Dorigoni et al. 2001).

As pessoas têm como primeira estratégia de tratamento plantas medicinais, buscando a solução de muitos problemas de saúde, porém, devido ao uso inadequado ou indevido, existe o risco de toxicidade com uma falsa ideia de “por ser natural não faz mal” (Crestani et al. 2005). Dessa maneira, o reconhecimento correto da planta, seja popular ou científico, através da identificação botânica é importante no uso adequado das mesmas.

5.9 Místico

Esta categoria foi citada por apenas três informantes. Apresentou-se como uma das categorias de menor número de espécies citadas (3 spp.). Dentro desta categoria estiveram representadas: xique-xique (*Crotalaria spectabilis* Roth.), xique-xique (*Crotalaria breviflora*

DC.) e zói-de-boi (*Dioclea violacea* Mart. ex Benth.). As três espécies tiveram apenas uma citação cada.

“... esse serve pra simpatia (...) estora o frutinho (C. spectabilis) dentro da boca da criança quando ele não quer falar (...) o fruto faz um barulhinho (...) eu aprendi com a minha mãe”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

“... estora o fruto (C. breviflora) na boca de menino pequeno quando ele tá aprendendo a fala (...) e dá certo”! (Sr. W. L. C., 44 anos, Serra das Cabeças, Araponga, MG, 2014).

Para Laplantine & Rabeyron (1989) o místico é a confiança em certa ordem da natureza e em certo número de processos capazes de agir sobre essa natureza. É um ato de fé em um princípio de harmonia: equilíbrio do homem, da natureza e da cultura. Soldati e colaboradores (2011) relata esta categoria como tirar sentimento. Silva & Andrade (2005) definem esta categoria como “mágica”.

5.10 Mobiliário

A confecção de móveis para casa está entre as categorias que apresentaram o menor número de citações (3), sendo citadas por quatro informantes participantes da pesquisa. As espécies citadas fora: fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby), jatobá (*Hymenaea courbaril* L.) e angico (*Pseudopiptadenia contorta* (DC.) G.P. Lewis & M.P. Lima).

Alguns estudos etnobotânicos delimitam essa categoria de uso como uma subcategoria dentro de “tecnologia” (Fernandes 2007; Siqueira 2008).

“... o fedegoso dá uma cadeira bonita (...) amarelinha (...) ele já é envernizado por natureza (...) é madeira que não apodrece”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

“... com o jatobá faz um móvel bonito que dura a vida toda”! (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

5.11 Ornamental

Foram citadas oito espécies para o uso ornamental: beijo-de-estudante (*Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw.), sibipiruna (*Poincianella pluviosa* var. *peltophoroides* (Benth.) L.P.Queiroz), fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby), capuchinho (*Calliandra brevipes* Benth.), capucho-vermelho (*Calliandra tweedii* Benth.), leucena (*Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit.), feijão-andu (*Cajanus cajan* (L.) Huth), xique-xique (*Crotalaria micans* Link.).

Estas espécies foram reconhecidas com ornamentais, por oito informantes da pesquisa, devido ao fato de “enfeitar” os quintais, Sistemas Agroflorestais, estradas e entorno das casas.

A espécie que mais se destacou em número de citações (3) foi *Calliandra brevipes*. Espécie arbustiva e nativa do Brasil, que ocorre apenas nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Maranhão e Paraíba (Souza 2014), apresenta florescimento exuberante sendo utilizada como planta ornamental isolada ou como cerca viva (Lorenzi & Souza 2001).

Em estudo etnobotânico com árvores de outras famílias botânicas, em Sistemas Agroflorestais de Araponga, foram reconhecidas cinco espécies como ornamentais (Siqueira 2008). Em fragmentos florestais do mesmo município, estudo realizado com Leguminosae por Fernandes (2007), foi reconhecido apenas amendoim-forrageiro (*Arachis pintoi* Krapov. & W.C.Greg.), inserido na categoria “outros”, subcategoria “flor que enfeita”. Esta espécie não consta na listagem florística do presente estudo.

Fernandes et al. (2014), em áreas de Sistemas Agroflorestais, identificaram três espécies definidas na categoria “outros”, subcategoria “plantas que enfeitam a paisagem na roça”: pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.), pau-de-óleo (*Copaifera langsdorffii* Desf.) e canudo-de-pito (*Senna pendula* Humb. & Bonpl. ex Willd.) H.S.Irwin & Barneby). Apenas *Senna pendula* encontra-se no presente estudo.

Leucaena leucocephala aparece citada como ornamental em outros estudos etnobotânicos (Florentino et al. 2007).

5.12 Outros usos

Nesta categoria foram agrupadas as espécies que apresentaram citação igual ou inferior a dois. Foram reconhecidas 14 espécies, citadas por dez informantes, para diversos usos bem diferenciados (Tabela 3).

As subcategorias representadas foram: Indicador de chuva, praga, recuperação de solo, artesanato, planta tóxica (2 spp. cada), recuperação de mata ciliar, planta de brejo, duro de capinar e ração animal (1 sp. cada). Destas subcategorias as que mais se destacaram foram: recuperação de mata ciliar e plantas tóxicas, nas quais foram citadas por quatro informantes.

Tabela 3: Subcategorias de espécies de Leguminosae utilizadas como “outros usos” por comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG. IC = Indicador de chuva; P = Praga; RS = Recuperar solo; A = Artesanato; PT = Planta tóxica; RM = Recuperar Mata Ciliar; PB = Planta de brejo; DC = Duro para capinar; R = Ração animal.

SUBFAMÍLIA Espécie Nome popular	SUBCATEGORIAS								
	IC	P	RS	A	PT	RM	PB	DC	R
CAESALPINIOIDEAE									
<i>Senna cernua</i> (Balb.) H.S. Irwin & Barneby Fedegoso-roxo	0	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Senna pendula</i> H.S. Irwin & Barneby Fedegoso-do-brejo	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake Breu	0	0	0	1	0	0	0	0	0
MIMOSOIDEAE									
<i>Calliandra brevipes</i> Benth. Capuchinho	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Inga marginata</i> Willd. Angá-feijão	0	0	0	0	0	4	0	0	0
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart. Angá-ferradura	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit. Leucena	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J. F. Macbr. Jacaré	0	0	1	0	0	0	0	0	0
PAPILIONOIDEAE									
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth Feijão-andu	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. Carrapicho-pequeno	1	0	0	0	0	0	0	0	0

SUBFAMÍLIA Espécie Nome popular	SUBCATEGORIAS								
	IC	P	RS	A	PT	RM	PB	DC	R
Indigofera suffruticosa Mill. Anil	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Machaerium nyctitans (Vell.) Benth. Bico-de-pato	0	1	0	0	0	0	0	0	0
INDETERMINADA II Feijão-do-mato	0	0	0	0	3	0	1	0	0
TOTAL:	2	2	2	2	4	4	1	1	1

Duas espécies se destacaram dentro da categoria “outros usos”. Fedegoso-roxo (*Senna cernua* (Balb.) H.S. Irwin & Barneby) se destacou por ter tido uma indicação em duas subcategorias distintas: “praga e plantas tóxicas” (Tabela 3). Angá-feijão (*Inga marginata* Willd.) além de se enquadrar em outras cinco categorias de uso, foi a mais representativa dentro da subcategoria “Recuperação de mata ciliar” sendo citada por quatro diferentes informantes para o mesmo uso (Tabela 3).

As Matas Ciliares são formações florestais associadas às margens dos rios e outros cursos de água independente de sua área ou região de ocorrência. Na faixa próxima dos cursos d’água, ocorrem plantas adaptadas à força da correnteza ou eventual submersão por enchentes ocasionais, já nas áreas mais altas, sem influência direta da linha d’água, predominam os ingazeiros (Bergamin 2012). O mesmo autor cita *Inga marginata* como espécie pioneira na restauração de matas ciliares, enquadrando-a em duas categorias de uso, frutífera e alimento para a fauna, por grupo ecológico de espécies arbóreas.

Estudos florísticos e fitossociológicos realizados próximo a cursos d’água citam esta espécie em suas listagens (Carvalho et al. 2000; Battilani et al. 2005; Hardt et al. 2006; Arruda & Daniel 2007; Silva et al. 2007; Schimmelpfennig et al. 2009).

“... *bico-de-pato* não presta não (...) pra nós isso é praga (...) dá espinho demais e espalha semente igual o jacaré (...) tem gente que quando vê no pasto já passa a *foice*”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

Soldati e colaboradores (2011) citam a semente de *Schizolobium parahyba* na confecção de artesanatos.

5.13 Sem uso

Foram citadas 15 espécies de plantas que os informantes não souberam atribuir usos a elas. Estas foram enquadradas na categoria ética “sem uso”. Esta categoria foi a segunda mais representativa após “alimento para o homem”. Refere-se às espécies nas quais os informantes citaram o nome popular, demonstrando conhecimento a respeito da planta, porém não atribuíram nenhuma utilidade. No momento da entrevista, à medida que os informantes apontavam alguma planta desta categoria, eles relatavam: “não sei essa, não serve pra nada, não tem serventia”.

As espécies citadas foram: pau-sabão (*Erythrina falcata* Benth.), carrapicho-grande (*Desmodium incanum* DC.), carrapicho-pequeno (*Desmodium adscendens* (Sw.) DC.), bico-de-pato (*Machaerium nyctitans* (Vell.) Benth.), fedegoso (*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby), breu (*Schizolobium parahyba* (Vell.) Blake), unha-de-gato (*Mimosa velloziana* Mart.), pega-pega (*Desmodium affine* Schltdl.), fedegoso do brejo (*Senna pendula* (Humb. & Bonpl. ex Willd.) H.S. Irwin & Barneby), sumaúma (*Erythrina speciosa* Andrews), xique-xique (*Crotalaria breviflora* DC.), amendoim-do-mato (*Crotalaria micans* Link.), malícia (*Mimosa diplotricha* C. Wright ex Sauvalle), pata-de-vaca (*Bauhinia unguolata* L.) e morre-maria (*Mimosa pudica* L.).

“... o pau sabão? Esse não serve pra nada”. (Sr. J. F. D., 59 anos, PESB, MG, 2013).

“... o bico-de-pato não tem serventia pra nada!” (Sr. A. de P., 67 anos, Serrinha, Araponga, MG, 2013).

Das 15 espécies citadas para a categoria “sem uso”, apenas três não foram citadas em nenhuma outra categoria que compõem esse estudo. *Desmodium incanum*, *Erythrina falcata* e *Mimosa pudica* apresentaram-se como espécies exclusivas desta categoria. Todas as outras espécies citadas fizeram parte de pelo menos duas ou mais categorias de uso.

No estudo de Fernandes (2007), em Sistemas Agroflorestais de Araponga, MG, *Desmodium incanum* foi citado nas categorias “adubo” e “medicinal”.

O estudo de Gandolfo & Hanazaki (2011) delimita a categoria sem uso e *D. incanum* é uma das espécies que não apresentaram utilidade. Em estudo Etnobiológico em Área de Proteção Ambiental no Paraná *M. pudica* foi indicada como medicinal. Meyer et al. (2012)

também reconhecem esta espécie como medicinal sendo empregada como diurética e emagrecedora. Vendruscolo & Mentz (2006) citam *E. falcata* para o tratamento de sangramento de gengiva e para sinusite.

5.14 Tecnologia

Nesta categoria de uso foram citadas 13 espécies, utilizadas para diversos fins, as quais foram delimitadas em seis subcategorias (Tabela 4), como: fabricação de carro-de-boi (6 spp.), confecção de peneira (2 spp.), brinquedo para distrair as crianças (2 spp.), pilão de socar milho (1 spp.), rolha de garrafa (1 sp.) e cipó para amarrar cerca (1 sp.).

O pé-de-banco (*Dalbergia frutescens*) foi à espécie mais citada para a categoria tecnologia, porém esteve presente em apenas uma subcategoria que foi a confecção de arco de peneira. Todas as espécies citadas em tecnologia estiveram representadas por apenas uma subcategoria. Porém a subcategoria fabricação de carro-de-boi foi a que apresentou maior citação de espécies (8), seguida de confecção de peneira (5) (Tabela 4). O destaque para o número de espécies destinadas à fabricação de carro-de-boi evidencia o conhecimento que a população detém e o uso ainda atual do carro de boi na região.

Tabela 4: Subcategorias de espécies de Leguminosae utilizadas como tecnologia por comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG. AC = Amarrar cerca; BC = Brinquedo para criança; CB = Carro-de-boi; P = Peneira; PS = Pilão para socar; R = Rolha de garrafa.

SUBFAMÍLIA Espécie Nome popular	SUBCATEGORIAS					
	AC	BC	CB	P	PS	R
CAESALPINIOIDEAE						
<i>Bauhinia unguolata</i> L. Pata-de-vaca	0	0	2	0	0	0
<i>Cassia ferrugínea</i> (Schrad.) Schrad. ex DC. Canafista	0	0	0	0	1	0
<i>Senna macranthera</i> (Collad.)H.S. Irwin & Barneby Fedegoso	0	0	2	0	0	0
MIMOSOIDEAE						
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg. Angico-vermelho	0	0	1	0	0	0

SUBFAMÍLIA Espécie Nome popular	SUBCATEGORIAS					
	AC	BC	CB	P	PS	R
Inga vulpina Mart. ex. Benth. Angá-banana	0	1	0	0	0	0
Pseudopiptadenia contorta (DC.) G.P. Lewis & M.P. Lima Angico	0	0	1	0	0	0
Stryphnodendron polyphyllum Mart. Barbatimão	0	0	1	0	0	0
PAPILIONOIDEAE						
Aeschynomene sensitiva Sw. Cavalinha-do-brejo	0	0	0	0	0	1
Crotalaria spectabilis Roth. Xique-xique	0	1	0	0	0	0
Dalbergia foliolosa Benth. Pé-de-banco	0	0	0	1	0	0
Dalbergia frutescens (Vell.) Britton Pé-de-banco	0	0	0	4	0	0
Dioclea sp. Cipó-coronha	2	0	0	0	0	0
Machaerium nyctitans (Vell.) Benth. Bico-de-pato	0	0	1	0	0	0
TOTAL:	2	2	8	5	1	1

Para Fernandes (2007), na categoria tecnologia foram agrupadas as espécies utilizadas para fazer algum tipo de utensílio tecnológico. Este autor também cita *Senna macranthera*, *Machaerium nyctitans* e *Dalbergia frutescens* como espécies empregadas para esta categoria de uso, sendo a última a espécie que apresentou o maior número de citações (5). Estes dados corroboram o presente trabalho.

Gandolfo & Hanazaki (2011) englobaram o uso de espécies como matéria prima para a fabricação de objetos como cestas, artigos de pesca, esteiras, vassoura e traveseiro dentro da categoria “manufatura”, no presente trabalho é denominada “tecnologia”.

6. Importância relativa das espécies

Os informantes citaram 11 espécies de Leguminosae com maior importância de uso, destacando-se Mimosoideae com cinco espécies, Papilionoideae com quatro espécies e Caesalpinioideae com apenas duas espécies. As espécies citadas por mais de cinco

informantes foram submetidas ao índice adaptado de Amorozo & Gély (1988) para avaliar a importância relativa das espécies (Tabela 5).

Jacaré (*Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr.) foi à espécie com maior concordância de uso nas comunidades rurais do entorno do PESB, com 71,4 de concordância de uso corrigida (CUPc). Esses dados corroboram com o trabalho de Fernandes (2007) o qual cita a mesma espécie para o maior valor de concordância.

O Jacaré não é uma espécie endêmica, porém é nativa do Brasil ocorrendo no Cerrado e Floresta Atlântica (Morim 2014). Está é uma espécies de ampla ocorrência na região de Araponga e entorno do PESB, estando presente em fragmentos florestais, pastagens, vegetação de beira de estrada, ao longo de rios e ao redor das casas existindo uma grande disponibilidade deste recurso (Fernandes 2007).

No presente estudo o jacaré foi à espécie mais reconhecida pelos informantes, apresentou 21 citações (Tabela 5), obteve citações para as categorias de uso, cerca, construção, lenha e a subcategoria ajudar o solo, porém lenha foi a categoria que apresentou o maior número de citações para esta espécie (15).

Tabela 5: Usos principais e concordância quanto aos usos das espécies citadas por mais de cinco informantes do entorno do Parque Estadual da serra do Brigadeiro (PESB). Uso principal: alH = alimento para o homem; su = sem uso; le = lenha; cer = cerca; cons = construção; med = medicinal; NICUE = n° de informantes que citaram usos da espécie; NICUP = n° de informantes que citou o uso principal; CUP = índice de concordância de usos principais; FC = fator de correção; e CUPc = CUP corrigida.

Subfamília/Espécie	Uso principal	NICUE	NICUP	CUP	FC	CUPc
CAESALPINIOIDEAE						
<i>Senna macranthera</i> (Collad.)H.S. Irwin & Barneby	le	18	8	44,4	0,85	37,7
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	cer/cons	8	4	50	0,38	19
MIMOSOIDEAE						
<i>Inga marginata</i> Willd.	alH	19	15	78,9	0,90	71
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	alH	15	11	73,3	0,71	52
<i>Inga vulpina</i> Mart. ex.Benth.	alH	15	15	100	0,71	71

Subfamília/Espécie	Uso principal	NICUE	NICUP	CUP	FC	CUPc
<i>Mimosa diplotricha</i> C. Wright ex Sauvalle	med	9	5	55,5	0,42	23,3
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J. F. Macbr.	le	21	15	71,4	1	71,4*
PAPILIONOIDEAE						
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	alH	9	8	88,8	0,42	37,2
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	med	7	3	42,8	0,33	14,1
<i>Machaerium nycitans</i> (Vell.) Benth.	le/su	9	3	33,3	0,42	13,9
<i>Phaselous vulgaris</i> L. (Etnovariedade4)	alH	6	6	100	0,28	28

As espécies *Inga marginata* Willd. e *Inga vulpina* Mart. ex. Benth. também apresentaram um alto valor de concordância de uso corrigida (71%), aproximando-se de *P. gonoacantha* (71,4%). Os diversos tipos de angás são facilmente reconhecidos pela população do entorno do Parque, pois servem de alimento para a população e para os animais silvestres. Muitos informantes conservam as espécies de angás em seus quintais na intenção de atrair a exuberante e diversificada fauna, como, aves e macacos, dos fragmentos florestais que consistem em corredores ecológicos do PESB.

Conclusões

Foi levantada um total de 56 espécies de Leguminosae com potencial de uso por agricultores de comunidades rurais dos municípios de Araponga e Fervedouro, MG, entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.

Papilionoideae é a subfamília mais citada, com 27 espécies úteis e 12 gêneros, seguida de Mimosoideae com 17 espécies e 9 gêneros e Caesalpinioideae com 10 espécies e 7 gêneros. A listagem florística consta de sete etnovariedades de feijões (*Phaselous vulgaris* L.). Encontram-se indeterminadas duas espécies de Leguminosae as quais não obtivemos material botânico fértil.

Foram estabelecidas 14 categorias de usos (8 pelos informantes e 6 pelos pesquisadores). As categorias construção, outros usos e tecnologias foram divididos em

subcategorias. A categoria mais representativa com um total de 15 espécies citadas foi “alimento para o Homem”, seguida da categoria “sem uso” com 15 espécies, destas apenas três não apresentaram qualquer tipo de uso pelos informantes pesquisados.

Piptadenia gonoacantha foi a espécie que apresentou maior reconhecimento pelos informantes (21), seguida de *Inga marginata* (19) e *Senna macranthera* (18).

Os resultados obtidos neste estudo etnobotânico demonstram que esses informantes detêm um conhecimento a respeito do uso das Leguminosae. Os informantes apresentam interesse em preservar a vegetação do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, pois reconhecem que essas plantas são úteis nas atividades do seu dia a dia.

Este estudo demonstra que o conhecimento tradicional faz-se presente entre os moradores de comunidades rurais do entorno do Parque, porém algumas formas de utilização de algumas espécies, principalmente as de potencial madeireiro, caíram em desuso devido à proibição da exploração ilegal amparada pela legislação ambiental.

A diversidade de Leguminosae utilizadas por comunidades rurais de Araponga e Fervedouro demonstra a importância desta família botânica nas atividades diárias dos moradores do entorno do PESB. Mostrou ser uma família com variedade de espécies empregadas nas mais diversas categorias de uso.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, U.P. de. & Andrade, L. de H.C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16: 273-285.
- Albuquerque, U.P. de & Lucena, R.F.P. de. 2004. **Seleção e escolha dos informantes**. In: Albuquerque, U.P. de & Lucena, R.F.P. de (org.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife, PE: Livro Rápido / NUPEEA, 189p.
- Amorozo, M.C.M. 1996. A abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. In: Di Stasi, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciência**, Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP, p.47-68.
- Amorozo, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16: 189-203.

- Amorozo, M.C.M. 2004. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnobiology** 24: 139-161.
- Amorozo, M.C.M. & Gély, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Série Botânica, Suplemento** 4: 47-129.
- Arruda, L. & Daniel, O. 2007. Florística e Diversidade em um Fragmento de Floresta Estacional Semidecidual Aluvial em Dourados, MS. **Floresta** 37: 189-199.
- Azevedo, S.K.S. & Silva, I.M. 2006. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 185-94.
- Battilani, J.L.; Scremin-Dias, E. & Souza, A.L.T. 2005. Fitossociologia de um trecho da mata ciliar do rio da Prata, Jardim, MS, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 19: 597-608.
- Benites, V.M. 1998. **Caracterização química e espectroscópica da matéria orgânica e suas relações com a gênese de solos da Serra do Brigadeiro, Zona da Mata Mineira**. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 123f.
- Benites, V.M. 2002. **Caracterização dos solos e das substâncias húmicas em complexos rupestres de altitude**. Tese (Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 75f.
- Bergamin, R.S. 2012. **Árvores e arbustos adaptados à correnteza ou sub-mersão eventual**. In: Castro, de D., Mello, R. S. P. & Poester, G. C. (org.). Práticas para restauração de mata ciliar. Porto Alegre, RS. Catarse. Coletivo de Comunicação. 60p.
- Bonfim, V.R.; Ribeiro, G.A.; Silva, E. & Braga, G.M. 2003. Diagnostico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG. R. **Árvore**, Viçosa, MG, v.27, n.1, 87-94p.
- Borges, R. & Peixoto, A.L. 2009. Conhecimento e uso das plantas em uma comunidade caiçara no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 23: 769-779.
- Bridson, D. & Forman, L., 1999. **The herbarium: handbook**. Third ed. Royal Botanic Gardens, Kew. 334p.
- Brummitt, R.K. & Powell, C.E. 1992. **Author of plants names**. London, Royal Botanic Gardens Key, 732p.
- Bueno, N.R.; Castilho, R.O.; Costa, R.B.; Pott, A.; Pott, V.J.; Scheidt, G.N. & Batista, M.S. 2005. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Acta Botanica Brasilica** 19: 39-44.

- Caballero, J. 1983. Perspectiva para o el que hacer etnobotânico em México. In: BARRERA, A. (Ed.). **La etnobotânica: três pontos de vista e una perspectiva**. Xalapa: Inst. Nac. de Investigaciones sobre recursos bióticos, 25-28p.
- Caiafa, A.N. 2002. **Composição florística e estrutura da vegetação sobre afloramento rochoso no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 55f.
- Carelli, R. s/d. **Levantamento de dados secundários do território da Serra do Brigadeiro**. Sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Fundação FAFILE/UEMG de Carangola. MG.
- Carvalho, D.A. de; Oliveira-Filho, A.T. de; Vilela, E.A. & Curi, N. 2000. Florística e Estrutura da Vegetação arbórea de um fragmento de Floresta Semidecidual às margens do reservatório da usina hidrelétrica Dona Rita (Itambém do Mato Dentro, MG). **Acta botânica brasílica** 14: 37-55.
- Christo, A.G.; Guedes-Bruni, R.R. & Fonseca-Kruel, V.S. 2006. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. **Rodriguésia** 57: 519-542.
- Costa, C.M.R.; Hermann,G.; Lins, L.V. & Lamas, I.R (orgs). 1998. **Biodiversidade em Minas Gerais: um Atlas para a sua conservação**. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte. 94p.
- Couto, E.A. & Dietz, J.M. 1980. **Sugestões para a criação do Parque Nacional da Serra do Brigadeiro**. Imprensa Universitária, Viçosa. 26p.
- Crestani, S.C.; Freitas, C.S.; Baggio, C.H.; Marques, M.C.A. 2005. Levantamento do uso de plantas medicinais pela comunidade de bairro Novo Mundo, Curitiba, PR, no ano de 2004. **Jornal Brasileiro de Fitomedicina** 3: 142-148.
- Da-Silva, C.S.P. 2007. **As plantas medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil: Uma abordagem etnobotânica**. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade de Brasília, Distrito Federal. 156f.
- Dean, W. 1996. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 484p.
- Diegues, A.C. & Arruda, R., S.V. (orgs.). 2001. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP. 176p.
- Dorigoni, P.A.; Ghedini, P.C.; Fróes, L.F.; Baptista, K.C.; Ethur, A.B.M.; Baldisserotto, B.; Bürger, M.E.; Almeida, C.E.; Lopes, A.M.V. & Záchia, R.A. 2001. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS - Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 4: 69-79.

- Drummond, G.M.; Martins, C.S.; Machado, A.B.M.; Sebaio, F.A. & Antonini, Y. 2005. **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversas, 222p.
- Engevix. 1995. **Caracterização do meio físico da área autorizada para criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – Relatório técnico final dos estudos – 8296-RE-H4-003/94 “VER. 1”**. Instituto Estadual da Floresta, BIRD/PRÓ-FLORESTA/SEPLAN, 34p.
- Fernandes, J.M. 2007. **Taxonomia e etnobotânica de Leguminosas Adans. em fragmentos florestais e sistemas agroflorestais na Zona da Mata Mineira**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 223f.
- Fernandes, J.M.; Garcia, F.C.P.; Amorozo, M.C. de M.; Siqueira, L.C.; Marotta, C.P.B. & Cardoso, I.M. 2014. Etnobotânica de Leguminosae entre agricultores agroecológicos na Floresta Atlântica, Araponga, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia** 65: 539-554.
- Florentino, A.T.N; Araújo, E. de L. & Albuquerque, U.P. de. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 21: 37-47.
- Fonseca-Kruel, V.S. & Peixoto, A.L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18: 177-190.
- Ganem, R.S. 2011. **Conservação da Biodiversidade: Legislação e Políticas Públicas**. Brasília: Edições Câmara. 437p.
- Gandolfi, E.S. & Hanazaki, N. 2011. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche, Florianópolis, SC. **Acta Botanica Brasilica** 25: 168-177.
- Giraldi, M. & Hanazaki, N. 2010. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 24: 395-406.
- Golfari, L. 1975. **Zoneamento Ecológico do Estado de Minas Gerais para reflorestamento**. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa Florestal da Região do Cerrado. (PRODEPEF. Série Técnica, 3). 65p.
- Guarim-Neto, G. & Morais, R.G. de. 2003. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: Um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica** 17: 561-584.
- Guedes-Bruni, R.R.; Morim, M.P.; Lima, H.C. & Sylvestre, L.S. 2002. **Inventário florístico**. In: Sylvestre, L. S. & Rosa, M. M. T. da. Manual metodológico para estudos botânicos na Mata Atlântica. Rio de Janeiro: Seropédica. 24-49p.
- Hamilton, A.C.; Shengji, J.P.; Kessy, J.; Khan, A.A.; Lagos-Witte, S. & Shinwari, Z. K. 2003. **The purposes and teaching of applied ethnobotany**. People and plants Working Paper 11. WWF, Godalming, UK. 72p.

- Hardt, E.; Pereira-Silva, E.F.L.; Zakia, M.J.B. & Lima, W.P. 2006. Plantios de restauração de matas ciliares em minerações de areia da Bacia do Rio Corumbataí: eficácia na recuperação da biodiversidade. **Scientia Forestalis** 70: 107-123.
- Heidegger, M. 2000. Introdução. In: Fontes, L.E.F. (Coordenador) et al. Simpósio sobre contribuições para a elaboração do plano de manejo integrado e participativo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e entorno. **Anais...**, Viçosa, 141p.
- IEF. 2007. **Plano de manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Instituto Estadual de Florestas. Relatório Técnico. 112p.
- IBGE. 2010a. Araponga, Minas Gerais. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310370>. Acesso em março de 2014.
- IBGE. 2010b. Fervedouro, Minas Gerais. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=312595>. Acesso em março de 2014.
- Laplatine, F. & Rabeyron, P.L. 1989. **Medicinas Paralelas**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense. 120p
- Leite, J.P.V.; Fernandes, J.M.; Favaro, L.B.; Gontijo, D.C.; Marotta, C.P.B.; Siqueira, L.C.; Maia, R.T. & Garcia, F.C.P. 2008. Plantas medicinais no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. **MG Biota** 1: 16-34.
- Leoni, L.S. & Tinte, V.A. 2004. **Flora do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Estado de Minas Gerais, Brasil: Caracterização da vegetação e lista preliminar das espécies**. Carangola. MG. Gráfica São José, v.1. 91p.
- Lewis, G.P. & Owen, P.E. 1989. **Legumes of the Ilha de Maracá**. Royal Botanic Gardens, Kew. 99p.
- Lewis, G.P., Schrire, B.D., Mackinder, B.A. & Lock, J.M. 2005. **Leguminosae of the World**. Royal Botanic Gardens, Kew. 577 p.
- Lima, H.C. de, Queiroz, L.P., Morim, M.P., Souza, V.C., Dutra, V.F., Bortoluzzi, R.L.C., Iganci, J.R.V., Fortunato, R.H., Vaz, A.M.S.F., Souza, E.R. de, Filardi, F.L.R., Valls, J.F.M., Garcia, F.C.P., Fernandes, J.M., Martins-da-Silva, R.C.V., Perez, A.P.F., Mansano, V.F., Miotto, S.T.S., Tozzi, A.M.G.A., Meireles, J.E., Lima, L.C.P., Oliveira, M.L.A.A., Flores, A.S., Torke, B.M., Pinto, R.B., Lewis, G.P., Barros, M.J.F., Schütz, R., Pennington, T., Klitgaard, B.B., Rando, J.G., Scalon, V.R., Cardoso, D.B.O.S., Costa, L.C. da, Silva, M.J. da, Moura, T.M., Barros, L.A.V. de, Silva, M.C.R., Queiroz, R.T., Sartori, A.L.B. & Camargo, R. 2012. Fabaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Disponível em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000115>). Acesso em maio de 2014.
- Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: maio de 2014.

- Lorenzi, H. & Souza H.M. 2001. **Plantas ornamentais no Brasil: Arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 3 ed. Plantarum, Nova Odessa, 1088p.
- Magalhães, V.C.; Da-Silva, D.M.; Silva, F.; Almssy-Jr, A.A.; Martins, M.L.L. & Macedo, T.P. 2009. Levantamento etnobotânico na comunidade rural Sapucaia em Santo Antônio de Jesus, Recôncavo da Bahia, BA. **Revista Brasileira de Agroecologia** 4: 2071- 2074.
- Maioli-Azevedo, V. & Fonseca-Kruel, V.S. 2007. Medicinal and ritual plants sold in street markets of Rio de Janeiro, RJ, Brazil: A case study in the North and South zones. **Acta Botanica Brasilica** 21: 263-275.
- Medeiros, M.F.T.; Fonseca, V.S. & Andreato, R.H.P. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sítios da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18: 391-399.
- Ming, L.C. 2006. **Plantas medicinais na reserva extrativista “Chico Mendes”: Uma visão Etnobotânica**. Universidade Estadual Paulista, SP. Editora UNESP. 139p.
- Monteles, R & Pinheiro, C.U.B. 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra** 7: 38-48.
- Morim, M.P. 2014. Piptadenia in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB31387>. Acesso em: maio de 2014.
- Myers, N.; Mittermeier, R.A.; Mittermeier, C.G.; Fonseca, G.A.B. da & Kent, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403: 853-858.
- Oliveira, F.C.S.; Barros, R.F.M. & Moitaneto, J.M. 2010. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 12: 282-301.
- Parente, C.E.T & Rosa, M.M.T. 2001. Plantas comercializadas como medicinal no Município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia** 52: 47-59.
- Pasa, M.C.; Soares, J.N. & Neto, G.G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu, Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 19: 195-207.
- Paula, C.C. 1998. **Florística da família Bromeliaceae no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, MG – Brasil**. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP. 238f.
- Pereira, C.O.; Lima, E.O.; Oliveira, R.A.G.; Toledo, M.S.; Azevedo, A.K.A.; Guerra, M.F. & Pereira, R.C. 2005. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais utilizadas em dermatologia na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 7: 9-17.

- Pinto, E. de P.P.; Amorozo, M.C. de M. & Furlan, A. 2006. A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica. Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 751-762.
- Polhill, R.M.; Raven, P.H. & Stirton, C.H. 1981. Evolution and Systematics of the Leguminosae. In: R. M. Polhill & P. H. Raven (eds.). **Advances in Legume Systematics, part 1**. Royal Botanic Gardens, Kew. 1-26p.
- Posey, D.A. 1986. Introdução – Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, D. (ed.). **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. p. 15-25.
- Prance, G.T. 1995. Ethnobotany today and in the future. In: Schultes, R. E. e von Reis, S. (eds.). **Ethnobotany**. Dioscorides Press, Portland. 60-68p.
- Prefeitura Municipal de Fervedouro. **Município**. Disponível em: <http://www.fervedouro.mg.gov.br>. Acesso em: fevereiro de 2014.
- Ribas, R. s/d. **Os Puri da Serra dos Arrepiados, hoje Serra do Brigadeiro**. Disponível em <http://www.iracambi.com/portuguese/puris.shtml> Acesso em: dezembro de 2013.
- Ribeiro, C.A. do N. 2003. **Florística e fitossociologia de um trecho de Floresta Atlântica de Altitude na Fazenda da Neblina, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 52f.
- Rizzini, C.T. 1997. **Tratado de fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos**. Âmbito Cultura Edições Ltda., Rio de Janeiro. 747p.
- Rolim, F.A. & Ribeiro, G.A. 2001. Levantamento do potencial turístico do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro - PESB com o suporte em geoprocessamento. In: X SBSR. Foz do Iguaçu, **Anais...**, Paraná, PR, 967-969p.
- Schimmelpfennig, J.; Perin, J.E. & Armiliato, N. 2009. Levantamento de Espécies Arbóreas Frutíferas Nativas de um Fragmento da Mata Ciliar do Rio Jacutinga no Município de Arabutã. **Ágora** 16: 1-8.
- Silva, A.C.O. & Albuquerque, U.P. 2005. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Botanica Brasilica** 19: 17-26.
- Silva, A.J.R. & Andrade, L.H.C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona Litoral, Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 19: 45-60.
- Silva, A.F.; Ferreira Júnior, W.G.; Dias, A.S.; Ribeiro, A.S. de S. & Tinte, B.V. 2006. **Relatório da Flora: Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. Ambiente Brasil Centro de Estudos, Viçosa. 54p.

- Silva, A.C.; Van Den Berg, E.; Higuchi, P. & Oliveira-Filho, A.T. de O. 2007. Comparação florística de florestas inundáveis das regiões Sudeste e Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Botânica** 30: 263-275.
- Silva-Filho P.V. & Brandão, M. 1992. Plantas medicamentosas de uso popular coletadas e comercializadas na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. **Daphne** 2: 39-52.
- Siqueira, L.C. 2008. **Levantamento Florístico e Etnobotânico do estrato arbóreo em Sistemas Naturais e Agroflorestais, Araponga, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Botânica) Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. 118f.
- Soldati, G.T.; Duque-Brasil, R.; Da-Silva, T.C.; Gontijo, F.M. & Albuquerque, U.P. de. 2011. Conhecimento botânico e representações ambientais em uma comunidade rural no Domínio Atlântico: bases para conservação local. **Sitientibus Série Ciências Biológicas** 11: 265–278.
- Souza, E.R. 2014. de Calliandra in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/listaBrasil/FichaPublicaTaxonUC/FichaPublicaTaxonUC.do?id=FB82710>. Acesso em: março de 2014.
- Souza, C.D. & Felfili, J.M. 2006. The utilization of medicinal plants in the region of Alto Paraíso of Goiás, GO, Brazil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 135-142.
- Veloso, H.P.; Rangel-Filho, A.L.R. & Lima, J.C.A. 1991. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Rio de Janeiro. RJ. 123p.
- Vendruscolo, G.S. & Mentz, L.A. 2006. Study of use citations agreement and importance of medicinal used species and families to the community of Ponta Grossa neighborhood, Porto Alegre, Rio Grande do Sul State, Brazil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 367-382.

Apêndices

Apêndice A: Levantamento bibliográfico sobre os usos de Leguminosae. LG = número de espécies de Leguminosae; Cons = construção; Al = alimentar humano; Mad = madeira; Frut = frutífera; Le = lenha; Tec = tecnologia; Med = medicinal; Art = Artesanato; Mist = Místico; Mel = Melífera; Su = Sem uso; Or = Ornamental; For = Forragem do solo; Som = Sombra; Ou = Outros; Pe = artefato de pesca; Sil = utilização na silvicultura; Com = comércio, Cv = Cerca viva; Tox = tóxica; UD = uso doméstico.

Referências	Comunidade	Local	LG	Categorias de uso
Lima et al. 2000	Rural/Pescadores	Guaraqueçaba/PR	38	Al, Mad, Art, Or, Pe, Sil, Mel, Com, Cv
Parente & Rosa 2001	Erveiros de feira-livre	Barra do Pirai/RJ	2	Med
Albuquerque & Andrade 2002	Rural	Alagoinha/PE	24	Le, Med, Mad, For, Tox, Or, Som
Amorozo 2002	Rural	Santo Antônio do Leverger/MT	24	Med
Amorozo 2004	Rural	Santo Antônio do Leverger/MT	11	Med
Fonseca-Kruel & Peixoto 2004	Pescadores artesanais	Arraial do Cabo/RJ	3	Al, Le, Tec
Medeiros et al. 2004	Sitiantes	Mangaratiba/RJ	1	Med
Albuquerque et al. 2005	Rural	Alagoinha/PE	14	Al, Med, Mad, UD
Pasa et al. 2005	Rural	Conceição-Açu/MT	2	Al, Med, Cons, Tec, Mist, Ou
Pereira et al. 2005	Urbana	João Pessoa/PB	1	Med
Silva & Andrade 2005	Urbana	Recife/PE	41	Al, Com, Cons, Mist, Med, Tec, Ou
Vendrusculo et al. 2005	Agentes comunitários de saúde	Porto Alegre/RS	3	Med
Vendruscolo & Mentz 2006	Urbano	Porto Alegre/RS	3	Med
Azevedo & Silva 2006	Feiras livres	Rio de Janeiro/RJ	7	Med, Mist
Christo et al. 2006	Rural	Silva Jardim/RJ	20	Cons, Al, Med, Le
Pinto et al. 2006	Rural	Itacaré/BA	6	Med
Souza & Felfili 2006	Rural	Alto Paraíso de Goiás/GO	14	Med
Florentino et al. 2007	Quintais agrofloretais	Caruaru/PE	17	Med, Or, Al, Mad, For, Som
Maioli-Azevedo & Fonseca-Kruel 2007	Feiras livres	Rio de Janeiro/RJ	6	Med
Borges & Peixoto 2009	Caiçaras do litoral	Paraty/RJ	7	Cons, Al

Referências	Comunidade	Local	LG	Categorias de uso
Oliveira & Trovão 2009	Rituais de benzeduras	Campina Grande/PR	1	Mist
Pires et al. 2009	Terreiro de Candomblé	Itabuna/BA	4	Med, Or, Mist
Carniello et al. 2010	Quintais urbanos	Mirassol D'Oeste/MT	14	Med, Or, Su, Al
Giraldi & Hanazaki 2010	Açorianos do Sertão	Florianópolis/SC	7	Med
Oliveira et al. 2010	Urbano	Jaboatão dos Guararapes/PE	2	Med
Gandolfo & Hanazaki 2011	Urbano	Florianópolis/SC	6	Al, Med, Su, Tec, Le
Saldati et al. 2011	Rural	Viçosa/MG	24	Mad, Tec, Le, Art, Mist, Mel, Al;
Lima et al. 2012	Geraizeiros do Norte de Minas	Rio Pardo de Minas/MG	7	Mad, Frut
Oliveira & Menini-Neto 2012	Rural	Lima Duarte/MG	3	Med
Liporacci & Simão 2013	Quintais Urbanos	Ituiutaba/MG	1	Med

APÊNDICE B

FICHA DE CADASTRO DOS ENTREVISTADOS

1. ENDEREÇO

Data: ____/____/____

Nome do/a informante: _____

Comunidade: _____ Município: _____

2. CARACTERIZAÇÃO SÓCIOECONÔMICA DOS ENTREVISTADOS

Naturalidade: _____

Idade: _____ : escolaridade: _____

Ocupação: _____

Sempre residiu em zona rural? Sim () Não ()

Em caso negativo quanto tempo? _____

Há quanto tempo reside na propriedade? _____

Rota de migração: _____

Ascendência:

Pai: _____ Mãe: _____

3. DADOS SOBRE OS OUTROS RESIDENTES NO DOMICÍLIO

Nome	Parentesco	Idade	Sexo	Estado civil	Escolaridade	Ocupação

APÊNDICE C

FICHA DE LEVANTAMENTO DAS ESPÉCIES

Nome do/a informante: _____

Data: ____/____/____

Nome popular	Utilização	Parte utilizada	Procedência do recurso	Origem do conhecimento

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre conhecimento popular. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética da Universidade Federal de Viçosa pelo telefone (31) 3899-2492.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto:

Pesquisador Responsável:

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar):

Pesquisadores participantes:

Telefones para contato:

Nome e Assinatura do pesquisador: _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/ CPF/ _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como informante, disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos e fotografias, desde que não me exponha perante a comunidade. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador _____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Conclusões Gerais

No estudo florístico e etnobotânico realizado no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais e entorno foram identificadas 100 espécies de Leguminosae, incluindo nativas (92%) e introduzidas (8%), distribuídas em 42 gêneros e 14 tribos.

A maioria das espécies amostradas é arbóreas (42%), mas são encontradas também lianas (17%), subarbustivas (15%), arbustivas (12%), herbáceas (11%) e trepadeiras (3%).

O estudo florístico (Capítulo I) amostrou uma riqueza maior de Leguminosae (79 espécies, 33 gêneros) quando comparado ao etnobotânico, no Capítulo II (56 espécies, 28 gêneros), mostrando que o potencial de recursos naturais desta família é maior que o utilizado.

Papilionoideae é a subfamília mais representativa em ambos estudos, seguida de Mimosoideae e Caesalpinioideae. Os gêneros mais representativos são *Senna* (9 espécies) e *Inga* (8 espécies).

Dos táxons identificados no levantamento florístico do PESB, 34 não constam nas listagens publicadas em levantamentos realizados anteriormente, mostrando que a riqueza de Leguminosae está subestimada para o Parque e seu entorno, evidenciando a importância deste tipo de estudo para o levantamento da biodiversidade.

Cerca de 40% das espécies amostradas no estudo etnobotânico não constam do estudo florístico e são obtidas de fragmentos florestais e quintais localizados no entorno do PESB. Fica nítida a importância destas fontes de recursos naturais, que auxiliam na preservação da biodiversidade.

No estudo etnobotânico foram estabelecidas 14 categorias de usos para espécies de Leguminosae sendo a mais importante “alimento para o homem” (15 espécies). As espécies com maior número de citações para esta categoria são: *Inga marginata* Willd. e *Inga vulpina* Mart. ex Benth. com 15 citações cada.

Piptadenia gonoacantha é a espécie que apresenta maior reconhecimento pelos informantes (21). Esta espécie está representada em quatro categorias de usos: cerca, construção, lenha e outros usos.

A família Leguminosae está bem representada no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro apresentando uma riqueza de espécies significativa. Os moradores do entorno

utilizam as espécies desta família em suas atividades diárias e esse conhecimento a respeito dos usos das plantas ainda se faz presente nas comunidades estudadas.

O conhecimento a respeito do uso de espécies de Leguminosae por comunidades do entorno do PESB foi adquirido através de costumes passados de geração para geração e estão sendo mantidas até os dias atuais.